# Revista LiteraLivre©

Distribuição Gratuita

ISSN: 2595-363-X

Vol. 05 - nº 25 - Jan./Fev. de 2021

*Literatura com Liberdade*

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 5, nº 25 – Jan./Fev. de 2021.
ISSN 2595-363X
SNIIC: AG-67335
Jacareí - SP - Brasil

**Expediente:**

**Publicação:** Bimestral

**Idioma:** Português

**Distribuição:** Gratuita online em pdf

**Conselho Editorial:** Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

**Editora-chefe:** Ana Rosenrot

**Diagramação:** Ana Rosenrot – Alefy Santana

**Suporte Corporativo:**
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

**Revisão:** *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

**Imagens:** as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

**Capa:** Pixabay

**Site da revista:**
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

**Contato:** revistaliteralivre@yahoo.com

**Página do Facebook:**
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo:
Ana Rosenrot – SNIIC: AG-67162

**A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.**
**Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.**

**Direitos Autorais:**
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

*A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.*

**Edições (atual e anteriores):**
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

*© Todos os direitos reservados*

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

# EDITORIAL

Queridos(as) amigos(as), finalmente chegamos em 2021 e é com alegria que trago hoje a nossa edição de 4.º aniversário, a 25.ª edição.

Apesar de todas as dificuldades que enfrentamos no ano passado, conseguimos manter o compromisso de levar Literatura com Liberdade para os quatro cantos do mundo, no momento em que a arte se tornou essencial.

Quero agradecer aos amigos(as) que prestigiam nosso trabalho, nos enviam seus melhores textos e artes, leem, assinam, indicam aos amigos, divulgam com muito carinho e nos enviam lindas mensagens de incentivo.

Nesta edição, além de uma infinidade de textos incríveis de todos os lugares, temos ótimas dicas e oportunidades para autores e leitores:

– Convocatória para a Segunda Edição da Antologia Devires Poéticos.

– Chamada para o Suplemento Especial da "Revista SerEsta".

– Inscrições para a Folhinha Poética

– Concursos da Elemental Editoração com participação gratuita

– Canal da Drª Plague (youtube)

– Projeto "Cartas para a Vida", uma linda iniciativa, onde autores escrevem cartas de incentivo e esperança aos que precisam de uma palavra amiga.

Parabéns aos autores(as) selecionados! Obrigada novamente aos leitores(as)! Continuem conosco em 2021!

Aceite o desafio de “mudar o mundo através das palavras”!

Não se esqueçam de se cuidar. Se cada um fizer sua parte, conseguiremos vencer o vírus e retomar nossas vidas!

Abraços poéticos!!

*Meus agradecimentos especiais vão para os queridos Marcos Andrade e Maria Toinha, pelo envio do maravilhoso livro “A Mística dos Encantados”. Obrigada pelo “mimo”! Sucesso!!*

Ana Rosenrot
Editora-chefe

## Neste Número:

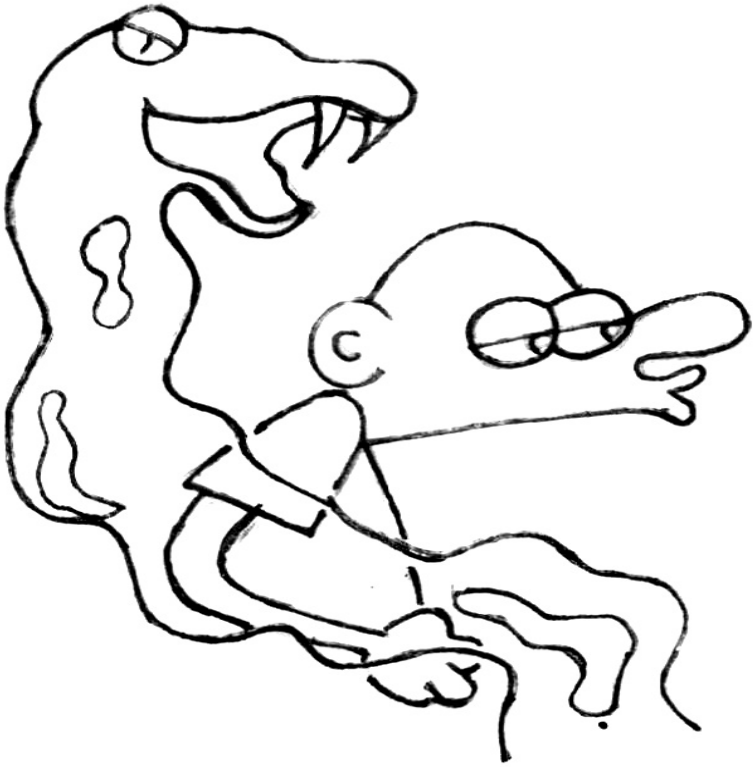

Haikai Engraçadinho.....3
**Jorginho da Hora.....3**
Carmem Teresa do Nascimento Elias.....4
**Aquarela.....4**
Roberto Schima.....5
**Arte (desenho).....5**
Adilson Fernandes.....6
Alberto Arecchi.....7
Alessandra Cotting Baracho.....9
Alexia de Melo Miguel.....10
Alvaro Daniel Costa.....11
Amélia Luz.....12
Ana Flávia Alves.....14
Ana Maria Fázio de Freitas.....15
Anderson Batista.....16
Antonio Ferreira.....17
Brendda Neves.....18
Bruno Manuel Henriques de Sousa.....19
Carlos Jorge Azevedo.....20
Carmem Aparecida Gomes.....21
Carmem Teresa Elias.....22
Caroline Cristina Pinto Souza.....23
César Aquino Bezerra.....24
Chagas Conceição.....25
Charles Burck.....28
Cleidirene Rosa Machado.....29
Daniela Genaro.....30
Déa Araujo.....31
Dryyca Marques.....32
Edna das Dores de Oliveira Coimbra....33
Eduard Traste.....34
Edvaldo Santos Felix.....35
Edweine Loureiro.....36
Eni Rivelino.....38
Enzo Lovato.....40
Evandro Nunes.....41
Fábio Daflon.....42
Gabriel Alencar.....43
Gabriel Alves de Souza.....46
Gabriella de Sousa Tavares.....48
Gedeane Costa.....50
Gérson Augusto Jr.....51
Guilherme Hernandez Filho.....52
Iolly Aires.....54
Isabel Cristina Silva Vargas.....55
Ivo Aparecido Franco.....56
JAX.....57
Jeane Tertuliano.....59
Jeferson Ilha.....60
Joedyr Bellas.....61
José Manuel Neves.....63
Joyce Nascimento Silva.....64
Juliana Moroni.....65
Kaique Bernardo Athayde Passos.....67
Karine Dias Oliveira.....68
Leandro de Assis Nascimento dos Santos
e Luciana Barros Mendes.....69
Leandro Emanuel Pereira.....72
Luanaly.....73
Luciane Leal.....76
Luís Amorim.....77
Luiz Roberto da Costa Júnior.....80
Malinga Dambo.....81
Marcelo Rabelo de Souza Menezes.....82
Marcos Andrade Alves dos Santos.....85
Marcos Nunes Loiola.....86
Marcos Pontal.....88
Maria Carolina Fernandes Oliveira.....89

Maria Catarina de Sousa Martins Canas .....90
Maria Elza Fernandes Melo Reis.....92
Maria Moura dos Santos.....93
Maria Pia Monda.....96
Mayanna Velame.....98
Nanci Ricci.....99
Nazareth Ferrari.....103
Nercy Grabellos.....104
Otto Vasco.....105
Ovidiu-Marius Bocsa.....106
Paulo Cezar Tórtora.....107
Paulo Dourian Pereira de Carvalho.....108
Paulo Luís Ferreira.....109
Paulo Vasconcellos.....113
Pedro Guerra Demingos.....114
Rafael Luiz dos Santos.....115
Raimundo Nogueira Soares.....116
Rian Lucas da Silva.....117
Ricardo Ryo Goto.....118
Roberto Schima.....119
Rogério Costa.....122
Rosa Maria Soares Bugarin.....123
Rosalina Lopes Pires Fialho.....125
Rosangela Maluf.....126
Rosangela Mariano.....129
Rosimeire Leal da Motta Piredda.....130
Sandra Modesto.....131
Sigridi Borges.....132
Tauã Lima Verdan Rangel.....133
Teresa Azevedo.....134
Valéria Vanda Xavier.....136
Vanderlei Kroin.....139
Vitor Sergio de Almeida.....140
Vitória Ferreira.....141
Willian Fontana.....142
Yuki Eiri.....147
Artista do Mês.....150
**Andy Warhol.....150**
Artigo.....151
**Sobre costurar a Mística dos Encantados, com Maria Toinha.....151**
Inscrições Abertas: Edital Antologia Devires Poéticos – 2 Edição.....153
Participem da "Folhinha Poética".....154
Inscrições abertas para o Suplemento Especial da Revista Seresta.....155
Conheçam o Canal da Dr. Plague.....156
Oportunidade: todos os concursos da Elemental Editoração com participação gratuita.....157
Participem do Projeto "Cartas para a Vida".....158
LiteraAmigos.....159
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....166

# HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**A rigor,**
**o monóxido de carbono**
**não tem cheiro nem cor**




**Jorginho da Hora**
**Simões Filho/BA**

**Carmem Teresa do Nascimento Elias**

**Rio De Janeiro/RJ**

# Aquarela

**Roberto Schima**

**Salto/SP**

**Arte (desenho)**

**Adilson Fernandes**

# Labirinto

Fundo
mais fundo que a curvatura do céu
o centro do mar
o interior do fruto
é o doce abismo
o labirinto imenso do teu olhar
onde o meu se afunda se perde
para eu me elevar
para eu me encontrar, em verde
espasmo
como o fio de Ariadne nas mãos de Teseu.

**Alberto Arecchi**
**Pavia – Itália**

# O Dia das Cores

Um dia, ao acordar, cada cor tinha-se transformada em sua complementar. O céu estava rosa e amarelo, as pessoas tinham a pele cianótica, a grama tinha virado vermelha.

Dois ratos olhavam-se assustados ao ver a pele quase fluorescente um do outro. Eles pareciam desenhados em néon. Uma abelha listrada em branco e roxo ia voando como louca. A água do arrozal refletia a cor amarela do céu. Uma rã de cor vermelha incendida olhou para um mosquito, branco como a neve. Ela reagiu instintivamente, estendeu sua língua e pegou. O sabor era bom, como o de um bom mosquito. O batráquio então soube que deveria manter um olho sobre as pequenas criaturas brancas esvoaçantes... Pouca a semelhança com os insetos do dia anterior, mas mexiam-se como eles e tinham o mesmo sabor. Mesmo a rã, porém, que ficava vermelha, também apareceu como uma boa presa para o corvo branco, que passou a devorá-la.

Nádia acordou com um susto. Um mês antes, ela havia pintado seu quarto de cor-de-rosa e agora aparecia esverdeado, com um tom um pouco lívido, na luz da manhã. Esfregou-se os olhos, mas o efeito não foi alterado. Ela foi até a cozinha para fazer café e descobriu que todas as plantas ficavam vermelhas. O pote de café era opaco, quase preto, enquanto o pó de café aparecia azulado. O gato de casa saltou de um móvel para outro em um ambiente que via estranho, como uma nave espacial. Em seguida, ele reconheceu seu cheiro em um canto do tapete, e ele se acalmou.

Começou a chuva. As gotas iridescentes pareciam diamantes multifacetados. Onde batiam, deixavam sua marca. Quebravam as janelas, esburacavam os guarda-chuvas e os telhados dos carros. Parecia ter chegado o dia do fim do mundo.

Foi então que as águas do rio também começaram a mudar sua cor. Depois de tantas décadas de assédio, roubo de água e sujeira de todos os tipos em suas águas, ele decidiu se vingar, com a escolha de sua cor. Um filete um pouco mais brincalhão escolheu tornar-se amarelo, depois rosa, depois vermelho, enquanto outros optaram pela variedade dos verdes. As tranças de água foram como um arco-íris colorido, ou como esses fios de algodão, mexidos de todas as cores, a partir dos quais você pode escolher os tópicos para remendar.

As águas borbulhantes pareciam gozar de um carnaval repentino de alegria. Então, todos os córregos do rio remexeram-se juntos e assumiram uma mesma cor azul, como a tinta da caneta estilográfica. O sol batia nas vagas e nos redemoinhos e traia milhares de reflexões. Foram surpreendidos os pescadores. Ainda mais foram surpreendidos os peixes. A notícia se espalhou rapidamente. O rio de águas coloridas batia contra os pilares da ponte, e todos foram para vê-lo.

Os redemoinhos de água e os arabescos traçados na areia das praias eram como a escrita ágil de uma mão experiente. Os marcos tomaram forma e tornaram-se palavras. Os riachos delineavam mil, dez mil, cem mil vezes, as mesmas palavras, durante todo o curso do rio, "Basta! Chega! Basta!" Basta com a poluição? Com as guerras? Cada um interpretou a expressão como ele desejava. Todo mundo tinha alguma razão para dizer "basta" e, portanto, quase todos concordaram com o rio.

Apenas o aterro de resíduos, que manchava o panorama e infetava a cidade, não se virou. Enorme, inchado, fedendo como sempre, o aterro resistiu e não mudar de cor, ficando cinzento e sombrio. Suas exalações mefíticas contaminavam o ar, as escórias ficavam sem se rebaixar, no tempo, como vestígios para toda geração futura. Aqui irão se passar as escavações arqueológicas da posteridade, para reconstruir a cultura e a história da nossa civilização.

https://www.liutprand.it

**Alessandra Cotting Baracho**

**Maceió/AL**

# Carta de amor nº 7

Meu anjo,

São nove horas e o céu começa a atingir aquele tom de cinza escuro que me apavora; com ele a recordação de tudo, até o mais ínfimo caminho me vem rompendo o véu do esquecimento. Acabo de retornar de Gondola e o que me invade o peito nesse instante é um misto de tristeza e alegria. Saímos vitoriosos, apenas duas perdas, o que é um saldo positivo; no entanto, sentirei falta do Antunes, ele contava as melhores histórias, mesmo me dando asco vê-lo falar com aquele palito pendendo no canto esquerdo da boca; muitas vezes me perdia no que estava sendo narrado porque me concentrava nas gotas de saliva que ficavam escorrendo, indo e voltando, conforme ele balançava a cabeça pra trás; sorria com o corpo todo, o babaca. O outro eu não conhecia bem, mas é válido saber que se chamava Romero; toda honra e glória para ele.

Perdoe-me pela demora em responder-te; sinto o peso da caneta me chamando feito um pedido de socorro, mas não pude vacilar, nem por um instante; devo dizer que foram dias difíceis, ainda mais com esta saudade que me toma a cada momento de descanso. Não sei se vou sobreviver a sua ausência, está tudo tão frio e cálido que me faz confundir o tempo com a morte. Escrevo-te agora como quem agoniza; não pela falta de um membro e sim pela falta de um tudo, um tudo que resume o meu desejo de encontra-te, o tudo que será a nossa vida quando isso acabar, quando a claridade do céu for apenas a do poente e a dos raios de sol que surgirão a saldar tua beleza junto a mim. Quando o barulho cessar e tudo que eu puder ouvir forem meu nome em teus lábios, esse será meu paraíso.

Peço, meu amor, que não me culpe por me apaixonar a este ponto por ti, não foi escolha minha; nosso destino fora marcado desde sempre; estou certo de que uma conspiração dos céus fez de nós duas almas que se unem. Saiba que se eu não mais voltar aos teus braços nesta vida, levarei teu coração para o infinito e um dia irei de novo entregar-te.

Obrigado pelo amor que me confias, o estimo muito mais do que podes mensurar.

Teu único e verdadeiro amor,
Fred.

https://www.facebook.com/cottingbaracho
https://www.instagram.com/alessandra_cotting_baracho/?hl=pt-br

**Alexia de Melo Miguel**
**São José/SC**

# Sem destinatário

*Oi, de novo*

*Eu sempre soube que não estava à sua altura. E, na verdade, nunca estarei. A mínima esperança em um futuro ideal se desfez como quando um fósforo riscado queima até seu derradeiro fim. Observações E admiração: apenas sobre isso o meu sentimento se assentou. Porém, não bastam conjecturas para concretizar fantasias. A minha ausência de coragem não pode conviver com a sua bravura.*

*Mas, devo-lhe agradecer por me provar que eu posso sentir essa emoção instável e complexa que muitos chamam de amor, sem, no entanto, gozar da sua correspondência. Você, definitivamente, despertou uma parte desconhecida de mim, um desejo pelo novo. Esta, de certo modo, é uma cara de despedida da única parte que conhecia – ou achava que conhecia – de você, dentre tantas outras que não possuo o mérito de adentrar.*

*Não há necessidade de resposta. Apenas aceite como um presente.*

*Escolha a saudação que lhe convier,*

*A.*

**Alvaro Daniel Costa**
**Ponta Grossa/PR**

# Haverá amanhã?

A melancolia e a tristeza tomam conta do meu ser
Essa sede incessante de justiça
Me faz refletir

Por que tanto egoísmo?

Não querem escolas
Não querem a natureza
Não querem saúde
Não querem educação
Não querem o amor

Semeiam o ódio
Semeiam o desprezo
Semeiam o preconceito
Semeiam o rancor

Até quando os podres políticos se vingarão dos mais necessitados?
Até quando nos calarão?

No meio do silêncio expectante
A súplica de um povo que sofre
e a esperança que amanhã será um dia melhor

Haverá amanhã?

**Amélia Luz**
**Mariana/MG**

# CRÔNICA: CATATAU

*(Para Paulo Leminski)*

A noite era pequena para os seus sonhos eletrizantes. Caía a madrugada e ele perdido entre letras e metáforas trabalhava no seu ofício com servidão. Às vezes ele parecia calmo, outras ele parecia agitado e inquieto no seu processo de criação. Gênio, não se cansava nunca! Dedilhava com entusiasmo e arte o velho violão, companheiro fiel da sua solidão de poeta.

A palavra era a sua lâmina sangrando veias de onde escorriam mananciais de versos conferidos de polêmicas vitórias.

Sua existência não foi vã, embora incompreensível, vazou a lápide no canto imortal, cristal transparente, além da tumba...

- "Catatau", saia debaixo do braço do autor, chegue mais perto, chegue... Permita-nos entendê-lo na sua complexidade léxica!

Peleja criativo o poeta no seu verso universal buliçoso e alvissareiro na "Metamorfose" da vida que o fez assim, célebre escritor!

Sinaleiro de uma geração sem rumo seguiu trafegando nas veredas da contramão, ditador de um tempo, persistente que era nas suas certezas...

Vestimos hoje o colorido alegre das suas idéias (in)questionáveis.

Somos uns bandos de inocentes galopando irreverentes em suas trilhas, multiplicadores das suas verdades, sucedâneos vigilantes da sua memória.

Sem gravatas e honrosas pompas lambuzamos nossas mãos na matéria prima que para nós deixou argila fresca com a qual construímos silêncios, vozes e manifestos transbordados em copos de essências puras.

Embebedamos a nossa consciência numa eterna alvorada, "Sintonia para pressa e presságio".

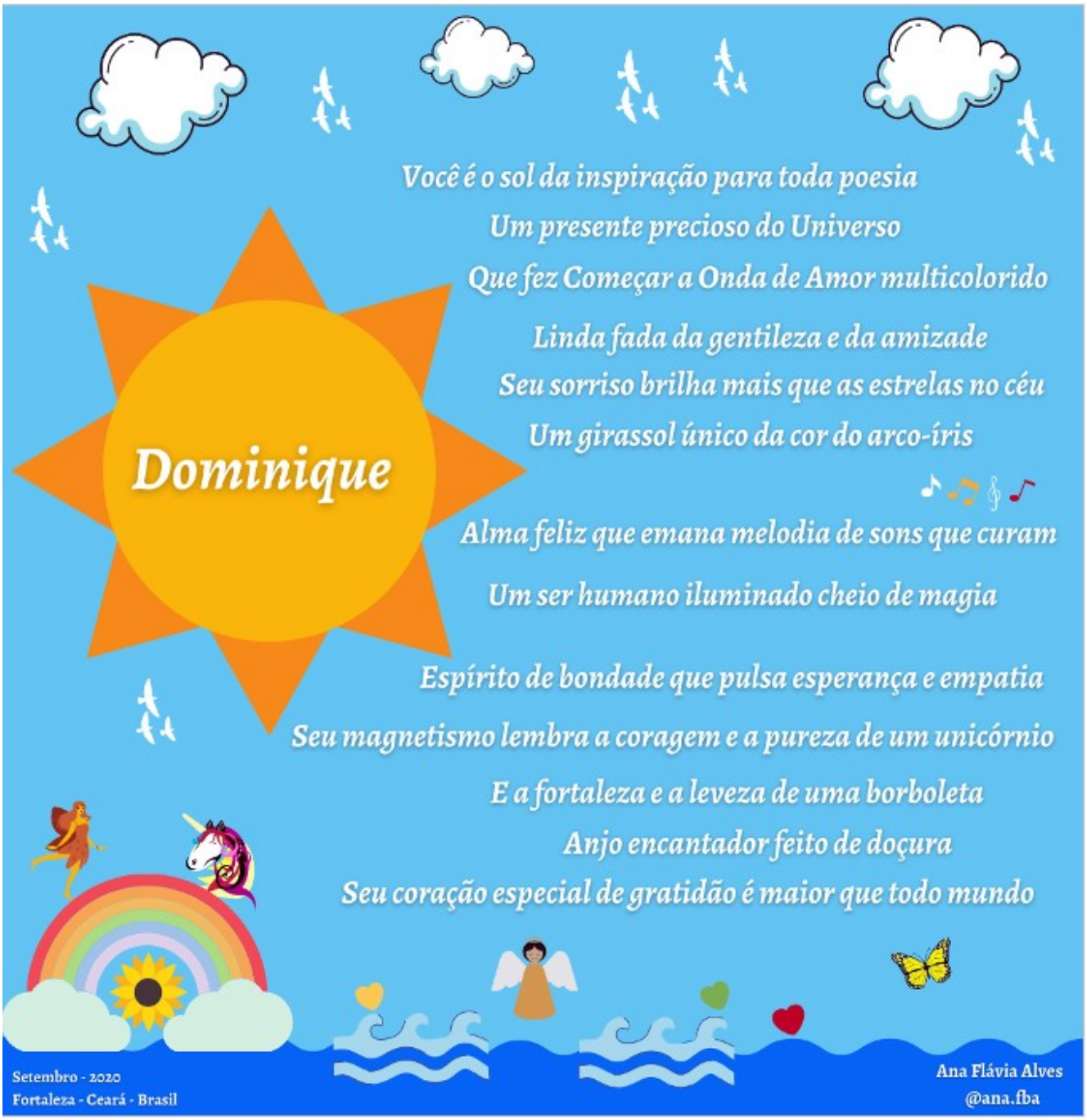
Dos seus lábios não há mudez de morte. Há um grito poderoso a ecoar levando-nos a velar sempre pela preciosa obra literária que herdamos das suas mãos de mestre.

"Paulo, tu és pedra" Paulo,
filosofal, literária ou poética,
"sobre ti edificaremos"
nosso castelo de sabedoria...

**Ana Flávia Alves**

**Fortaleza/CE**

# Dominique




ana.fba@hotmail.com

https://www.facebook.com/anaflavia.alves.33/.

@ana.fba

**Ana Maria Fázio de Freitas**
**Assis/SP**

# Triste silêncio

Ah! Triste silêncio que atormenta almas
Com seu pincel descolorindo o mundo,
Com tons escuros manchando-as, desalma,
Deformando sentimentos profundos.

Vai sombreando corações moribundos,
Desbotando ilusões, pintando traumas.
Ah! Triste silêncio que atormenta almas
Com seu pincel descolorindo o mundo.

Tingindo os sonhos, roubando a calma,
Borrando no peito o amor profundo.
A magia das cores já não mais acalma
Ocultando vidas em um submundo.
Ah! Triste silêncio que atormenta almas!

https://www.facebook.com/anadefreitas.freitas.3/

**Anderson Batista**
**Rio de Janeiro/RJ**

# A Casa

Éramos apenas três
procurando uma casa,
guerreira mãe batalha
pelo feijão e arroz no prato.

Conseguimos uma casa.
Estava quase caindo
Suja e mal acabada
Janelas quebradas
Telhado furado
Era um pequeno espaço
Mas a conquista já era imensa.

Mãe lutou na prefeitura.
Conseguimos! Reformamos!
Mas era um cômodo, quase não dava os três.

Aos poucos ficou bonita,
comprou a mesa sem cadeiras,
geladeira meio inclinada
e a cama de solteiro bem encostada.

Nas chuvas fortes
me recolhia embaixo da mesa.
Me sentia seguro nas tempestades
de granizo quebrando as telhas de amianto.

Havia uma cômoda
Onde ficava a tv preto e branco de 5 polegadas.
Essa era nossa casa
Esse era o nosso espaço.

No bom quintal
Ideal solo fértil
Plantou! Cresceu! Deu seus frutos.
Maracujá, eram bem grandes.
O pé crescia cada vez mais
No emaranhado tampava toda a pequena casa
Vendíamos dez centavos cada
Para o nosso pão de cada dia.

De vez em quando o fogão era a lenha
A janta feijão com farinha
Nem sempre era a de linhaça
Mas em tudo ao Senhor dávamos
Graças.

A favela era entrelaçada
Com drogas, tráfico e armas.
Apesar de nossa pobreza
Contraste entre a riqueza
Dos que vendiam pó mágico
Ela nos ensinou o certo e o errado.

Ainda eu me lembro
Apesar de ser tão pequeno
Lembranças de nossa casa
Nossas vidas, as lutas, as conquistas.
O amor, as brigas, os carinhos, os sorrisos.
Aos pouquinhos, mãe melhorando nossa casa.

**Antonio Ferreira**
**São Miguel do Tapuio/PI**

# Minha vida e meus amores

Minha vida é árdua,
eu sei que é cansativa.
Amores, nem sempre
amores;
muitas vezes cheia
de amargores,
mas procuro amar com muito fervor.

É o amor que nos faz sorrir.
Nas minhas viagens sem destino certo,
sem saber pra onde ir, vou ao léu...vou ao léu.
Para quem a vida mal conhece,
reconheço e vivo o que me apetece.

Sabendo que amores são uma exalação do meu
íntimo algoz
que me faz acreditar em flores,
sendo que a vida é feita só de nós;
nós que se entrelaçam
e me cegam... que me cegam.

Vida cheia de males que me ofuscam;
que me faz descobrir sua face erma
através dos enganos e tropeços em si
mesma.
Amores que reverberam, egos que um ao
outro se dilaceram...
um ao outro se dilaceram.

Já amei e chorei por alguém,
já aprendi que o amor é uma exalação,
uma exalação de mim mesmo;
quanto ao que emito, sobre o que sinto,
sobre tudo que meu coração deseja por
dentro... deseja por dentro.

Não vou mais amar,
a menos que o amor me ame de todo seu
coração;
não vou mais sofrer decepção,
nem ceder lugar a uma mera paixão...
uma mera paixão...sim, uma mera paixão.

**Brendda Neves**
**Vila Velha/ES**

**Bruno Manuel Henriques de Sousa**
**Santa Maria (Viseu) – Portugal**

# Moulin Rouge

No compasso descompassado da bailarina
Os olhos agitam-se em arabescos gulosos
Que se esquivam nos sorrisos desdenhosos
De americanos ricos com cabelo de gelatina.

Um corpo que esvoaça e nele se empina
Defronte de businessman escrupulosos
Que sobem a escadaria descendo vertiginosos
Pelo corpo da belle femme de pele macia.

Ah Toulouse-Lautrec! Como te compreendo.
A vida palpita neste Montmartre artístico
Em que mergulhei e náufrago quero sendo.

A tela é curta num lugar tão místico
Pleno de versos que na cabeça vou escrevendo
Pensando em  Bacon e no seu humor cabalístico.

**Carlos Jorge Azevedo**
**Santa Marinha do Zêzere- Baião- Portugal**

# Distância

Procurei-te no canto predileto
Junto ao mútuo amigo o nobre mar…
Em terra sem contacto nem afeto
A vida transformou-se num penar!

Perguntei às ondas onde andarias
Responderam-me no seu sussurrar
Que pelo céu e por lá ficarias
Até a confusão se dissipar.

Na ausência de toque que aí reinava
Tu fugias de nosso mundo tão louco
E dizias que nele se delirava.

Como então a distância imperava
Afirmavas que por tanto e tão pouco
Tua alma bem livre no azul restava.

**Carmem Aparecida Gomes**
**Ipameri/GO**

# Caricias

Num primeiro instante aquele toque quase sobrenatural...
Suas mãos nos meus cabelos escorregando sem rumo e sem direção.
Sinto o seu respirar, o seu cheiro excitar-me...
Tornam os nossos pensamentos único e nossas almas uma só.
Suas carícias entre minha pele e minhas vestes provocam arrepios, fecho os olhos e sinto a minha face enrubescida e febril.
Quase perco o sentimento.
Enquanto suas mãos caminham em meu corpo é como se o sol nascesse dentro de meu peito.
De olhos fechados desejo os seus lábios e com o meu instinto de fêmea toco a sua boca bem devagar para logo provar o néctar dos deuses.
É nesse momento que percebo que sou viciada em você.
Completamente Irracional!
Eu te quero do inicio da noite até o amanhecer sem adormecer, inconsciente com as carícias de seus lábios pelo meu corpo.
Quero embriagar-me degustando o néctar dos deuses até desfalecer com as suas carícias.

**Carmem Teresa Elias**
**Rio de Janeiro/RJ**

# Briga De Travesseiro, Paineira e a Saudade

Já viu a paineira lá no fundo do quintal?
Nós não temos mais o tempo que tínhamos
Mas olhando-a novamente toda florida
Posso dizer que nada a sucedeu igual.

Lembra-se das nossas travessuras
Quando brincávamos de esconderijo em seus galhos?
Lembra quando escrevi o seu nome
Na altura de seu ombro?

Lembra quando apanhamos muito
Por folgar em guerra de travesseiro
Espalhando as painas pelo chão?!

Naquela época, a primavera tinha cor de flores
E a saudade ainda era toda rosa...
Nossos passos eram leves
Entre a maciez dos frutos que pegávamos

E a Vó gritava lá pra fora:
Corram, corram, colham tudo antes do vento!
Que Saudade!
Como era bom o seu sorriso colorindo o tempo!

**Caroline Cristina Pinto Souza**
**Botucatu/SP**

# Tributo A Beethoven

Seus franzinos dedos em melíflua sangria, tecla por tecla no ajuste da ternura
Opacos olhares, sonata sombria, os graves imperam na partitura toda rabiscada, impura.
Na nuca, a óbvia pista - vértebras salientes destrincham a mania febril
Afissurado, egoísta, devora os movimentos, a melancolia inaugura o bethoviano trio.
Tanto choro, grito … A batalha profunda, corriqueira, no inquieto piano
Acústico, erudito, valsam as notas num ritmo ora inibido, ora insano.

A lua, ao longe, o fita, ilustrando o meio, resgatando-o do vago opaco
Oblíqua visita - ainda que exteriorize seus vícios: o frasco vazio contíguo ao tabaco;

Lida com eles, noites a fio, porém, a música o socorre - de maneira ágil, sutil
Urge o compasso turbulento, as colcheias duelam momento a momento,
Acordes... arpejados... ascendentes, o lírico ao drama sobreposto
Ritardando o coeficiente, a sonata se despede, o final composto.

**César Aquino Bezerra**

**Canutama/AM**

# Valente

Existe uma voz
Que me pede, "sê, valente"
Eu choro, porque tudo que quero
É desistir, ficar imóvel

Ouço esse som, que me chama à vida
Mas apesar de insistente,
Tem que lutar com as outras vozes
A minha própria, aliás
Que me pergunta porquê fazer isso
Pra quê?

Já perdi tanto, e isso me fere todos os dias
Que daria tudo pra voltar
E mudar os últimos anos
Pra voltar a sorrir
E ver a vida com outros olhos

Preciso ouvir aquela voz
De verdade

http://www.facebook.com/PseudopoetaCAB/

**Chagas Conceição**

**Canaan, Trairi/CE**

# A Mística Dos Encantados: Uma Escrevivência Fantástica

José Saramago nos diz que todo mundo é um escritor, a diferença é que uns escrevem e outros não. Partindo desse ponto, podemos afirmar que todas as pessoas têm uma história para contar. Pode até ser que não interesse a alguns, mas essas histórias existem e todas elas são dignas de ser contadas. É possível também que muitas delas não tenham a oportunidade de ser relatadas. E há tantas histórias (ou estórias, como os autores deste livro preferem) que estão sendo esquecidas por conta de falta de quem as registre. E essa falta de registro escrito faz com que muitas dessas belezuras se percam e o mundo fique mais pobre de encantamentos.

Por sorte, a história de dona Maria Toinha não vai se perder, pois com "A mística dos encantados" fica a certeza de que quando ela se desencarnar, suas palavras ficarão entre nós para nos ensinar poeticamente sobre os antigamentes.

"A mística dos encantados" é um livro de memórias. E eis o segundo desafio. Digo o segundo, porque o primeiro foi justamente escrever o livro. Não é fácil escrever um livro de memórias, afinal são retalhos que precisam ser costurados, e diga-se, foram costurados com maestria.

Mas voltemos ao segundo e mais difícil desafio. Henry Bugalho afirma que escrever um livro não é a parte mais difícil. O difícil é encontrar leitores. E isso, logicamente se torna muito mais complicado em um país como o nosso, que não possui tradição leitora. E essa dificuldade aumenta mais ainda quando o livro trata das memórias de uma mulher nordestina, pobre, preta, mãe de santo e, consequentemente desimportante. Ao juntarmos todas essas características em uma pessoa só, percebemos que cada uma delas carrega uma montanha simbólica de desvalorização em um país como o Brasil. Um país de tradição escravagista, elitista, pautado em falsos moralismos religiosos ortodoxos não pode aceitar encontrar beleza e valoração nas histórias dos condenados da terra, para citar Frantz Fanon.

E nisso está parte da beleza do livro. Ele é resistência. Ele mostra que nossas histórias são muito mais ricas de sentidos e de belezas do que

julgam os ditames das sociedades de castas.

Conceição Evaristo, escritora brasileira conhecedora das lutas e dificuldades dos desimportantes se utiliza do termo "escrevivência" para caracterizar suas narrativas. Já a literatura latino americana possui uma corrente denominada "Realismo mágico ou fantástico", corrente essa que tem em Gabriel Garcia Márquez, escritor colombiano autor de Cem anos de solidão um de seus maiores representantes. Palmilhar cada página de "A mística dos encantados" é se encontrar, de certa forma com essas duas vertentes. Primeiro, porque os relatos de dona Maria Toinha são pura escrevivência. E o que são suas vivências com os Encantados senão relatos de realismo fantástico. Leiamos "A casa dos espíritos", da escritora chilena Isabel Allende e nos depararemos com histórias semelhantes aos encantados de dona Maria Toinha. Semelhantes, não iguais. Há muitas diferenças.

Dona Maria não teve a oportunidade de estudar em escola formal, portanto não teve a oportunidade de dominar as letras. Sendo assim, suas estórias, para ganharem forma de livro precisaram de ajuda. E essa ajuda veio por meio de seu neto, Marcos Andrade. Essa simbiose avó-neto gerou um produto valoroso que ganhou um toque especial com a sensibilidade das ilustrações de Sophya Pinheiro.

Ao colocar as escrevivências da avó no papel, Marcos foi costurando uma colcha de retalhos de memórias. Alinhavando os pontos ausentes por meio de uma escrita poética nitidamente influenciada por Manoel de Barros, poeta da desimportância. E a escolha não poderia ter sido melhor. Quem melhor para apadrinhar as desconstruções, os desaprendizados e elevar histórias de desimportantes a auras de santidade?

Desaprender! Desaprender sempre para reconstruir a história sob o ponto de vista dos que foram massacrados. Essa é a maior contribuição de "A mística dos Encantados". Mostrar que as pessoas desimportantes têm o que contar e precisam crer ferrenhamente que tem direito a voz. E essa voz precisa fazer coro com outras vozes para que a belezura e a fortaleza desse canto possa mostrar que há vida pulsante nas veias dos desimportantes.

Que fique bem claro que "A mística dos Encantados" não é uma romantização da pobreza, do sofrimento, das ausências. Pelo contrário. O livro é um grito dos excluídos que faz coro com outros gritos na tentativa de descolonizar o corpo, a mente, a arte e a cultura de uma forma geral. É um livro que se soma a relatos como o de Carolina Maria de Jesus em seu "Quarto de despejo: diário de uma favelada" e tantos outros escritos de menor projeção, mas não de menor importância.

Muito mais há a ser dito, mas não quero tirar a graça de quem

pretende ler. Essas são impressões pessoais de quem se sentiu tocado pelo livro e essas impressões são subjetivas. Mas para além das impressões há fatos objetivos que precisam ser considerados na importância desse trabalho. O principal deles é uma voz desimportante ganhando respeito e visibilidade. Isso é muito, mais muito importante, porque temos a nossa história sendo contada sob a ótica do dominado e não mais do dominador. Ponto crucial para a descolonização da história.

Por fim, deixo um alerta aos autores. Se por acaso o livro não tiver tantos leitores quanto merece, que isso não seja razão para desmotivação e desmerecimento. Como nosso hábito de leitura é pífio e nossa sociedade ainda esconde muitas caveiras no armário de nosso passado grotesco, não surpreende que as estórias de pessoas desimportantes como dona Maria Toinha continuem a ser condenadas e convidadas à invisibilidade. Cabe a nós, sujeitos indignados, inconformados e resistentes continuarmos a alardear nosso grito aos confins do universo. Lutar sempre, calar nunca.

Marcos e dona Maria, eu junto minha voz e meu grito ao de vocês. Junto porque também sou desimportante originado de desimportantes. Pode ser que minha voz sozinha não represente muito, mas a três já é possível fazer um coral. Se formos apenas Quixotes, que se há de fazer? Meu Rocinante está selado.

**Charles Burck**
**Rio de Janeiro**

# Labirintos forjados

Havia um canto para onde eu corria para me proteger do mal,
Onde a vida e as pessoas se esqueciam de mim,
Labirinto forjado na inocência do medo,
As fugas dos vazios do mundo
Às vezes, criava asas, fluido na direção contrária do pouso,
E lá do alto eu via as paredes ocres, e as moradas dos pássaros
De cima, vindas do céu minhas lágrima pareciam chuvas,
Havia nesses momentos um riso solto, a liberdade criando alegrias
E eu era apenas feliz, não sabia de mais nada,
Deus tocava o meu peito menino com um carinho que só Deus tem
Assim eu era dono de mim, filho do mar com os ventos,
Onde os sons tinham bocas e dentes e uma flor no canto dos lábios,
O meu jardim era o espaço, o infinito feito de mim,
Um assovio feito de algum elemento divino chamando o meu nome,
Disseram-me que eu inventei um céu de histórias
Acho que nunca inventei nada, era tudo nascido da vontade de ser
Ainda lembro-me dele até hoje, do menino feliz, me chamando para os seus voos

**Cleidirene Rosa Machado**
**Catalão/GO**

# Veneno de cobra

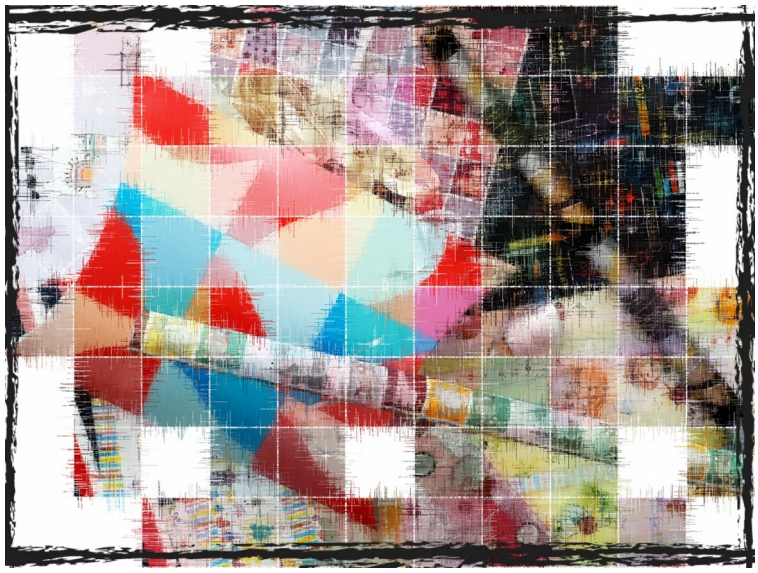
A hora começa agora
Atenção! Atenção!
Estou falando com você!
Destilando veneno por onde passa
Sua cabeça de cobra eu piso e ela amassa

Aprendi quando era criança.
Essa morre, não tem jeito!

Maior que o seu veneno
Bem maior é meu Deus
Maior que seu veneno
Bem maior e meu domínio.

Cabeça pensante, saltitante ...
E que você rastejante nunca vai conseguir destruir.

Minhas botas tem a pisada e a força do aço e do ferro
Minhas botas são pesadas: eu amasso e eu enterro
Minhas botas nos meus pés, a todo momento vão me seguir
A todo momento vão me calçar, olhar pra frente e prosseguir



**Daniela Genaro**

**São Paulo/SP**

# Papéis de presente

Ela gosta de papéis em branco...
Gosta também de papéis escritos e desenhados,
papéis de bala, de doces variados,
papéis de dobradura,
estejam eles lisos ou amassados.

Mas de todos os papéis,
ela prefere mesmo os de presente.
Não faz distinção.
Coloridos e desbotados,
de bolinhas ou decorados,
contanto que sejam usados.

Usa os novos, coleciona os antigos
na esperança de usá-los um dia,
de embrulhar com eles o tempo
e presenteá-lo a quem ama,
convivendo, dividindo,
reinventando a vida
como quem reinventa os papéis.

**Déa Araujo**

**Juiz de Fora/MG**

# De volta à realidade!

Emily havia saído de casa pela manhã e não retornara até aquela hora. Eram cinco da tarde e saboreava um chá como se fosse sua única opção de vida. Estava sem nada no estômago há horas. Tomara um elegante café da manhã ao lado do marido. Sempre tomava elegantes cafés da manhã ao lado do esposo e sempre lhe preparava suntuosos jantares – não tinha escolha.

Hoje, provavelmente, não haveria jantar. Precisava pensar. Não conseguia voltar para casa. Também não conseguia pensar. O que poderia almejar uma mulher de trinta anos, divorciada, em uma Londres do início do século XX? Não desejava mais o marido, nem sua casa, nem sua vida dispensável. Aquele homem estremecera suas belezas, sufocara seu olhar e invertera seu sorriso. Dominador ao extremo, não a deixava conversar sequer com sua família. Queria-a só para ele. Naquela sexta-feira chuvosa, chegou ao extremo de ofendê-la com palavras que seus pensamentos não ousam repetir. Simplesmente porque flagrou-a escrevendo uma carta à mãe. Não leu o documento. Se o tivesse feito, as palavras seriam ainda mais ofensivas. Foi o que a esposa precisava para pensar em dar um ponto final na história. Estava ferida, verbalmente agredida. Agressões verbais sangram em demasia. Causam ferimentos na alma, na maioria das vezes, incuráveis.

Emily tomava seu chá e tentava encontrar uma solução. Voltar para a casa dos pais? Será que a aceitariam? Nunca quiseram o casamento. Parece que anteviam o desfecho. Há muito não tinha contato com a família. Uma ou outra carta, furtivamente escrita e enviada, sem nenhuma resposta. Uma decisão lhe parecia acertada: não voltaria para casa. Joseph, com certeza, já notara sua prolongada ausência. Com a roupa do corpo e enfurnada em um pequeno café londrino para fugir do frio que fazia lá fora, a certeza ora se mantinha forte, ora se materializava em indecisão. A garoa que caía deixava mais sombria sua vida.

Emily não podia tomar mais do que um chá. Tinha somente algumas moedas na bolsa. Joseph controlava o dinheiro. Quem controla o dinheiro, controla quase tudo. Seu corpo começava a denunciar um enorme estado de fraqueza. A mulher sorvia aquele chá como um último recurso para encontrar uma solução. O ímpeto de coragem, que a acometera durante quase todo o dia, começava a se esvair. A fraqueza do corpo não a permitia mais pensar no que pensar. Era como se o estômago comesse seu cérebro e seu coração. Pagou o chá, levantou-se e tomou o rumo de casa. "De volta à realidade!".

**Dryyca Marques**
**Nilópolis, Rio de Janeiro/RJ**

# Da janela

Da janela
Rua deserta
Sentimento novo
Um novo olhar.

Ver o mundo de dentro
Sabendo que nada para em nenhum momento
É difícil de aguentar.

Na TV as nossas tristezas veladas
No momento solução não há
Desligo para me desligar.

Me desligar das tormentas
Ouvir uma música boa
Que me faça dançar.

Quarentena
Necessidade que a humanidade
Aprendeu a enfrentar
Venha logo cura para esse mal vírus!
Se saia já!

https://www.facebook.com/dryyca.marx

https://www.estadopoetico.com.br/post/dryyc-marques

Instagram_ @dryycamarques

**Edna das Dores de Oliveira Coimbra**
**Rio de Janeiro/RJ**

# Intervindo valores

Ela chegou se misturando com a textura
contaminando a contextura
mudando o cotidiano de todos
cancelando sonhos, causando incômodos.
Afastou-nos dos exercícios acadêmicos
desagregou-nos dos risos e convivências familiares
dispersou-nos dos prazeres boêmios
e levou alguns dos nossos afetos aos túmulos.
Então se faz necessário escrever
a palavra que não foi dita
o abraço que não foi dado
o olhar que não foi compartilhado
o amor que não foi gozado
e o perdão que não foi ofertado.
Portanto eu me atrevo a prescrever
que é necessário rever as intervenções
para que não negligenciemos o valor dos valores
nem venhamos a chorar a perda dos nossos amores.
Por isso rogo que reescrevamos a fé no porvir
para que as experiências vividas, sofridas, refletidas
por quem passou por essa pandemia
se transformem na beleza de poetizar escrevivência
capaz de mudar a ação e a reação
de uma geração futura.

https://www.facebook.com/edna.coimbra.921

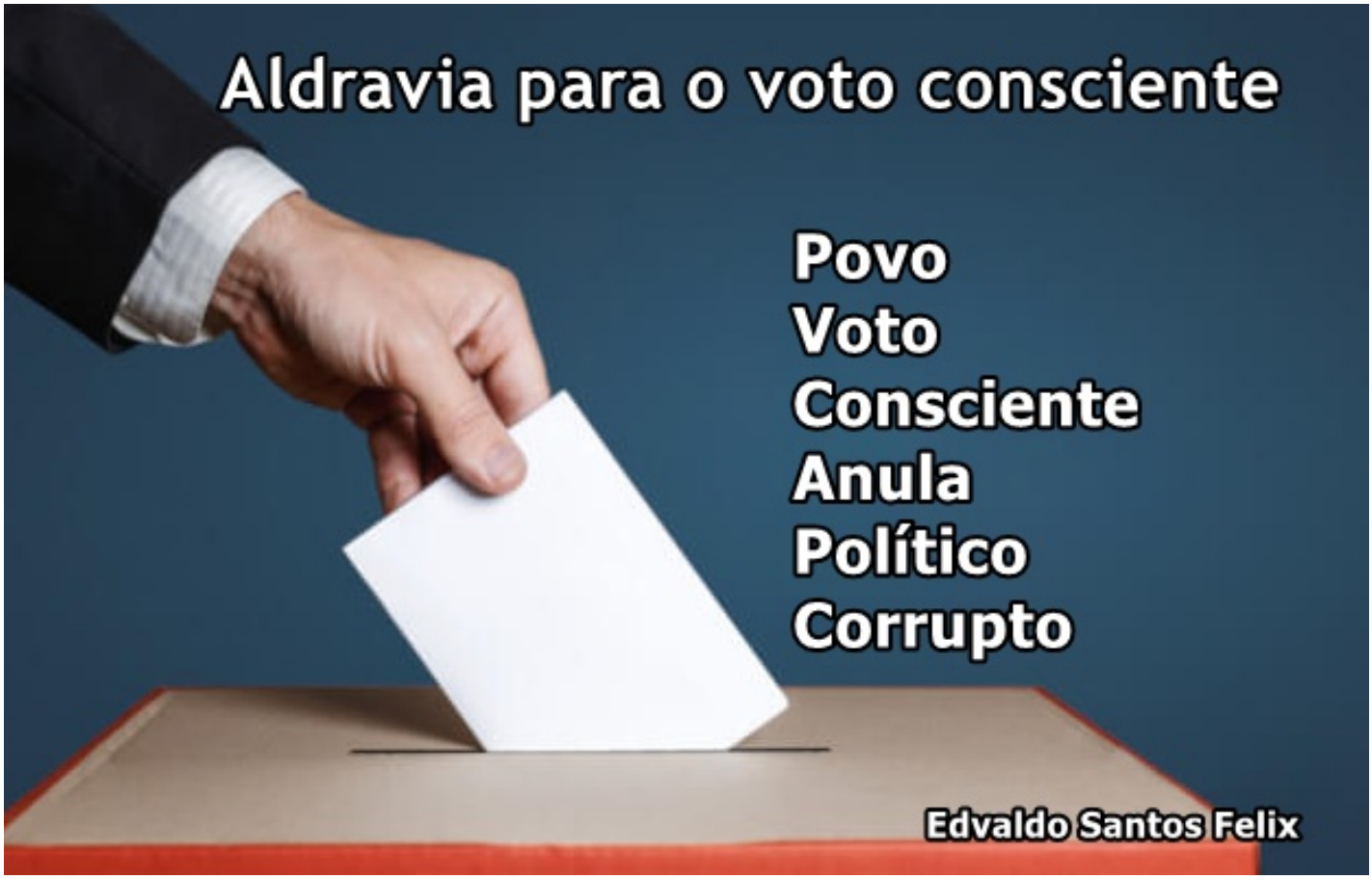
**Eduard Traste**
**Florianópolis/SC**

# Fotogr.

a cena que se repete
lateja na mente
mais uma vez
enquanto me pego pensando
se vai ser sempre assim
ou se uma ora ou outra
eu sossego? aprendo?
não sei, cada vez mais
tenho certeza
que termino assim
com uma mala pequena
feita às pressas
fumando um cigarro
no ponto observando
o ônibus que vem
trazendo novas estradas
pra mim

*@estrabismonet*

**Edvaldo Santos Felix**
**Nossa Senhora do Socorro/SE**



**Edweine Loureiro**
**Saitama – Japão**

# Carpe Diem!

Quem afirma que o povo japonês só trabalha e jamais se diverte certamente ainda não presenciou um "hanami". Aliás, o termo, oriundo da aglutinação entre a palavra "hana" (flor) e a primeira parte do verbo "miru" (ver), já é, em si, de um colorido que reflete muito bem a alegria dos japoneses que, todos os anos, reúnem-se para celebrar — com um bom bate-papo, muita comida e saquê — o florescimento da cerejeira (ou "sakura").

E não se trata, aqui, de um simples piquenique no parque. Não, caros leitores: o *hanami* também simboliza, para os japoneses, a necessidade de renovação que chega com o fim do inverno. É tempo de sair de casa com a família e os amigos para apreciar tudo o que a Natureza nos proporciona. Tempo de novos ares... e de esperanças. De modo que, não coincidentemente, o "abril das cerejeiras" é também o mês no qual empresas e escolas reiniciam suas atividades. Além de ser um período em que as pessoas decidem mudar de casa, de emprego e até de estilo de vida (por exemplo, iniciando exercícios físicos).

Mas o florescimento da cerejeira também tem um outro significado, a meu ver, ainda mais poético: o do valor da brevidade da vida. Isso porque as flores, adornando a cerejeira por um período de apenas duas semanas, ensinam-nos a aproveitar a beleza daquilo que é fugaz... como a própria existência humana.

Os árcades — poetas do século XVIII que foram influenciados pelo Iluminismo — tinham, a respeito dessa fugacidade, um termo em latim que sempre me fascinou: o "carpe diem"; que significa "aproveitar o dia". Um princípio que também foi ensinado pelo professor interpretado por Robin Williams no filme "Sociedade dos Poetas Mortos". E é precisamente o "carpe diem" que me

vem à lembrança quando observo a felicidade de meus irmãos japoneses ao redor de uma cerejeira em flor: pois percebo, ali, de como às vezes perdemos tempo tentando "vencer na vida" ou "ganhar uma batalha" (muitas vezes, de ego), quando a verdadeira vitória está em sentar-se e agradecer pelos breves momentos de alegria que a vida nos oferece. Uma ideia que, vale ressaltar, também Matsuo Bashō (1644-1694) transmitiu em haicais como este:

"Nao mitashi/ hana ni ake yuku/ kami no kao".

O que, traduzido aproximadamente, seria: "Quero ainda ver/ nessas flores, no alvorecer,/ a face de um deus".

Ao escrever tão lindos versos, Bashô possivelmente também se inspirava no fenômeno do "komorebi", que é a luz do sol, dispersa e "salpicada", brilhando através das árvores: como se, de fato, um deus resolvesse aparecer, fragmentado, diante de nossos olhos. É, pois, a imaginação do poeta sendo aguçada pelo registro de um momento que, exatamente por ser breve, torna-se tão divino: como o *hanami*... e a vida.

***

https://www.facebook.com/edweine.loureiro

**Eni Rivelino**
**Campinas/SP**

# Vestido

Ela quer um vestido novo, feito com cuidado, muito cuidado. Ainda mais depois que soube da poeta que queria que bordassem barcos em seu último vestido como as crianças desenham[1]. Não sabe, contudo, como ficará o vestido. Sabe que é necessário que seja feito com cuidado, muito cuidado. Isso é certo. Não quer barcos em águas azuis, porque vestido novo não será seu último vestido. E como será esse vestido? Ninguém sabe nem imagina, mas ela sabe que será feito de palavras. Quantas serão necessárias? Não sabe ainda como mesurar. Sabe que toda e cada palavra será necessária, ainda mais que toda e cada palavra é fio de memória. Quer palavras vivas e não enxame de tagarelice. Será preciso tempo e atenção para não embaraçar, misturar as palavras. A trama não poderá tolher o gesto, qualquer gesto. Medidas e palavras no compasso da costura. Muito alinhavo e alfinete em espera até que venha a linha na agulha guia. Vestido sem prazo, porque como dito é mister muitas palavras, muitas. Nem todas de lembranças, mas todas necessárias. Muitas palavras serão assim, o que faísca no seguir dos dias, lampejos de instantes. Aqui não há escolha, como, aliás, não há escolha para as lembranças, pois não? Eis porque o cuidado, muito cuidado. Garantir a harmonia. Pudera, ah sim, pudera, ter um Evandro[2] para auxiliar nesse trabalho, ele que só tem as palavras, conhece-as bem. Já está muito lapidado, habilitado para tocá-las, alinhavá-las. Palavras opacas e reluzentes, poeirentas e fugazes deslizam e não arranham em suas mãos. Contudo, não se terá essa ajuda. Que fique a inspiração? Que seja, mas o vestido se fará. Certo é, que muitas e muitas e muitas e muitas palavras servirão para o rendilhado, convém não exagerar. Outras, mais duras, terão que ser buscadas, pois firmam tantas

outras! Não se pode prescindir de palavras duras, mas esse vestido não será espartilho, não será armadura. Não, não. Não poderá tolher o gesto, já está dito e se repita. Ela quer vestido novo para os dias que seguem. Precisa das palavras no vestido, pois onde mais? Não imagina. Há quem tenha lançado suas palavras no mar[3], mas seu horizonte não tem mar, por isso, imaginou o vestido. Palavras, tempo, gesto e o que mais? Paciência, silêncio? Sim, silêncio para saber das palavras e palavras necessárias. A poeta desejou vestido com barcos como as crianças desenham. Ah se esse vestido com ela seguisse para o mar com as palavras lançadas... Agora um vestido de palavras pode ficar esquecido no armário.

[1] *(...) Peço uns barcos bordados/ No último vestido/ E vagas/ Finas, desenhadas/Manso friso// Como as crianças desenham/ Em azul as águas. Hilda Hilst.*

[2] *Evandro Affonso Ferreira*

[3] *João Jordão – artista que afirmou que lançou suas palavras ao mar.*

**Enzo Lovato**
**Novo Hamburgo/RS**

# Comodidade social

Não há mal algum em andar entre as cobras, contanto que saiba que caminha junto delas. Quando jovens, nos sujeitamos a companhias que nos deteriorizam, dessa forma tentando ser aceitos por um determinado grupo. Para muitos, tal comportamento se estende até a fase adulta; quiçá, a velhice. Um erro infelizmente comum, mas basta um minuto de nossa sincera reflexão, para calcularmos tal impacto. Majoritariamente, há um mal, como um vírus; que passa de geração em geração, com fluxos de ideias rasas. Nos falta, em suma, introspecção. Se para sermos aceitos em tal grupo, há a necessidade de negar a própria verdade, então; por óbvio estaria no grupo errado. Não sejamos manipulados por vícios de convívio, façamos assim o protagonismo.

Ao passo que agimos com sutil naturalidade, tudo há de fluir, igualmente com naturalidade. Me refiro a pessoas certas, nas horas e momentos certos; não tendo mais que fingir a cegueira para que obtenha, diga-se de passagem, tão inverossímil aceitação. Não há maior liberdade do que a de não ser facilmente ludibriado, tamanha segurança fortifica não somente o intelecto, como também auto-estima e outras camadas da *psique.* Podendo ser melhor, seja; a qualquer preço.

instagram.com/enzo.lovato.oficial

**Evandro Nunes**

**São Luís/MA**

# Um Rei Ameaçado De Extinção

O rei dos animais está desaparecendo
Culpa do homem com seu instinto cruel
A indústria do turismo, a caça por troféu
O felino de cabelos longos vai perecendo

Mas enquanto a matança está crescendo
Os covardes com as suas mentes insanas
Farão se calar os urros nas terras africanas
Pois com o tempo leões não mais existirão.
Porque no mundo há mais estátuas de leão
Do que leões vivos nas extensas savanas!

Ameaçado em seu reino, eu nunca pensei
Essa fera vai se extinguir em pouco tempo
Devido ao descontrole do desmatamento
Vulnerável à extinção, o leão ainda é rei?

Daqui a anos esse felino não mais verei
Porque o homem tem atitudes levianas
Os rugidos da fera nas matas africanas
A violência dos homens os extinguirão.
Porque no mundo há mais estátuas de leão
Do que leões vivos nas extensas savanas!

https://www.facebook.com/evandronunesdasilva.d.dasilva

**Fábio Daflon**
**Vitória/ES**

# Soneto evangélico

Tornei-me evangélico na noite
em que tive Angélica e Eva,
sem ciúmes na cama num pernoite
de luz, epifanias, nunca treva.
Abajures em ambas as cabeceiras
iluminavam rostos e pudendas
partes. As duas tinham cabeleiras
negras, pelos pubianos, tantas prendas,
que me tornei evangélico devoto.
Somente para amar Angélica e Eva,
e ambas possuírem evangélico.
Agora sou pastor de Eva e Angélica,
e a minha pregação é bem coeva,
é esse o orgulho que arroto.

**Gabriel Alencar**

**Boa Vista/RR**

# Café com pão de queijo

Tive muita vontade de ir embora depois que tudo aconteceu. A pandemia havia acabado e nós resolvemos fazer uma viagem juntos pra comemorar. Íamos à Manaus visitar minha avó. Nessa época meu avô já havia falecido e minha mãe queria ficar o máximo de tempo possível com ela. Não que estavisse solitária (outro neto morava com ela), mas não há nada como um carinho especial pra melhorar nosso dia.

Preparamos tudo. Tínhamos provisões e sabíamos que a viagem pela frente seria longa. É, meu povo, oito horas de carro não é pra qualquer um. Deus sabe que eu não queria ter feito a viagem de carro, é tempo demais perdido. Mas eles insistiram e eu fui. À frente, meu pai guiava o carro com minha mãe e irmã; eu vinha logo atrás no meu carro, com minha esposa. Saímos cedo, pra chegarmos cedo.

Chegamos cedo demais pro meu gosto. Já havíamos passado do Jundiá e entramos na reserva indígena que fica na fronteira Roraima-Amazonas. Chovia muito e era tanto buraco na via que a dúvida era se havia mesmo estrada ali. Aquilo nos atrasou muito e acho que foi a impaciência que nos levou a fazer o que fizemos. Finalmente em estrada lisa, nos danamos a correr. Recuperar o tempo perdido.

Pff. "Recuperar o tempo perdido".

Em resumo: aquaplanagem. Nos dois carros.

Eu vi a hora que o carro do meu pai desceu a encosta e rolou barranco abaixo. Não tive muito tempo pra processar aquilo, porque eu fui atrás logo em seguida. O mundo virou uma confusão de cores e sons. O air-bag do carro estourou, protegendo minha cabeça e fazendo um som que deixou meu ouvido zunindo.

Não tenho ideia de como aconteceu, porque, quando abri os olhos, o mundo estava de cabeça para baixo. Foi horrível. Não sei quanto tempo fiquei daquele jeito, nem quem foi a pessoa a ver o acidente.

Meu primeiro instinto foi ver se minha esposa estava bem. Hoje, olhando para trás, acho que eu preferia não ter visto. O seu pescoço estava num ângulo impossível para um ser humano e seus olhos estavam sem vida. Eu me desesperei e entrei em choque. É muito difícil pra mim processar e explicar o que aconteceu em seguida.

Quando finalmente me tiraram do carro, lembrei que meus pais e minha irmã também haviam tombado. Olhei para o carro deles, em frangalhos. Minha mãe chorava, desesperada. E era o único som que eu ouvia de lá.

Nos dias seguintes recebemos muitas condolências e o funeral estava lotado. Eu não tinha compreendido tudo. Não. Na verdade, me recusava a compreender. Foi só quando eles fecharam a tampa do caixão que eu percebi que nunca mais veria o rosto de nenhum deles. Entrei em choque de novo. Lembro de ter gritado, mas não lembro de muita coisa depois.

Então estávamos em casa. Na casa dos meus pais, digo. Minha mãe não tinha escolha senão voltar pra lá e eu não tive coragem de voltar pra minha. Nós dois ficamos sentados no sofá sem falar nada. Na nossa frente a televisão estava muda e fria. Que nem o resto da casa.

As semanas que se seguiram foram de muito choro. Acho que se eu e minha mãe não tivéssemos um ao outro naquela ocasião, teríamos os dois ficado loucos. Nossos corações eram confortados apenas pela presença do outro e pela certeza de que na Eternidade ainda encontraríamos de novo com eles. E embora a gente soubesse daquilo racionalmente, na prática, a eternidade estava muito longe. Quem já viu a morte de perto sabe muito bem como é.

Mas o tempo passa, a gente se regenera. Isto é, na medida do possível.

Na época minha mãe já era aposentada, mas eu continuava trabalhando oito horas por dia. Morria de medo de deixar minha mãe sozinha em casa. Graças a Deus ela buscou outras ocupações, pra não ficar parada. Quando eu chegava, já quase noite, ela sempre tinha café pronto. Eu sabia e por isso já vinha da rua com pão de queijo quentinho. Nós sentávamos, agradecíamos a Deus pelo alimento e comíamos em silêncio. Eventualmente surgia alguma anedota de algum causo jornalístico ou algo referente ao meu trabalho. Mas até isso era difícil, porque meu pai trabalhava no mesmo órgão público que eu.

Por estes tempos eu já havia escrito meus dois primeiros livros e pensava num terceiro. Digo "pensava" porque, diante do que aconteceu, minha criatividade praticamente morreu. E não sem razão.

Engraçado é que adquiri um hábito inusitado (pelo menos pra mim, dentro daquele contexto). Da minha herança literária, o que mantive, pela força do costume ou a necessidade do presente, foi a leitura de livros mais diversos. A possibilidade de encontrar uma boa história e mergulhar nela era um alento. O hábito inusitado a que me referi foi que eu passei a ler para minha mãe toda noite.

Eu pegava um livro (de preferência algo baseado em "fatos reais" – expressão que ela adora) e sentava-me numa cadeira junto à sua cama. Ela ainda deitava apenas no seu lado, deixava o outro sempre arrumado e limpo, como se meu pai pudesse voltar a qualquer momento e dizer:

– Eita, comadre, que o calor lá fora tá tinindo. – Ocasião em que ele tomaria um bom banho frio e depois se deitaria na cama, ao lado dela.

Eu pegava então o livro e não apenas lia, mas o interpretava. Eu era o narrador, os personagens, as onomatopeias, eu era o homem-livro.

Minha mãe ouvia tudo quietinha, até que em certo momento eu percebia que ela havia dormido. Nunca sabia em que ponto da história ela tinha dormido. No dia seguinte eu precisava voltar algumas páginas pra que ela lembrasse da história.

Fora de casa minha rotina não mudou muito. Trânsito, trabalho, almoço, trabalho, trânsito. E talvez essa mesmice me fosse até suportável, não fossem os olhares das pessoas. Enquanto eu tentava a todo custo deixar o passado pra trás, ainda com as feridas sangrando de memórias, as pessoas miravam-me com a pena e dor que eu tanto precisava esquecer. Talvez não "esquecer", mas, pelo menos, não me fixar nelas.

Atormentavam-me os abraços do meu pai, os comentários sarcásticos da minha irmã e os beijos da minha esposa. Ninguém me falou que as memórias seriam tão terríveis assim.

Um dia cheguei em casa e o café não estava pronto. Chamei por minha mãe, mas não tive resposta. Larguei a mochila na sala e corri para o quarto dela. O lado do meu pai na cama estava feito, perfeito. No outro, ela dormia, com o livro que eu lia para ela toda noite sobre o ventre.

Eu estava assustado, mas aquela imagem se apresentou tão serena, tão cheia de paz que eu dei um suspiro de alívio. Sorri para mim mesmo e fechei a porta do quarto devagar. Deixe a velha descansar um pouco mais, sua vida já é muito sofrida.

Desci para fazer o café. O pão de queijo ainda estava quentinho. Coloquei água na chaleira e preparei o coador com o pó. A tarde ia se findando e eu via o sol pronto para seu repouso, também mais do que merecido. Enquanto a água fervia, eu me dei ao luxo de sair no quintal pra ver esse por do sol mais de perto e lembrar que ainda havia beleza na vida.

Um som me tirou a concentração. Virei a cabeça e minha mãe saía do quarto, com o livro na mão.

– Bibinho? – ela me chamou e me viu no quintal. – Acho que eu dormi demais, né?

Olhei para a cara de sono dela e sorri. Entrei em casa e abracei-a, dando-lhe um beijo carinhoso na testa.

– Só um pouquinho – sorri pra ela. – Bora tomar café?

– Bora.

Na cozinha, a chaleira anunciava que a água estava pronta.

**https://www.instagram.com/escritoraoacaso/**

**Gabriel Alves de Souza**
**Corrente/PI**

# Meu café e as lembranças de infância

Leia cordel como quem toma café, degustando. Ao folhear um livreto do poeta popular Patativa do Assaré, pego a refletir como este sabor quentinho está presente nos 365 dias na vida do sertanejo, é uma força vigorosa ingerida antes dos raios solares aparecerem e dissipar a neblina na roça. Lembro-me que após o galo cantar, faz-se uma pequena reunião familiar em torno do fogão a lenha esperando o preparo, sentindo o puro aroma ao ser coado a substância, enquanto em palavreados organizam os afazeres do dia. Na mesa do lavrador consta também, um cuscuz feito de milho ralado, beiju, ovos fritos, coalhada, queijo, requeijão e leite dantes tirado de vacas leiteiras no curral ao lado. Naquela casa de taipa, as manhãs são sempre regadas de delicias para a "quebra do jejum" e logo em seguida os pais agricultores partem para as plantações, as mães buscam água nas cacimbas e os filhos seguem em direção a escola do campo. Esta cena é uma memória rica e pelas zonas rurais sinto minha completa afinidade com a natureza.

Guardo apreço pela infância saudável e que hoje é nostálgica ao lembrar cada detalhe. No almoço desfrutávamos da galinha caipira, arroz casado, maxixe, mandioca com carne moída e peixe cozido/assado que dantes pescamos com anzol e tarrafa na barragem. Depois tinha um cafezinho – tomado no copo de extrato de tomate – para retrair o cochilo e continuar a jornada com muita energia. À tardinha costumávamos banhar no rio com os primos e no terreiro as brincadeiras com bola de gude, pião, pipa, carretel, fazendinha com o fruto do jatobá, bonequinhos de milho (fazíamos tranças nas espigas) e também artes com casca de melancia – era sensação da molecada. Ainda posso experiênciar o prazer de tomar café debaixo de um umbuzeiro com

meu avô contando estórias populares sobre lobisomens no período da lua nova.

Sintonizado na rádio local, a noite costumávamos tomar café sentados em volta de uma fogueira trocando palavras e ouvindo a canção "Meninos" de Juraildes da Cruz, uma incrível letra: "não sou tanajura, mas eu crio assas/e com os vagalumes eu quero voar, voar, voar/o céu estrelado hoje é a minha casa/ e fica mais bonita quando tem luar, luar, luar/quero acordar com os passarinhos/cantar uma canção com o sabiá". Em seguida, apagam-se os candeeiros de óleo e a família dorme na esperança de um novo dia.

Minhas vivências tornou-me um escritor amante da cultura nordestina, de um povo acalorado, humilde, acolhedor, sofrido, unido e com traços de simplicidade, gratidão e felicidade. E temos um gosto peculiar com o mundo, somos eternamente apaixonados pelo café. Êita cheiro bom!!!

@vixi.gabriels

**Gabriella de Sousa Tavares**

**Valença/BA**

# A mesa perfeita

Um lago. Águas deitadas mansamente em direção ao mar. Ao lado, árvores frondosas, cheias de folhas caindo. Flutua, analisa, verbaliza a vontade de continuar caminhando em direção ao destino. Observa os peixes a nadar e sonha em ter a liberdade infinita de viajar por vias desconhecidas. O desejo ressurge e desaparece como em um sonho.

Lago do móvel de dona Terezinha. Sua dona havia morrido há sete anos, mas, lhe deixara uma herança preciosa, a mesa de quatro pernas perfeitas. Era um primor. Todos os dias, a sua atividade preferida era ver os peixes na beirada e sentir o ar fresco do local.

Sempre fora bem cuidada por sua dona a quem considerava uma amiga, com a morte desta ficara abandonada no jardim próximo as árvores e ao lago. A única companhia que tinha eram os visitantes que depositavam nela tudo o que cabia.

Era grandiosa, de madeira vermelha, dividida em fileiras, como se estivesse obedecendo a uma ordem da natureza. Contemplava os animais para ver neles características que desejava ter. Queria saltar como o canguru, nadar como o peixe, voar como os pássaros, mas, o seu maior sonho era ser o leão.

Um dia, algo incomodou aquela linda mesinha: durante a tarde, o vento soprava mais forte no lago e fazia cair muitas folhas e muitos espinhos em cima dela. Percebendo a direção do vento, tentava se mexer, mas por algum motivo, não conseguia, e, então, o esforço era inútil. Nenhum dos visitantes percebia.

Os espinhos machucavam e torturavam a pobrezinha, furavam a toalha que ainda tinha, a deixando desprotegida em meio a chuva e aos ventos. Por estar a muitos anos naquele lugar, as pessoas colocavam seus pertences pesados em cima dela, sem importar com o peso que carregava por causa da idade. Aliás, sequer percebiam.

Tentava se livrar do peso indesejado, mas algo a impedia, a falta de força a fez acomodar e a acostumar-se a levar as cargas dos turistas como se fossem suas. Com o passar dos anos, fingia resiliência com o futuro, perdia a resistência.

Há muitos anos não enfrentava um sol quente, geralmente o clima era fresco. Aquele ano era atípico, o pior ainda estava por vir. Calor insuportável, principalmente para quem tinha perdido a proteção da sua

toalhinha, totalmente estragada pela quantidade de espinhos que a atormentava.

No meio do verão, contrariando todas as previsões do tempo, a chuva apareceu acompanhada do vento. Forte, perene como um furacão enfurecido levava tudo o que encontrava pela frente. A água do lago subiu de tal maneira que invadiu o jardim.

Pela primeira vez, quisera permanecer parada. O medo do que via a dominou. Em minutos, as perninhas molhadas não resistiram ao tempo e foram perdendo a cor e se descolaram por completo, o brilho já havia se perdido em meio aos descuidos.

O desejo de ser um leão tornava-se cada vez mais latente e distante, sentia vontade de gritar, porém, lembrava a sua desumanidade e chorava, sim, chorava, compulsivamente, ao perceber o seu completo isolamento em meio aquela agressão da natureza.

Por muitos anos, iludiu-se com a ideia de que era útil para alguém, mas, ao envelhecer percebeu a sua insignificância perante as pessoas a quem servia. No momento em que viu a sua perna de sustentação se descolando, exclamou:

— O que eu fiz? Porque não resistir? Ô ilusão de quem pensa que é insubstituível.

Refletiu na queda da perna, quando acreditou não ter mais saída. Nunca quis sair dali. Estava conformada com o seu destino. A vida apronta surpresas que nem aquele que se considera o melhor vidente é capaz de prever.

A pombinha não sobreviveu aos ataques constantes das cobras peçonhentas e dos morcegos impertinentes, esses a visitavam todos os dias, porém, no dia em que mais precisou nenhum destes apareceu. Sua madeira foi levada pela correnteza e encontrou-se com o destino incerto das cadeiras.

No dia seguinte, os visitantes não a encontraram no local, assim que entenderam o acontecido, lamentaram por não tê-la mais para colocar o peso. Em pouco tempo, arrumaram outra mesa perfeita, bela, vermelha e colocaram no lugar.

**Gedeane Costa**

**Recife/PE**

# Sonhar com seus abraços

Sonhar com seus abraços
e em cada pensamento
entrego e me laço
repouso,
flutuo sem sair do chão
fincada no seu coração

Sonhar me faz perto de você
escutando os batimentos
do seu coração acelerado
a cada beijo dado
sentindo seu perfume
rezando que o tempo
seja curto para te ver.

Sonhar que você nunca existiu
mas a sua imagem
fica gravada...
mesmo num deserto
seja uma miragem
que meu peito aperta
inquietado, diz:
é mentira!

Foi embora,
como uma vela acesa
que ao vento se apaga...

Não demora!
Minha vontade presa...
do amor que se acaba!!

http://paginasinfinitas.blogspot.com/

**Gérson Augusto Jr.**
**Fortaleza/CE**

# O melhor café do mundo

Nada parecia abalar a simplicidade daquela
manhã.
E da força ancestral do barro
que emprestava ao velho fogão.
O vento soprava sem pressa,
a lenha crepitava cantando
E as labaredas exibiam a inconfundível
dança do fogo.
De repente, o cheiro de café torrado
perfumou o mundo.
Meus sentidos denunciaram minha condição
de animal humano.
Apalpei a paisagem com os olhos,
Contemplei imagens com os ouvidos
Sonhei com o paladar.
E comecei a degustar o saboroso café pelo olfato...
A cozinha é capaz de produzir efeitos encantatórios...
E o melhor café do mundo é aquele
Preparado pelas mãos da gentileza,
Aquecido com as chamas delicadas do cuidado, servido
na bandeja da hospitalidade.
E adocicado com boa conversa.
É aquele que tem origem nas seguintes palavras:
— Aceita um cafezinho? Vou passar
agora...

**Guilherme Hernandez Filho**

**Santos/SP**

# E a vida continua

Você cresce, vai para a escola, trabalha, cria família e depois de muitos anos surge algo surpreendente em sua vida, a que você não está acostumado: uma doença meio desconhecida, e meio conhecida. Sabe-se que é transmitida por um vírus, sobre o qual existem muitas especulações. E aí a surpresa e a recomendação: para evitar sua propagação há que se fazer o "afastamento social". Isto significa minimizar, ou até não ter, contatos com outras pessoas, para que não haja contaminação.

No limite, para que seu afastamento seja eficiente, você aceita entrar em "isolamento". Passa a ficar em casa, tentando levar uma vida contrária a tudo que você sempre fez. Se você consegue administrar suas ações e suas necessidades, pode atender ao preito de alguns políticos, que criam regras para você seguir.

Você fica impedido de frequentar os locais do seu dia a dia. Suas atividades têm que ser paralisadas e repensadas. Talvez algumas coisas possam ser feitas em sua própria casa. Talvez, com a tecnologia atual você possa ter contato virtual com outros com quem precise se relacionar, pessoal ou profissionalmente.

Os exercícios físicos, tão necessários, e que você, eventualmente, está acostumado a fazer, passa a fazê-los em casa, com apoio da Internet.

Seu comportamento de consumo muda de uma hora para a outra. Não se pode mais ir às compras. Alimentos ainda é possível, mas não se deve, principalmente se você é do chamado "grupo de risco", como eu. O comércio se adapta para não quebrar e fica praticamente possível se comprar qualquer coisa para entrega em casa. Supermercados, farmácias, quitandas, restaurantes, lanchonetes, até feira-livre.

Meu primeiro problema maior foi como cortar o cabelo. Eu já estava ficando com uma juba razoável, de fazer inveja a qualquer leão. Consegui o telefone do nosso cabeleireiro e ele gentilmente concordou em vir me atender em domicílio. Claro que veio de máscara e tomamos os devidos cuidados sanitários.

Parecendo uma praga, minhas duas impressoras dos computadores de casa pifaram. Para quem escreve, como eu, fica difícil não imprimir. Consegui o telefone do técnico que

veio buscar primeiro uma e depois a outra, quando a primeira já veio consertada.

Nosso filtro de água, destes que já fornecem água gelada, parou de fornecer a água gelada. Chamamos o técnico que veio e o retirou, trazendo consertado depois de uma semana.

Assim, o andamento da casa vem continuando, quase que normal, não fosse por não podermos sair para atividades de rua.

De início pensávamos que duraria uma ou duas semanas. Já estou neste isolamento há mais de dois meses e não acredito que no próximo mês voltemos à normalidade.

Já passei aniversário em muitos lugares, inclusive em voos internacionais, de longa duração, mas em quarentena será a primeira vez. Na semana que vem seremos eu e minha mulher, com a participação remota de familiares e amigos, em vídeo conferência, para cantar parabéns.

O pior de tudo é que vamos nos acostumando a este comodismo todo e vamos ficando mais preguiçosos.

Será que retornaremos aos nossos hábitos de vida anteriores? Eu pessoalmente não acredito, pelo menos não totalmente. Um dos novos costumes para nós, e que já é dos orientais, é o uso de máscaras faciais, que, acredito, ficará para uso permanente. Se não em todas as circunstâncias, pelo menos nas aglomerações. O cumprimento oriental, de reverência, também pode vir a comum, embora nós, latinos, sejamos muito amorosos e praticamos os beijinhos no rosto e abraços para cumprimentarmos.

Só não dispensarei minha caminhada ao sol pela praia, sentindo a brisa do mar.

**Iolly Aires**
**Brasília/DF**

# Dar à luz a si mesma

Entregaram-me uma moldura, na qual eu deveria pintar o melhor quadro possível
Dentro de certos limites
Tentei viver fora das categorias que criaram para mim
Não me enxergar pelos olhos de outros

A energia que emanava daquele sentimento incômodo
Era o que me sustentava naqueles dias
E me impulsionou a ir adiante, sem receios

Imersa na essência de algo
Disse, afinal, o que estava dentro de mim, e não as palavras de outro
*O que tinha, senão eu mesma?*

Estava me livrando das correntes que colocaram em mim
Não sei quando e nem porque
Agora me sinto livre para ultrapassar a moldura e criar algo
Magnífico.

**Isabel Cristina Silva Vargas**
**Pelotas/RS**

# A Pandemia não acabou

Vivemos uma pandemia.
Algo inusitado para todos
Posto que outras ocorreram
No início do século passado.

É algo sem precedentes
por ter começado em laboratório
Pelo que podemos pensar
Ser uma arma fabricada.

Não sabemos como evitar
Atinge pessoas de todas as idades
Não há vacinas para combater
As perdas são em grande número.

Pensávamos, decorridos seis meses,
Já estarmos livres deste mal.
Engano! Estamos no escuro.
Sem saída e com picos em vários pontos.

Como estamos? Fortes de espírito ?
Confiantes? Longe disso!Muito triste.
Uma guerra política intensa.
Comunistas querendo o poder.

Um complô contra o presidente eleito
Para destitui-lo do poder maior
E , de novo , voltar a corrupção
Que destruiu o país por anos.

Para isso vale aos oportunistas,
Boicotarem a batalha contra o vírus,
Para instaurar o caos no Brasil
E, tomarem conta do poder.

Que esperar pós pandemia?
Não sabemos.Ainda é incerto.
Esperávamos que os homens
Se unissem nesta situação dramática.

Homens estão piores em sentimentos,
Depravados nas atitudes cotidianas
Por ganância, poder e política.
Esqueceram a dignidade, o amor e a
Deus.

**Ivo Aparecido Franco**

**São Bernardo do Campo/SP**

# Claro, escuro

Claridade, escuridão
Ora noite, ora dia
E no vasto espaço jaz
A matéria escura e fria

Que dizer da luz do dia
A metáfora fugaz
De tudo que há na alegria¿

Entre os homens e no céu
Reina a treva, a ignomínia
A sabedoria é luz
Brilho débil
Estrela guia

O que há de mais brilhante
Encerra-se na entropia
A luz tênue, a calmaria
Qual faísca fugidia

A beleza, o regozijo
A vida, o amor, a cantoria
No fim revelam-se ausência
Solidão, noite fria

JAX

# Alfredo, O Catador De Histórias

Quem visse Alfredo, pensaria tratar-se de mais uma dessas tantas almas penadas que perambulam pelas ruas, a catar papéis velhos para sobreviver.

Enganam-se! Aquele catador, desde que se iniciou ainda criança em seu ofício, descobriu a vocação para analisar e interpretar o significado do lixo seco que recolhe.

Graças a esse dote, Alfredo passou a conhecer o perfil de muitas pessoas e famílias a partir dos dejetos examinados. Em alguns casos, chega a tal nível de conhecimento que sofre pelo drama de Fulano ou Beltrano, sem qualquer possibilidade de vir a exprimir-lhes seu sofrimento solidário, no entanto, uma vez que nenhum deles o conhece ou o receberia em casa.

No lixo seco daquela casa luxuosa na Rua dos Prazeres, por exemplo, ele encontra diversas embalagens de produtos sem açúcar e sem glúten, o que o leva a refletir que membros da família ali residente são diabéticos e/ou celíacos. Como há muitas embalagens de biscoitos entre tais produtos, Alfredo imediatamente conjectura que os doentes podem incluir crianças.

Seu coração entristece ante semelhante hipótese. Crianças não deveriam ter sua alegria e sua energia limitadas por qualquer problema de saúde. Foram feitas, em sua opinião, para correr, saltar e brincar.

Bem verdade que, com ele, não foi assim. Teve de trabalhar logo e de pouco tempo dispôs para brincadeiras e folguedos. De toda forma, consola-se por não atribuir à saúde sua falta de diversão. Forte se sente até hoje, puxando sua carroça cheia de plásticos, latas e papéis.

Noutro lixo que examina, de um prédio de apartamentos, encontra um montão de papel triturado. Logo fica a matutar que se trata de documentos importantes de algum figurão. Quem sabe, banqueiro ou grande homem de negócios. Diz a si mesmo que já viu alguém sair do prédio em carro bacana com motorista. Deve ser ele o triturador.

Alfredo diverte-se em imaginar histórias em torno do possível magnata. Às vezes o projeta como ricaço convencional, outras vezes, influenciado pelo noticiário policial, desconfia que possa ser um grande escroque, com centenas de golpes aplicados, talvez responsável por assassinatos.

O lixo de um condomínio de casas inclui velhas revistas de fotonovelas, algumas bem deterioradas pelo uso e pelo tempo.

O catador de papeis suspeita de alguma solteirona, já idosa, a quem o amor não sorriu no momento certo. Recorda aquela velhinha, que viu de soslaio semanas atrás, com um ramo de flores na mão, certamente colhidas do jardim.

Enternece-se ao compor a história dessa anciã, que termina solitária, após haver sonhado aventura amorosa comparável às de suas heroínas das fotonovelas. E se ele, em sinal de compreensão e solidariedade, enviasse flores à velhinha? Logo afasta hipótese tão absurda da cabeça. Mesmo que ele pudesse chegar à senhora, que efeito benéfico poderia resultar do gesto de um molambo humano para quem sonhara com o príncipe encantado? Qual! Tolice! Sintoma de que ele também está a envelhecer.

Aliás, Alfredo já não se compraz com sua saúde. Fica cismado com umas sacas de papel que, por insistência de colega de profissão, ambos recolheram em um hospital. Lixo seco, sim, mas seria salubre?

Procura desviar a preocupação com outras embalagens curiosas, encontradas há pouco. Parecem caixas de vasos esquisitos, muito decorados. Material de outro país, certamente. Põe-se a pensar que o morador da casa viaja mundo afora, a coletar objetos raros e outras preciosidades. Como deve ser bom viajar!

Tempos depois, sem que a ampla maioria da humanidade se dê conta, Alfredo deixa de percorrer as ruas, em busca de papéis, para suas histórias.

Mais um talento perdido neste mundo desencontrado.

**Jeane Tertuliano**
**Campo Alegre/AL**

# Vizinha Curiosa

Submersos num frenesi
demasiado libidinoso,
entrelaçavam-se
como se estivessem
inteiramente sozinhos.
Entre beijos e carícias,
esqueceram-se da malícia
nos ouvidos de quem ouvia
atentamente
os ais sussurrados
dos lábios encharcados
de volúpia e ardor.
Desejosa,
a vizinha curiosa,
rumou às janelas
entreabertas.
Pela fresta,
a lua, atrevida,
iluminou
os amantes
conjugando o amor
que lambuzava os lençóis
e vertia saliva
da boca indiscreta
que estremecia
a cada estocada lasciva.

https://instagram.com/lirismoemflor/

**Jeferson Ilha**
**Santa Maria/RS**

# Feminino avesso

Deus é poder. Não tem avesso.
Mas o avesso de Deus é a mulher.
Por isso, submissa.
Por imposição, não por vontade.
Quer dizer, vontade própria.
Mas a suprema vontade!
Vontade divina!
Deus é capital!
E o capital divino escolheu o homem,
Porque foi o homem quem se escolheu.
E assim se impôs.
Através de sua vontade. Em Deus.
A vontade do homem sobre a mulher.
Revestida de sua imagem e semelhança.
Deus, a criação mais fiel do homem.

https://www.facebook.com/jeferson.ilha
@jeferson_ilha

**Joedyr Bellas**
**São Gonçalo/RJ**

# Broche de ouro

Desceu as escadas engolindo os degraus.
Estava com pressa porque o leite agora havia derramado, pensou no dito antigo e se lembrou da avó, viva fosse seria centenária.
Era muita humilhação.
Que o casamento já havia acabado, isso ninguém precisava ter avisado a ele, mas avisaram, aliás, cansaram de avisar, olha que Francisca não te ama mais, mas ele não tinha ouvido para escutar nem olhos para enxergar.
Botava a culpa no amor.
Eu amo aquela desgraçada.
E amava mesmo.
Amava de fazer loucuras.
Gastava o que não podia mais, se enrolava em crediários e empréstimos, vestia calça pelo avesso, atravessava a rua com o sinal fechado para pedestre, tropeçava em rachaduras da calçada, e ainda havia aquele broche de ouro. Herança da vovó. Talvez por isso ele tenha pensado no leite derramado e na avó dele.
Que Francisca não o amava isso não era segredo pra ninguém. Não era dada ao amor nem aos chiliques do amor. Menina bonita e vistosa. Gostava de se arrumar nos trinques, de fazer homem perder o rumo, de comprar em butiques mais caras, de balada e badalações, meu amor eu já era assim quando você resolveu juntar os trapos e olha que eu nem queria.
Não queria mesmo.
Mas Raimundo foi se chegando.
Tinha lábia e dinheiro pra gastar.
O bar lotado.
Francisca dançava entregue aos santos de devoção dela, em transe, oferendas e vontade de se acabar ali naquela música que a tirava do sério. Pontos e samba. Sambava de não querer parar, se requebrava, mexia os quadris, rodava a cabeça, mordia os lábios, mostrava a ponta da língua, levantava a saia no meio da coxa, Raimundo louco pela mulata e Francisca não sabendo da existência de Raimundo.
Raimundo pra ela era personagem de livros regionais, de cangaceiro, de homem que acabara na praça da Sé por causa de um sonho, fugindo de desgraça pouca é bobagem.

Foges de que meu nego?
Raimundo não fugia de nada.
Era esbanjador e metido a conquistador.
Conquistava todas.
Francisca era dos feitiços e Raimundo foi caindo de quatro.
Era muito encanto.
Mulata, olhos verdes, rabo de endoidecer, cabelo arrumado em contas, pernas grossas, panturrilha firme, sem ser musculosa.
As escovas acabaram se juntando.
O amor foi criando dependências. Raimundo na cachaça ia contando para a galera de botequim as intimidades da cama com Francisca. Contava pra Otávio, pra Marco Antônio, pra Claudio e para quem mais quisesse ouvir. Otávio sonso. E Raimundo ia contando na maior sem-vergonhice as intimidades que não se contam. Detalhes. Saía contando tudo. A caverna de sugar, de não dar sossego, os buracos à disposição, língua das antigas sacanagens. Raimundo se derretia em glórias e amor. O amor de desmanchar o sujeito, de bambear as pernas e de ir perdendo o que não tinha mais nada pra perder.
Raimundo desceu as escadas engolindo os degraus.
A humilhação.
Primeiro ele subira de elevador, chegando da batalha, meteu a chave na porta do apartamento, porta destrancada, estranhou, não muito, Otávio sentado de pernas cruzadas no sofá da sala com o broche de ouro da avó do Raimundo no peito da camisa, Francisca rindo como não cabia mais rir com Raimundo.
E foi aqui que nós achamos Raimundo. Descendo a escada, engolindo os degraus e gritando que agora sim o leite havia derramado.

**José Manuel Neves**
**Almada/Portugal**

# Caminho Rimado

No papel vou caminhando.
Ideias e palavras semeando,
Em busca dum outro rimar.
Que me dê algum alento
E me traga o sentimento,
Que faz o poema cantar.

Aos poucos vou inventando
E novas histórias contando,
Nesta forma de caminhar.
São lembranças dentro do peito,
Que os versos contam com jeito,
Quando surge um recordar.

Se o caminhar é aos tropeções,
Que lembram o fim de ilusões,
O verso dá força para continuar.
Pinta o sofrer com outras cores,
Faz na pedra nascerem flores
E no céu o Sol volta a brilhar.

Este é pois um certo destino,
Que percorro desde menino
E fez da poesia o meu caminhar.
Espalho meus versos ao vento
Para afastar algum sofrimento
Que a alma possa ainda abrigar.

https://joseneves.tambemescrevo.com/

**Joyce Nascimento Silva**
**Rio de Janeiro/RJ**

# Maldades

São tantas cobranças
Destruição
Mentiras e artimanhas

Tanta dor
Vício
E muito horror

São tantos demônios
Disfarçados de bons samaritanos
(aparências que enganam)

São tantas armadilhas
Entre o sorriso e um bom dia
(tantas falhas para rimar)

Não, não quero mais escrever
Sobre as maldades que ele fez.

https://www.youtube.com/channel/UCyaiIUU0W0SEdJouPCKrulA
https://anchor.fm/literatura-ja

**Juliana Moroni**
**Ibaté/SP**

# Navio Fantasma

O Passado é um navio fantasma vagando em alto-mar.

A Tripulação:
sentimentos desgastados pelo tempo,
caveiras deterioradas pela ação do mar.

O Mar:
espiral do tempo
que corrói a carcaça do navio
e sorve as almas dos tripulantes,
arremessando-as ao infinito.

Navio inoperante em alto-mar,
encoberto pela neblina,
sorrateiro,
seus corredores são túneis do tempo
por onde circulam os sentimentos desdenhados,
traiçoeiros e imortalizados,
esperando uma chance
de voltar ao tempo presente.

Navio fantasma vagando em alto-mar,
bandeira à meia-haste,
trêmula,
sacolejada pelo vento incessante,
frio e esfoliante
que desloca a neblina para o oeste,
na longa noite erma
a fluir pelas entranhas dos seus sonhos mais profundos.

A Neblina:
exílio de pensamentos torturantes
que evocam cenas angustiantes,
cortina que encobre o passado
e dissimula os sentimentos que,
lentos,
esbarram nos corredores do navio,
procurando qualquer fenda
por onde possam trespassar,
açoitar os sonhos
e asfixiar a esperança
de quem remou para longe do passado.

Pancadaria!
Os tripulantes se digladiando
pelos corredores lúgubres do navio.
Esbórnia de desavenças,
memórias que se deslocam
através da orgia sangrenta de sentimentos.

medroseD!
Golpes desferidos contra o destino
que, surrado e atordoado,
esgueira-se através da neblina,
cansado e desfigurado,
espreita os pesadelos tormentosos
de quem espera ansiosa
o raiar do dia.

**Kaique Bernardo Athayde Passos**
**Taubaté/SP**

# Triunfo Coletivo é Pleonasmo

Quem diria, triunfamos!
A morte assola os fracos
Os fortes escolhem a vida.
Escolha difícil, dura; Caminhada árdua
Mas aqui, desistir nunca foi uma opção
De chicotes e vassalos à busca por espaço
Do cartaz na passeata ao voto no senado
Ninguém pode vencer aquele que já nasceu perdendo
Apanhando da vida; dos homens
E fez da sua condição, munição para a sua luta

**Karine Dias Oliveira**
**Nova Friburgo/RJ**

# Não Mais...

Prometo que as feridas nunca mais nortearão a minha vida
Sei que ainda não curaram
Percebo que ainda não cicatrizaram...
Ainda doem!

No entanto,
Os seus latejos não mais lembrarão as passagens ruins
Não mais influenciarão as minhas atitudes
Muito menos os valores que carrego em meu peito.

Não me permitirei chorar
Olhar o mundo com mágoas
Viver sob nuvens cinzentas
Derramando lágrimas de ingratidão.

Infelizmente...
Sempre haverá um alguém nos ferindo
Seja conscientemente ou pelos acasos...
A empatia é algo que poucos nutrem
E colorir o mundo do outro... é a arte do amor que poucos têm o dom!

**Leandro de Assis Nascimento dos Santos e Luciana Barros Mendes**

**Itapecuru Mirim /MA**

# Albino Campos e a Igreja Matriz

Nos idos de 1984, em 24 de janeiro a terra de Mariana Luz trouxe ao mundo Albino Campos, não sei por que recebi este nome, mas gosto dele, pois algo me faz pensar que seria referência a uma pessoa que fora muito importante. Estamos no mês de novembro, tenho 14 anos de idade e a curiosidade me diferencia dos outros jovens, pelo menos é isso que a professora me diz. Ah! Também sou bastante religioso e falando em religião, logo penso na Igreja de Nossa Senhora das Dores do Itapecuru Mirim. Por várias vezes fiquei imaginando como se deu a sua construção, qual ou quais histórias poderiam estar envolvidas e, por isso, certo dia resolvi pesquisar.

Entrando na Igreja e analisando-a de forma mais minuciosa, percebi que a cúpula da torre central e o coreto, teriam sido reconstruídos, o motivo foi que, há 37 anos, portanto, em 1961, um terrível temporal abalou as estruturas da mesma levando ao chão uma parte do teto, bem como o coro e a torre. Felizmente, o vigário da época conseguiu com ajuda de muitas pessoas reerguer a igreja. Esses primeiros relatos consegui com o sacristão da paróquia, porém, ao perguntar pelo nome do padre, este não soube me responder, já que, era novo naquele cargo.

As inquietações levaram-me às imagens sacras, muito belas por sinal; os três altares guardavam, a saber: Santa Rita, para os fiéis católicos, conhecida como "Santa dos Impossíveis"; São Francisco Xavier, grande missionário e companheiro de Santo Inácio; São Benedito, padroeiro dos negros, que recebeu a alcunha de "o mouro", um adjetivo italiano, pois era negro e filho de escravos africanos. Em sua história, há relatos que ele levava pão escondido para os escravos, e um dia fora parado por guardas que tinham a intenção de fazer um flagrante. Estes, pediram que descobrisse a cesta, mas quando assim o fez, só encontraram flores.

Outrossim, havia Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, a respeito dela encontrei registros da existência de uma capela em sua homenagem, entretanto, caiu em ruínas e agora a imagem faz parte do altar da nova matriz; de Nossa Senhora das Dores, a nossa padroeira. Dentre os vários títulos que Maria recebe, este traz um

valor especial, pois é uma analogia as sete dores vividas por ela, principalmente no caminho da crucificação de Jesus.

As obras sacras supracitadas possuem traços artísticos do barroco e rococó. Possivelmente, elas foram criadas no século XVIII, a julgar pela delicadeza, curvas e cores. Bom, já essas últimas informações, consegui depois de consultar alguns livros.

Após investigar as imagens, resolvi sair da Igreja e andar pela cidade. Fui em direção à Rua Coronel Catão. Particularmente, sempre tive curiosidade sobre as histórias dela, assim como também de uma fonte chamada Miquilina e a rampa que desce até o rio. Mas isso eu deixo para pesquisar depois, ou quem sabe se algum dia, alguém vai escrever crônicas sobre esses locais? Então eu as leria e mataria minha curiosidade. Ao final do meu trajeto, deparo-me com a Casa de Cultura; nunca tinha adentrado lá, na verdade sentia medo. No entanto, algo me dizia que eu poderia encontrar mais dados sobre a Igreja.

Havia uma sala com textos históricos, onde encontrei a "Pedra Fundamental da Igreja Matriz", que foi lançada por Luís Alves de Lima e Silva, conhecido como o "Duque de Caxias". Isso ocorreu quando o mesmo estava em Itapecuru Mirim, que nessa época ainda era Vila. A missão de Duque de Caxias foi combater a "Balaiada", e reprimir os aquilombados sob a liderança de Cosme Bento das Chagas, o "Negro Cosme", que invadia as fazendas da Vila para libertar seus pares. Nossa, quanta informação! Quem diria que eu encontraria tudo isso ao pesquisar sobre a construção da Igreja!

Após, sair da Casa de Cultura e subindo pela rua da frente, fui surpreendido por um papel que, pela força do vento colou em meu rosto, era um recorte de jornal, o "Combate, de 1951", nele dizia o seguinte: "no ano de 1924 em uma das maiores cheias do rio Itapecuru, esta desabou". Tentei imaginar o que teria desabado. Por sorte, perto dali uma senhora balançava em sua cadeira na porta de sua casa, e mais uma vez seguindo meus impulsos, fui até ela pensando encontrar alguma resposta. Logo percebi que estava rezando o rosário, julguei isso por causa da quantidade das contas do terço em sua mão.

Perguntei o que teria existido anos atrás naquele lugar, e ela me respondeu: "— Meu filho, a paróquia que hoje você conhece como Nossa Senhora das Dores, um dia foi de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, e aqui era sua igreja matriz. Ainda me lembro das últimas colunas que tentavam resistir ao tempo". Depois de ouvi-la, agradeci e continuei o meu caminho muito lépido.

Cheguei à casa paroquial, na parede estava colado um aviso que dizia quando se iniciaria o festejo. Lembrei de quando meus pais diziam

que antes a festa de Nossa Senhora das Dores era celebrada no último domingo de setembro, perdurando até o ano de 1982. No entanto, a partir de 1984 ficou decidido que o festejo seguiria o ano litúrgico e, por isso, passou a ser comemorado dia 15 de setembro. Passando alguns dias, começou o festejo; os sinos badalavam às 18h avisando que o terço já ia começar, depois, tocavam de novo só que dessa vez era o aviso da missa. Igreja decorada, flores nas cores das vestes de Maria, mensagens pintadas nas colunas, frases nas paredes, músicas, que encantavam os presentes e contribuía com os pagadores de promessas.

No momento dos avisos da comunidade, já no final de celebração, leram uma mensagem sobre o homenageado da noite e contaram sua história. Era o Padre José Albino Campos Filho, que nasceu no dia 4 de fevereiro de 1922, e faleceu em 24 de janeiro de 1970. Surpreendente! Vim ao mundo na data do seu falecimento. Agora entendo porque me deram o nome de Albino Campos, era de costume batizar as crianças com o nome dos padres, em homenagem aos seus grandes serviços prestados na cidade.

Foi ele quem mandou reerguer a torre, o coreto e o teto da Igreja na época em que a tempestade destruiu tudo e também um hino novo para Nossa Senhora das Dores, que se tornou no canto de despedida da missa em época de festejo, nele tem uma estrofe que diz: "Foi semente esta pedra que um dia, o valente soldado plantou; nasce o tempo que a Virgem Maria, este povo gentil dedicou". Essa é a pedra que deu início a construção da Igreja.

Depois do cântico final levantei do banco e, antes de sair, pus um pouco de água benta na minha cabeça, contudo, minha mãe queria me banhar dizendo que, assim eu seria abençoado. A pia de água benta ficava logo na saída, então, olhei mais uma vez para o altar-mor, fiz a genuflexão ao Santíssimo e fui embora.

**Leandro Emanuel Pereira**
**Matosinhos, Portugal**

# Vida Turva

Falaciosa vontade;
De nascer em cativeiro;
Onde o sol falta à verdade;
Onde tudo vale dinheiro...

Não vale ser destemido;
Em prol da doce vida;
Podemos soltar um gemido;
Que não falta quem nos agrida...

Serei minimalista?
Serei o grito da revolta?
Qual fiel negativista;
Da doutrina envolta...

Correr atrás da perda;
É o lema do amador;
Que ignora toda a merda;
Para no fim ser sofredor...
Sê humano sagaz;
Vaticina a sorte que te abriga;
Hoje és o fogo que apraz;
Amanhã a história sofrida…

**Luanaly**
**Belém/PA**

# O Segredo dos Pássaros

A revoada dos pássaros à tarde insinuava a chegada das seis horas. Era comum. A brisa esfriava, os jovens saiam para passear pelo vilarejo que terminava na Orla 1920, enquanto os últimos fios dourados escapuliam das nuvens que se esfumavam lentamente com a ventania da noite.

Dava medo. Seis semanas borbulhavam em seu corpo. Peito quente, acariciou forte o ventre, olhou para os lados vagarosamente, tudo era uma gestação ao seu redor. As pessoas conversavam, andavam e comiam. Sentiu febre, precisava comer. Já passava da hora, e precisava seguir em frente.

Ao chegar em casa quis ligar pra ele, mas percebeu que segurava o telefone ainda no escuro, pois não havia acendido a luz da sala quando entrou. O fez, mas desistiu da chamada. Aquele instante de atravessar a sala escura, embora pífio, era ao mesmo tempo assustador, afinal, quantos passos no escuro se dá pra chegar até o outro? Lembrou da vez que ele lhe fez uma serenata, era seu aniversário. Ele percorreu uma rua mal iluminada, ela morava na última casa.

Mas ela se camuflava na noite calorenta. Voz abafada, mãos suarentas. Era opaca aos outros e intangível a ele. Nada compensava o fervor que crescia, como o sentimento feral de uma criatura que caça exaustivamente para matar a fome.

A gravidez consumia. Solidão que incendeia. Seis meses de espasmos prolongados e, calma, ela caçava.

Ligaram pra ela.

Foi à casa dos pais dele. Quanto tempo…

— Seis meses e duas semanas. E ele?

— No hospital. Como dissemos.

— Sim. Mas por que ele não me procurou?

Os olhares se tocaram. A mãe queria paciência, mas não pediu. O pai, estava omisso.

— E vocês?

— Bem.

—Não. Por que não me procuraram? Eu liguei. Liguei. Aonde estavam quando aquilo aconteceu?

— Aqui. Disse o pai, consciente de sua omissão e arrependido.- Mas foi maior que a gente. E ainda é. Maior que a nossa força. Maior que a nossa idade. E você? Estava aonde?

Ela andava pelo corredor do hospital convencida de sua culpa. A faísca de negociação com o seu ressentimento diminuía cada vez mais, sem reservas.

Quando ela se aproximou da porta e girou a maçaneta que reluzia o seu reflexo, ela já estava distorcida. Pensou em como seria revê-lo. Mesmo naquele momento de agonia, o coração sentia a magia do encontro como se fosse o primeiro.

Manteve a porta entreaberta. Viu ele sentado na cama de costas pra ela, olhando em direção à janela. Não se virou para ver se havia alguém no quarto. Provavelmente não escutou o estalo da porta abrindo, pensou ela.

Ela o observou por muito tempo ali. Ele olhava para o horizonte, mantinha as mãos calmas sobre as pernas. Distraído, era ele presente. Doente. Escondida em seu silêncio, ela indagava para dentro o que o prendia de uma forma quase divina que não pudesse se dar conta de sua própria vida.

E, foi no ato de tentar salvá-lo que foi tomada pela experiência. Olhou para onde ele estava olhando. Não era a paisagem ou os pássaros que ele contemplava, também não pensava no amor, nem sequer em si mesmo. Ele pensava na morte, e, só então percebeu que não era algo que o prendia, mas sim, que o libertava.

Nesse ínterim, ela saiu do quarto. Decidida, bateu a porta e saiu, despreocupada se ele perceberia ou não dessa vez. Descia as escadas se contorcendo com as lentes do passado que ofuscavam o presente. Lá estava ela, no escuro de novo, por sua vez, fugindo do outro, tateando as paredes ao seu redor, juntando os cacos de si. E daí? Perguntava-se. E daí? Quase gritou. Mas era inevitável… a luz da vela ornamentando os encontros de afeto,

os pássaros que testemunhavam os passeios à tarde. Um romance às cegas.

Porém, alguém estava perto da luz. O filho estava a caminho. Não era mais segredo.

Alguns anos se passaram. Ele casou, teve duas filhas com uma médica que morava no centro. Estava feliz.

Enquanto caminhavam pela orla, ela conversava com o Lúcio, de seis anos. As pessoas falavam com ela. Ele ouvia tudo. Sentia a brisa fria colidir com o seu corpo morno.

— Ouça, filho… consegue? O canto dos pássaros.

— É a revoada?

— Sim, é sim. Tá ouvindo?

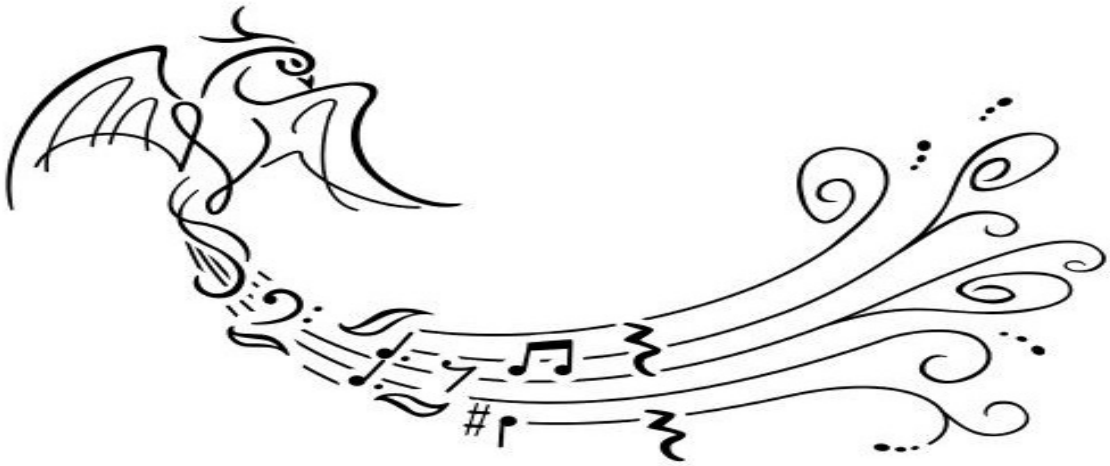
— E como é? Os pássaros… como é os pássaros?

— Ora… eu não sei… filho. Ela olhava para o menino, mergulhada em seus olhos. Ele era cego. Então, segurou fortemente sua mão, para dizer lhe:

— É segredo, filho.

— Um dia, mamãe, vou descobrir o segredo dos pássaros.

https://m.facebook.com/?locale2=pt_BR



**Luciane Leal**
**Curitiba-PR**

# Colcha de retalhos...

**Colcha de retalhos...**

Os retalhos do inconsciente e a dor presente, existente!

As vezes coloridos, transparente, latente no consciente.

Outras vezes preto e branco difíceis de encontrar, apenas ações e reações a costurar.

A colcha vai sendo tecida passo a passo, dia a dia...

Lembranças, gatilhos e a ponte do trauma

Links, linhas que unem cada retalho...

A história tecida a colcha formada, construída através das lembranças vividas!

**Luís Amorim**
**Oeiras, Portugal**

# A jovem alfaiate

Era uma vez um alfaiate, uma senhora para ser preciso o essencial, ou ainda por mais factualmente certeiro, uma jovem que residia em rural meio mas com o urbano bem próximo o suficiente para chegar até ele em diminuto tempo sempre que lhe fosse necessário. Consta que vivia sozinha e tinha essa ocupação por medida, a esquadro e régua. Não fazia tarefa profissional vigente a tanta gente que fosse envolvente mesmo que muito precisassem de ajustes em casacos, saias, blusas, calças ou provas outras. Isto porque tinha umas bastante influenciadoras amigas, três no rigoroso informal, talvez mesmo quatro, se bem que a extra não interferia na vida de jovem deste conto dias todos que houvesse. Não se conhece se seria apenas à quarta-feira ou numa abrangência maior que influência perversa acontecia no acompanhar das restantes. Estas por conjunto determinavam perante sua rede de influências com quem se poderia dialogar e com quem proibição de contacto ser desfeita «Nem pensar» era expressão que se fazia ouvir no sempre de ocasião. Nunca e sem possibilidades de haver discussão, convém reforçar em esclarecimento de enredo. Todas eram por natural ou acrescentado trejeito intriguistas e boateiras e não vezes raras, cenários inventavam só para vetarem pessoas indesejáveis para elas, a gravitarem à volta da alfaiate e de pessoas outras que no dizer daquelas mandantes só poderiam andar pela lua divagando no pontual dialogar com reprovada gente. Era desta forma que as influenciadoras de três quantidades, por vezes quatro, exerciam poder seu perante contactos em agenda, femininas quase no sempre figuras sem pensamento no próprio ser de poderem ter, desde que se deixassem enredar nas estórias das amigas mandantes. E assim decorreu tempo com vetadas pessoas de bem, pareciam-se elas que de jovem alfaiate não poderiam fazer prova de ami-

zade. Havia sempre a possibilidade de recorrerem a diversos profissionais que existissem no meio envolvente ou mais por disperso e longínquo, mas não teria o mesmo efeito pois que jovem esta de conto em questão tinha encantos diversos e poucos não eram para cativar quem de alfaiate estivesse por necessidade efectiva. Ela própria não gostava de ter por afugentar verbo sua direcção mas as superiores psicológicas mandavam e haveria que, sem discussão, obedecer.

Certo dia mais para o urbano do que pelo rural meio, um jovem criativo que já fazia parte das suas relações, precisou de mais serviço junto dela e portanto nem seria de pensar em distinta opção que não com ela por efectiva proximidade no trabalho que pedia composição na precisão e competência de valor, acrescentado na simpatia de sua amizade. Só que boato certo por concreto e não por verídico corria silenciosamente contra ele da parte de falsa interesseira entidade, estrategicamente aparecida meses havia de ciúmes no prévio e as ordenantes em plenício, com a quarta delas igualmente presente e agitada pelo que já antecipava, fizeram ordem de exclusão por serem amigas da tal falsa entidade de boateira verídica tez e que a jovem alfaiate de seguir teria no obediente agir. Quando informada, refilou mais interiormente do que por alto, mas sabia por experiência própria que não teria opção distinta. O criativo desta estória enfim soube o que esperaria lado seu no imediato seguinte e resolveu engendrar plano que libertar pudesse a jovem subjugada por decisões autoritárias e de qualificações no oportuno redundante como apenas inqualificáveis. Procurar jovem de tais credenciais em figura distinta não era opção pela cordialidade à prezada amiga, que serviço idêntico ou melhor faria e com a vantagem da proximidade em amizade sincera. Portanto, etapa por cumprir seria cilada no bom sentido de justiça que pudesse libertar indefesa jovem e castigar as ordenantes do tudo e nada autoritário justificativo. Heterónimo ainda não revelado do jovem criativo aproximou-se da boateira que provocara toda esta situação no intuito de a influenciar, subornar caso necessário se impusesse e muito ela adorava o que poderia ser visto, pelo menos na perspectiva sua, como financeira recompensa. Criar divisões

entre as três ou quatro senhoras apenas citadas assim por cortesia substantiva, com novo boato que envolvesse relação de uma delas ou talvez duas com alguém que não poderia mais aparecer, o próprio criativo em pessoa. Isso provocou tais divisões no grupo que este se desmembrou na histeria de ocasião em forma de momentos todos como reuniões e, no imediato, diversas pessoas reféns por subjugação ficaram enfim libertas, incluindo a jovem alfaiate que, numa primeira fase aceitou nova amizade que surgiu num completo aceno à sua percepção mas que foi antecipadamente estudada, essa do destino casualidade perante tal heterónimo. Este foi recebido com a semelhança curiosa que lhe disse pressentir quanto ao outrora presente na sua vida, simplesmente o tal criativo. Saudades dele e quem sabe de ser alfaiate sempre que ele viesse a precisar no futuro que já não veria como possível de surgir no seu percurso de vida. O heterónimo comprometeu-se a poder interceder no bom sentido de os juntar mas para nova fase, a que estaria mesmo a chegar, iria precisar, sem dúvida alguma, do seu empenhado serviço de alfaiate. E só a jovem pela sua frente poderia dar a melhor resposta com toda a sua natural cortesia plena de encanto.

www.facebook.com/luisamorimeditions

**Luiz Roberto da Costa Júnior**
**Campinas/SP**

# Apagão

para *José*

E agora?
A rede caiu,
a luz apagou,
a conexão sumiu.
E agora?
Escreve anônimo,
zomba dos outros,
odeia e protesta?
E agora?

Está sem celular,
está sem mensagem,
está sem vida,
já não pode compartilhar,
já não pode curtir,
xingar já não pode,
não veio a energia
e tudo acabou.
E agora?

E agora?
Sozinho no escuro,
sem nada a fazer,
sem parede
para se encostar,
sem distração
que fuja da realidade,
você vai para onde?

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

**Malinga Dambo**
**Maxixe- Moçambique**

# Devassa liberdade

Liberdade,
como outro deleite qualquer
faz a gente querer sempre mais.
E nesta petulância de vício,
em espírito brioso
resplandece o nosso ego
qual porções de alívio que nos doa
o fumo do cigarro,
quanto mais segue queimando melancolias,
anomalias do passado.
É aí que, banhados de largo
lago arbítrio,
vamos catando excessos
entre bares e prostíbulos,
entre ociosidades e vaidades …
É a liberdade em devassidão!
E aí morremos a retalhos
como os pulmões enegrecendo
a cada voo em fantásticas ilusões.

**Marcelo Rabelo de Souza Menezes**

**Caiena, Guiana Francesa**

# As Peripécias de Melquisedeque; ou O Padrinho

Danilo se sentia triste com abundância, e de maneira mui alarmante. Há dias que cometera um ato que não estava perdoando a si mesmo, e, por mais que tentasse fazê-lo, não conseguia, e devido a isso, ele sempre se julgava um indivíduo inferior, querendo se isolar da sociedade por crer que possuía mesmo tal inferioridade. Não conseguia ter mais a felicidade que antes retinha, e o que mais passou a sentir sem haver interrupção alguma foi uma melancolia atroz que trazia para cada vez mais próximo dele uma treva infindável e temerosa. Não conseguia mais viver pacificamente e alegremente o Danilo, até que chegou uma hora em que tal sentimento lastimável já não lhe era mais suportável na iminência de ele não ter resistido e ter vindo a falecer, ao lado dos seus queridos e estimados amigos que eram membros da turma d'*O Padrinho*. As últimas palavras que Danilo proferiu à turma d'*O Padrinho* [que era composta pelo o Excelentíssimo Sandro Sá Fernandes Pereira, que era o incumbente do cargo de Presidente da Turma, e pelos seus associados Carlos Fradique Mendes, David Alexandre Teixeira Portulez, Diogo Camarão Clemente, Duarte de Sousa Bento, Gonçalo Silva (alcunha *Chupas*), João Pedro Mota, José Matias Rodrigues, Pedro Pinto de Jesus e Tomás dos Santos Canas] foram:

– Meus amigos, eu estou a perecer neste momento. Saiba, meus venturosos amigos da turma d'*O Padrinho*, que fracassei nesta minha Vida e não consegui suportar o miquelino malogro; por tal razão é que sou um verdadeiro ignavo. Eu não valho nada, sim, eu não possuo valor algum nesta Vida – e lastimavelmente. Estou a perecer, turma, e estou a levar atado a mim a consternação de não ter conseguido realizar por esse bondoso e magnânimo (além de malévolo e indigno) ser que habita a Terra – que é o ser humano – tudo aquilo de afável que eu intencionara fazer. O ludíbrio, a detração e as mais vastas torpentes foram engendradas pela improbidade de odientos e infundamentados opositores numa propalação deliberada, sistemática e difamatória. Acresce-se o esfalfamento de amigos (melhor dizendo, "amigos", entre aspas) que rejeitaram em salvaguardar-me nas condutas que desempenhava a crueldade de traiçoeiros e infames aos quais amparei com honorabilidade e dádivas e a impiedade moral de capangas que eu havia entregado à Juridicidade, cooperando todos para conceber um recinto errôneo no ponto de vista público do Mundo para comigo. Caso o usual renunciamento ao posto a que fui eleito através do escrutínio da

sociedade me permitisse usufruir deslembrado e plácido na face da Terra, eu havia de renunciar de boa anuência. Tal renunciamento, porém, havia de dar somente conjuntura para que, com maior impetuosidade, acossassem-me e vilipendiar com o maior prazer e a mais vasta aptidão. Desejam desmantelar-me custe o que custar. Eu me tornei audaz aos insignes do dia e às apadrinhadas linhagens. Por mais que não seja, sinto-me envelhecido e exausto, e por isso distingo ir prestar contas ao Senhor, não das faltas que perpetrei, todavia das poderosas ambições que adversei, ora pelo porquê de se opor aos interesses próprios da nação, ora pelo porquê de prevalecer, de maneira inclemente, aos indingentes e aos módicos. Somente Deus dos meus amargos e consternações compreende. Que o sangue de um inculpado venha a acudir com o fim de apaziguar o rancor dos charlatães. Obrigado a todos que de perto ou de longe dispuseram a comodidade da sua cordialidade amistosa. A reação do povo há de vir posteriormente… Adeus!

Após o falecimento de Danilo, Sandro descobrira que o verdadeiro móvel do falecimento do seu amigo foi a razão de ele ter perdido no cinema do shopping a sessão de 17h00min do filme Titanic, que tanto queria ir, e ficou enraivecido consigo mesmo de uma tão vasta, tão gigantesca, tão alarmante – não conseguindo perdoar a si mesmo pelo vacilo que cometera – na iminência de ter comprado uma metralhadora e matado a sua mãe. Ele reflexionou um pouco acerca do caso e descobriu o quão grave é o estado em que a Humanidade se encontra: falece por motivos toscos. Uma pequena tolice se torna um grande problema… Danilo não lhe perdoara o ato de ter se atrasado para sessão das 17h00min e, por causa disso, assassinou a sua própria mãe, que nada tinha haver com o ocorrido…

Saudade da ilustre e magnânima Inglaterra
É o que mais retenho em meu peito com colossal vastidão,
Porquanto o que eu mais vejo nesta nova e melancólica terra,
Que é o Brasil, é uma desiludida miragem com precisão.
Ó saudades da ilustre e magnânima Inglaterra,
País onde apreciaria me exilar, mais liberal que ti somente o meu coração.
É muito difícil você se perdoar
Quando se ainda está a errar
E a não amar.

Davi dizia que quando crescesse ia ser padre e sempre brincava de fazer Missa.

Um dia, com a casa cheia e as crianças brincando de Missa na sala, eis que ouço o “Padre Davi” em sua homilia:

– Foi então que Jesus passou um SMS para Pedro dizendo que um dia ele voltará.

Orações, juramentos, declarações
É o que faço para ti, meu amor,
Para te afastar de toda angústia e dor
E te desejar muitas (com)paixões.
A alface não tem gosto,
Mas possui bom gosto
musical,
literal,
sensual,
teatral,
natural,
literário etc.

**Marcos Andrade Alves dos Santos**
**Canaan/Trairi/CE**

# Coisas primais

Queria ser de posse do vento como uma conchinha é.

Bastaria encostar-me o ouvido

E poderia se ouvir uma melodia infinita tocar em meu interior.

Queria ser afortunado como o dia é,

E despertar pelo gorjeio dos passarinhos.

Os pássaros se ajuntam na janela da manhã e despertam o sol com seus gorjeios.

Queria ser de posse do mar como o pôr do sol é.

As águas guardam o dia com a delicadeza que o poeta se guarda nas palavras.

Queria ser de posse da noite como os vagalumes são.

Queria ser de posse de um passarinho como o néctar de uma flor é.

Queria a miudeza da chuva me descomeçando.

https://www.trema.com.br/autor/marcos-andrade

**Marcos Nunes Loiola**

**Botuporã/BA**

# Indecente conforto

Deitada sobre a cama, a mão na barriga, mirava a cidade emoldurada pela janela. Ao longe, via a Catedral, imponente, destacando-se entre arquiteturas inferiores e coqueiros na beira do morro. O tempo abafado impedia o vento de adentrar o quarto naquelas tardes. Sua memória desconhecia dias tão sufocantes...

Os pássaros cantarolavam alheios às dores do mundo todo lá fora. E ela invejava-os. Quisera ser um pássaro para não sentir aquela dor, que tinha o peso de uma Catedral, como aquela vista pela janela.

A barriga de oito meses lhe pesava bem menos que as horas. Os dias a torturavam sem pressa, como a força bruta de um soco na face, das pernas arreganhadas, de um corpo violentado. Passava o tempo todo presa naquele quarto, feito um canário silenciado, alheia às dores do mundo todo lá fora, menos à sua, que bastava.

Era secretária de finanças de um sindicato de trabalhadores. Havia abandonado o cargo desde o dia em que se descobriu grávida. Não lhe restara sanidade para tanto. Tinha alguma reserva no banco, daria para alguns meses...

Abandonou também os livros cuidadosamente enfileirados na estante, agora empoeirados. A calçada da sua casa era tão distante quanto o Japão. Tudo lhe inspirava um desinteresse angustiante e andava quase sempre sem fome de comida e de vida.

Mas vivia. O sangue ardia nas veias, ao menos. Sentia o bebê mexer, como que apressado para ganhar o mundo... A intuição lhe dizia um menino.

Num primeiro instante, cogitou abortá-lo, mas uma certa ética ainda lhe detinha a iniciativa. Quem sabe não aprenderia a amá-lo?

— *Estou à beira da loucura!*

E a loucura era esse conflito moral. Era a negação da pureza e da inocência. O que seria a loucura senão a não aceitação do amor? Sentia o corpo esmagado pela culpa de não o desejar, mas o sentimento emergia sempre involuntário, tal qual um Vesúvio em sua mais louca fúria.

Caiu num sono febril naquele resto de tarde. Teve sonhos

estranhos, delírios. Em vertigem viu, mais uma vez, a cena que a martirizava solitariamente: aquele homem que dizia amá-la... o seu corpo nu sobre a cama... o suor... o nariz a sangrar...

Despertou horas depois, pesada. Vênus surgia no horizonte quando ela se levantou e foi até a cozinha. Fez esforço para comer alguma coisa, mas um copo de leite foi tudo o que conseguiu ingerir. Entrou no banheiro em seguida. Enquanto a água caía, fria, notou o chão avermelhado, assim, sem que ao menos esperasse. Ligou para os pais.

No hospital, posta sobre a mesa de cirurgia, começou a sentir as derradeiras dores. O filho chegou ao mundo às sete da noite, parto normal, morto. Era um menino, de fato.

O silêncio no quarto foi rompido por um choro soluçante e demorado. O salgado das lágrimas escondia um indecente conforto, como um desses segredos que a ninguém cabe revelar.

Lá fora, a noite caía abafada.

O abril daquele 64 apenas começava.

https://www.instagram.com/loio_la/

https://www.facebook.com/marcos.loiola.2016

**Marcos Pontal**
**Pontal/SP**

# Quando A Vacina Sair, Eu Vou!

Atualmente estou em casa,
mas um dia isso passa.
Tudo volta ao normal,
e volta a ser igual.
A vacina sai no verão.
Depois de vacinar,
vou ao mar que é tudo de bom.
Mergulhar em águas salgadas,
com a minha amada.

Vou viajar com o meu amor,
nesse esplendor.
Aproveitar o tempo quente,
e me refrescar contente.
Ficar bronzeado na praia,
e não fugir da raia.
Mergulhar sem medo,
mas com segurança, esse é o segredo.

Não há nada mais romântico,
de ver a paisagem que vem do atlântico.
Essa beleza,
de Deus, que fez a natureza.

www.velivros.visaoespiritual.com.br

**Maria Carolina Fernandes Oliveira**
**Belo Horizonte/MG**

# Rosas e Ritas

Rosas e Ritas
saem da favela
e deixam as filhas
(não há opção),
partem dos morros
e andam entre mortos
(bala perdida, absolvição),
sangram os pés
e rumam à mansão.

Esfregam
vidro manchado
visão embaçada
rouco pó.

Fadiga e frasco
ciscos e janelas
pisos e panelas,
(Elas?)
inspiram e varrem
aspiram e expiram.
Nós!

Mulher três vezes
tripla jornada
batalham e bradam
nos grandes sobrados.

Todas retornam
flutuam sobre escombros
só escoam
sem escolha,
sem escolta,
todas Ritas
e Rosas.
- e o amanhã já ecoa.

*(Inspirado nas filigranas de Ana Maria Machado,*
*uma releitura de seu poema Naus e nós).*

**Maria Catarina de Sousa Martins Canas**
**Coimbra – Portugal**

# Talvez Poeta

um dia, o que restará de mim senão pedaços ?
o que deixarei, que vai ser útil a quem vem ?
suspeito que serão meros estilhaços,
disponíveis para alguns ou para ninguém...

já foi tarde que as palavras me encontraram,
me seduziram e mostraram seu valor,
abracei-as, dei-lhes asas e voaram,
fiquei só, envolto em pranto e em dor...

queria ser como os que cedo versejaram,
que privaram com metáforas todo o dia,
que com sol os céus na terra iluminaram,
a mim, que mais me resta que agonia ?

talvez, ainda que pouca, haja esperança,
de voltar um dia a poder ser o tal poeta
cuja escrita o mundo abrange e alcança...

talvez, quando a mensagem for secreta
e andar escondida entre as letra numa dança.
eu rodopie e chegue quase até à meta...

talvez, se eu demonstrar que sendo eu,
dizendo coisas apenas só com o coração,
vejam em mim todo o sonho e o apogeu.

talvez palavras voltem a mim em inspiração.
talvez o sonho comande o mundo que é só meu.
talvez enfim eu me transcenda em emoção.

https://www.facebook.com/groups/matematicadaspalavras/

**Maria Elza Fernandes Melo Reis**
**Capanema/PA**

# Alimente-se de amor

Que o amor alimente nossas almas
Nesse deserto de dias distantes
Onde os abraços são desejos necessários
Que a brisa que toca nossa face
Seja de esperança e saudade
Dos dias que cantávamos afeições
Sorria!
É hora de abraçar lembranças
Se revestir de fé, solidariedade
É tempo de rever sentimentos
De olhar pro arco-íris
E contemplar  a arte de  Deus
Alimente-se do amor que cura
Amor leve que não tortura
Que não te machuca
Que apenas acaricia tua alma
De tanto te querer bem.

**Maria Moura dos Santos**

**Canaan/Trairi/Ceará**

# Entremundo

As luzes se apagaram ao mesmo tempo. Isso não me assusta, pelo contrário, me alegro. Quando as luzes se apagam sinto o gosto do antigamente.

Fechei os olhos e esperei que me levassem. Fazia muitos dias que não sobrevoava as distâncias em minhas próprias asas. Preciso ser levada por forças mais profundas que o meu próprio espírito. Forças que há muitas eras se desprenderam de sua própria carne e que só podem conhecer o gosto da terra pela carne dos outros ou que nunca antes tiveram carne. Meu corpo envelheceu pelos caminhos, a carne enfraqueceu, quase não pode se sustentar mais.

Sinto o sopro que me levará para o desconhecido. A pele reverdece com ele, mas não como o espírito que se enfloresta e se distancia. Vou para os outros além, seguir uma jornada que somente os escolhidos podem saber. Aquilo que se reserva do outro lado é puro mistério, os lugares além deste mundo nunca se esgotam.

Ao me ausentar da terra ainda pude ver meu corpo adormecido. Para aqueles que não sabem destas coisas magníficas tudo em meu corpo estaria normal. Mas ele jazia sem mim. E eu estava voando pelo desconhecido. Não saberia dizer qual a dimensão daquele horizonte, mas sei que toda beleza da terra não conseguiria alcançá-lo. Talvez a imaginação de uma criança pudesse ser tão limpa. Segui por ela... eles me sopravam...

De longe avistei uma campina muito verde. O vento que me levava foi perdendo a força até que eu entendi que deveria me descer ali. E assim eu fui. Não quis mais seguir pelo ar além de meus sentidos. Então desci.

Ao chegar naquela campina notei que sob meus pés a verdura da campina se tornava o manto mais macio. Que mistério poderia haver ali? Um destino para quem não existe mais ou para quem deixou de existir nos termos que conhecemos – certamente que aquele parecia um espaço sagrado. Eu descobri isso ao olhar ao meu redor e notar os arvoredos que se espalhavam pela campina. Até perder de vista, tudo estava cheio de gente. Gente nova e gente velha. Crianças. Gente desconhecida. Gente que não acabava mais. Todo mundo vestido de branco, como num ritual iluminado.

Sobre nós uma luz *pingorava*[1] como quando sol custa a se deitar detrás do mundo.

Não quis caminhar com medo de interferir naquela paragem mais do que deveria, mesmo sabendo que tinha permissão para está ali, senão nunca as distâncias teriam me chamado em forma de nuvem. Pensei. Senti. Respirei o perfume no ar. Flores brancas desabrochavam. Entendi que a luz nunca se apagaria.

Fechei os olhos por um momento e esperei que a distância se revelasse. Foi quando senti uma mão macia tocar-me o ombro. Assustei-me e abri os olhos. Era ele. Depois de tanto tempo nos encontramos outra vez. Um sorriso iluminou sua face e refletiu na minha também. Ele falou:

– *Como estão os nossos filhos? Sei que está preocupada com o Zé Maria. Mas acalma teu coração.*

Sempre soube de sua profundidade, mas a brancura de suas vestes quase me ofuscou a vista. Meu espírito não estava tão pesado como meu corpo. Lembrei-me do motivo pelo qual voei. Lembrei-me que os meus ficaram desesperados depois que tive a notícia e desmaiei. Nada em meu corpo estava normal para eles. Era uma experiência de morte, embora meu espírito estivesse tão vivo e livre. Perguntei ao Chico:

– *Chico, que lugar é esse?*

Ele olhou em volta e sorriu, depois disse para mim:

– *Seu lugar não é aqui. Esse é um entremundo. Um entremeio. Um lugar que não existe para os vivos e nem para os mortos. É uma passagem entre os mundos. Aqui ficam por um tempo àqueles que vêm da terra até que se cumpra a promessa de suas existências e possam caminhar em outras partes como manda Deus. Até aqui pude ajudar vocês, quando me chamavam desde a terra. Aqui, a magia profunda que vem pelos Encantados ainda pode ser usada por Mestres como nós já fomos um dia. É mais fácil de pedir a eles por que estão mais próximos da gente. Porém estou para me mudar para uma distância maior. Vou embora por ordem de Deus. Seguirei o mistério e desabrocharei como flor num horizonte desconhecido. É por isso que talvez não possa mais visitar vocês da mesma forma nem ajudar nosso filho nem a você. Daqui em diante vocês ficarão sozinhos. Sinto tristeza em não poder ajuda-los mais. Mas é assim que o destino ordena.*

Enquanto ele falava, as lagrimas desciam em minha face. Não havia água, apenas emoção. Um espírito também se emociona. As coisas estão interligadas pelos sonhos e pelos caminhos dos vivos que são sonhos de Deuses misteriosos. Senti tristeza por que todas as vezes que as nuvens

1Essa é uma palavra usada na Lavagem para significar aquilo que se demora ou que de dá aos pouquinhos.

choviam tempestades era pelo Chico que eu chamava antes de pedir aos *Encantados* sua proteção. Meu marido, o pai dos meus filhos. E meu filho estava preso. Meu marido não mais poderia nos ajudar em seu além mais distante. Meu coração de mãe estremeceu em meu corpo físico e senti no espírito um peso. Foi quando ele me soprou e me encheu de distâncias mais uma vez. Voltei a ser nuvem.

Então lhe perguntei:

*– O que eu vou fazer? Diz-me o teu destino.*

E ele me sorriu respondendo:

*– O tempo vai se revelar em miudezas para vocês. Basta que vivam as ausências. Vai chegar para vocês outro Mestre do Encantamento, mas não revelarei quem é, e ele abrirá as portas que estão fechadas... uma voz te chama na terra. Nosso tempo aqui terminou. Vai embora. Tenho que me esquecer de linhas para aprender linhas novas. Lembra-te da doutrina do Príncipe Fernando e vai cantando pelo caminho: Se o vento me leva / As nuvens me trazem / Sou netos das aves / Sou Príncipe Fernando.*

E realmente alguém me chamou. Meus ouvidos se abriram. Lentamente senti o vento soprar e me empurrar para as imensidões que o verdume não alcançava. O Chico me sorria como me dizendo adeus. Ainda tive tempo de lhe dizer:

*– Eu te amo para sempre.*

Meus olhos se abriram. Os meus choravam ao meu redor. Percebi-me numa cama de hospital. Chorei por causa da ausência.

**Maria Pia Monda**
**Belo Horizonte/MG**

# O medo de se mostrar

Calças jeans e uma camiseta rosa. Depois muda de ideia. Melhor ousar. É uma noite especial.

Remexe no armário e, após uma busca difícil, a encontra. Comprara aquela saia meses antes. Antes de...

Antes.

Se arruma, olha para o espelho e fica surpresa ao se gostar. Um sorriso dirigido para si mesma e o volume do rádio lançado a mil, para não desistir.

Ela sabia que não seria fácil. Não foi e não é.

O quê?

Em primeiro lugar, ter concordado em sair. Marcus teve que lutar a tarde toda para convencê-la. Apenas um passeio- ele garantiu. Ok- ela finalmente sucumbiu.

E, depois, voltar a se perceber, a se sentir normal.

Experimenta e saboreia o entusiasmo, apenas um pouco, o suficiente para temperar o sabor amargo do medo.

O medo de se mostrar.

As cicatrizes, os cortes, as feridas, a alma: tudo ainda dói, mas quer ser corajosa e sabe que será.

Está pronta há dez minutos. Marcus disse que iria busca-la às nove, mas ele sempre se atrasa, então ela não se incomoda. A TV está transmitindo o filme que, um ano antes, foi campeão de bilheteria nos cinemas. Enquanto espera, ela verá algumas cenas. Talvez seja um bom filme.

Durante o segundo intervalo comercial, ela olha para o relógio: são quase dez horas. Tenta ligar para o Marcus, ele não atende. Continua assistindo ao filme. Não está gostando, mas, mesmo assim, assiste até o final.

São já às onze horas, mas não se preocupa, porque o Marcus está sempre atrasado.

Volta a se espelhar.

Talvez teria sido melhor não aceitar o convite; talvez teria sido melhor confiar no seu instinto. Ainda não era o momento certo, ainda não se sentia pronta para sair. Mas é de novo o medo falando, então, para não sucumbir, tenta com uma ulterior ligação. O telefone toca em vão.

À meia-noite, ela se rende.

Antes de se despir, faz uma última tentativa. O telefone toca duas vezes, depois nada, silêncio. Marcus desligou o aparelho.

Apaga as luzes e, apesar do calor, se esconde debaixo dos lençóis.

Mas não consegue dormir.

Tem certeza do que nada de ruim acontecera para o Marcus. As más notícias são sempre as primeiras a chegar.

Ele simplesmente não quis mais sair com ela. Ele encontrou uma companhia melhor.

Abandona a cama e reacende as luzes. O espelho devolve a imagem do seu rosto desfeito. Apaga  as luzes novamente para não ter que ver nada, para esquecer.

Assim como Marcus se esqueceu dela, ela também pode obliterar a própria dor.

**Mayanna Velame**
**Manaus/AM**

# Português Amoroso XXVI

Mansamente, eu te substantivo

em meu coração...

Enquanto, na tua varanda,

O bem - te - vi cantarola meu recado:

— Bem, te vi!

@portugues_amoroso
@portuguesamoroso

**Nanci Ricci**
**São Paulo/SP**

# As flores de plástico

Outubro de 2032. Só hoje, passados mais de dez anos, é que consigo respirar. Só hoje consigo escrever sobre o que foram aqueles tempos. Para falar a verdade, não precisaria escrever nada para os terráqueos, pois os 7 bilhões de habitantes da Terra passaram pelo mesmo sofrimento.

Bem, não há adjetivos suficientemente adequados para descrever o que passamos. Foi um dia a dia difícil, foram tempos pandêmicos, de inúmeras perdas, de luto, de solidão, de susto e de sobressaltos quase que diários, rotina essa que consumia toda a sociedade. Nas manhãs, parecia que saíamos de um sonho e entrávamos em um pesadelo, portanto era maravilhoso dormir.

Se a morte sempre aterrorizou-nos, com tudo o que não sabemos dela, com tudo o que não sabemos do além, naquela ocasião ela nos aterrorizava muito mais. Temíamos que a qualquer segundo piscaríamos pela última vez, temíamos que as nossas pessoas partissem de um instante a outro. Parecia que a morte estava à espreita o tempo todo. Na verdade, ela estava, e levava, em especial, os mais velhos, no entanto, muitos jovens também não escapavam. Não havia quem não tivesse perdido alguém, nem quem não conhecesse quem tivesse perdido alguém. E as vidas iam sem despedidas, sem um “adeus”, tornando toda a tragédia diária ainda mais difícil e dolorosa. E o culpado era invisível e podia estar nas mãos de qualquer pessoa, sobre as mesas, nas paredes, no chão, no ar. Um vírus não vivo cuja principal atividade era provocar doença e morte.

As vidas perdidas eram tantas, mas tantas, que era como se, diariamente, caíssem três aviões com mais de trezentos a bordo. No começo, havia no ar uma comoção generalizada que unia as pessoas de uma maneira impossível de ser imaginada. As divisões políticas e sociais deram trégua e espaço à união compulsória gerada pelo medo, pela insegurança e pela esperança de haver uma solução para a vida voltar à normalidade.

Teorias sobre o porquê de termos de passar por todo aquele sofrimento iam de encontro umas às outras e dizia-se, de maneira geral, que foi uma decisão do plano infinito para que o mundo se

regenerasse, para que os seres humanos aprendessem, enfim, a serem humanos. A tão propagada mudança de um planeta de provas e expiações para um planeta de regeneração parecia que havia chegado, e o resgate coletivo era inevitável. Deixaríamos de ser egoístas, não haveria mais as desigualdades absurdas entre as pessoas, quer fossem econômicas, quer fossem sociais, raciais, etc.

Na ocasião até quem não acreditava em nada passou a crer em alguma mudança positiva nas pessoas. Brotaram ações solidárias por todos os cantos. Rifas, vaquinhas, distribuição de alimentos, oferecimento de escuta para quem precisasse desabafar, de cobertor para quem tivesse frio e por aí vai. Havia quem acreditasse que essa solidariedade seria incorporada nos seres humanos e que o mundo, quando todo aquele horror passasse, se tornaria um lugar melhor para viver. Em algum momento acho que até eu acreditei nisso.

Ah, e as pessoas começaram a ter mais estima por elas mesmas e pelas outras. Nunca houve um tempo em que a frase “Eu te amo” fosse dita tanto e com tamanha frequência.

Os profissionais que eram autorizados a sair para trabalhar, chamados “os imprescindíveis”, eram os profissionais da saúde, para tentar salvar vidas, e os profissionais dos serviços funerários, para cuidar do corpo de quem não foi salvo. Portanto, foi um tempo de muitos empregos perdidos, e quem conseguiu manter-se empregado em outras atividades trabalhava em serviço remoto, da própria casa. As aulas foram dadas também de forma remota. Assim, com tantas pessoas em casa, acabou ocorrendo um estresse familiar imenso, e a convivência densa passou a ser bastante tensa.

Como as visitas e as comemorações aglomeradas eram proibidas, viraram moda as videochamadas para festas, para encontros familiares, para reuniões de trabalho e de escola. E havia muitas *lives*, diariamente, de famosos, de não famosos, de quem queria ficar famoso a qualquer custo.

As pessoas tiveram de se reinventar, de aprender a fazer a própria comida, de limpar a casa, de cortar os próprios cabelos (isso quando não preferiam deixá-los enormes mesmo). Os barulhos do dia a dia modificaram-se e passou a haver nas janelas cantorias, rezas, aplausos, vaias, batidas de panelas.

Mas o choque de todo esse horror que estava acontecendo, e que parecia eterno, não durou muito. Como o vírus parecia tinhoso e ter chegado para ficar, logo muita gente passou a seguir com a

vida delas como se nada estivesse acontecendo. Surgiu, então, uma pandemia de imbecis que agiam como se nada estivesse acontecendo. Aglomeravam, lotavam bares, prais, parques e festejavam não se sabe o quê. As máscaras caíram todas. De tanto que morria gente, a terrível situação acomodou-se dentro dessa gente, que seguiu com os lemas "a morte faz parte da vida/ um dia todos vão morrer mesmo". Assim, muitos barulhos voltaram a ser os mesmos de antes. Carros na rua, gritos e risos nas calçadas, batida de estaca de construções.

A natureza, que havia voltado a respirar, a ficar exuberante, a ter uma trégua nos estragos que as pessoas sempre causam, de novo voltou a se degradar, a chorar, a sofrer. As máscaras infectadas boiavam em rios e mares e iam parar nas praias, ao lado de todas as sujeiras que os seres humanos deixam por onde passam.

Bem, para encurtar a história, e que não é nenhuma surpresa para ninguém, não houve transformação para melhor nos seres humanos, quando, enfim, a pandemia foi embora, quando a vacina foi inventada, quando o vírus, finalmente, foi abatido pela ciência.

Quem era egoísta continuou a sê-lo, quem era orgulhoso não deixou de sê-lo. Assim que todo o medo, que todo o susto, que todo o pavor da morte própria ou alheia passaram, e que todas as pessoas puderam retomar o cotidiano sem máscaras, sem receios nem titubeios, tudo voltou a ser como era antes. O egoísmo reapareceu com toda a força. As virtudes que pareciam terem vindo para ficar sumiram como por encanto.

A única transformação verdadeira e que foi a grande novidade ocorrida no planeta foi o desaparecimento das flores. De todas elas, de todas as espécies. A estação das flores não existe mais. O mundo agora é completamente desflorido. Adeus, rosas; adeus, margaridas; cravos, dálias, orquídeas, hortênsias, gérberas, girassóis, ipês-amarelos, roxos, brancos, flores de cerejeira, damas-da-noite. Foi-se o perfume, foram-se as cores exuberantes e belas. E, para aumentar toda a tristeza causada pela extinção das flores, não é preciso dizer o que aconteceu com as abelhas e com os beija-flores.

As únicas flores que restam são as dos quadros, as das pinturas, as das fotos. E tanto as pinturas quanto as fotos passaram a ter um valor altíssimo no mercado da arte. E há também as flores secas guardadas em livros. E estas tornaram-se itens de imensa preciosidade e há quem esteja enriquecendo com elas, sem se importarem com as recordações e

com os sentimentos que as flores secas trazem.

Há em várias partes do mundo a tentativa de fazer que novamente as flores germinem a partir dessas flores secas. Tudo indica que são tentativas vãs. Não brotarão. Os jardins não darão mais flores.

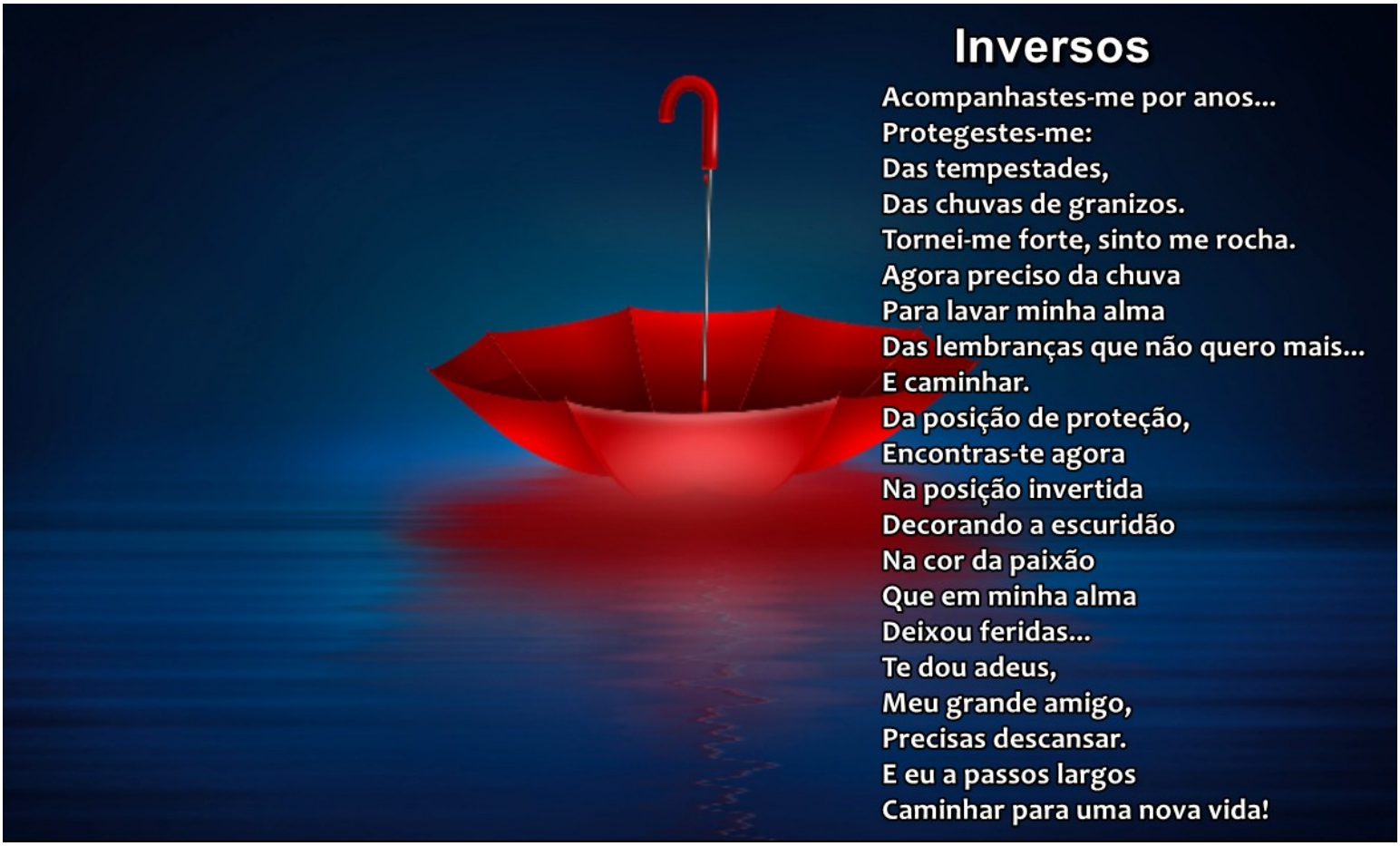
As minhas flores secas não vendo por dinheiro nenhum. E quando eu me for, comigo elas irão, com todo o sentimento e as recordações que fazem em mim brotar.

Um mercado que está cada vez crescendo mais é o das flores de plástico. Há enorme demanda e há cidades inteiras enfeitadas com essas flores. Virou moda as casas enfeitadas com vasos de margaridas, de rosas, de flores do campo, todas de plástico. Algumas são uma imitação perfeita das verdadeiras, com perfume e tudo! A única diferença entre as flores de plástico e as de verdade é que as de plástico não morrem, o que acaba sendo uma grande vantagem para elas.

cyricci.blogspot.com.br

https://www.facebook.com/livroinfantil.o.que.e.que.eu.sou/

**Nazareth Ferrari**
**Taubaté/SP**




https://www.facebook.com/nazareth.ferrari.9

**Nercy Grabellos**
**Rio de Janeiro**

# Amor de Irmão (Haicais)

Amor de irmão
Tua partida
Deixou-me no chão

Desde crianças
Sempre unidos
Nas esperanças

A dor da partida
No meu coração
Até o fim da vida

Nas dificuldades
Com nossa família
Vencemos as adversidades

A paz celestial
Esteja contigo
No espaço sideral

**Otto Vasco**

# Canção de Lenine

A tarde se escondeu nas paredes

Maquiadas por um calfino pálido

Um traço de sol que fez sombra

No muro completamente ignorado

O corpo de um boeing que carrega

Uma burguesa com nome desconhecido

A rua como passarela de cães vira latas

Que ousam latir seu desejo sem palavras

Caberiam dez mil sílabas desordenadas

Construindo um poema sonoro

Esses versos são testemunha da solidão lunar

Num céu acobreado onde os anjos descansam

Um vestido desbotado, a explosão de uma estrela

A serpente, a canção de lenine, o peso da vespa

A voz do silêncio, a retidão solene do horizonte

O erro ortográfico na tradução de homero

Serão matéria para uma poesia febril

**Ovidiu-Marius Bocsa**

**Romênia**

# The Fox Tale/Conto de raposa

Quando criança, eu li esta história
Sobre esta raposa, não se preocupe!

Era um russo avermelhado,
Aproveitando as flores e o sol,
E pensando como qualquer jovem pode
Ela também poderia se divertir para sempre.

Antigos meteoros dispararam e correram
Quando o inverno frio apenas começou.
Ela costumava dizer: "O tempo é uma lamentação ...
“Eu me cubro com esta longa cauda:

"Eu nunca ouço o sino da escola tocar
"E eu não me importo com nada ...
"Se cair e não consertar;
“No mundo, deveria ser o fim

"Desta planta que no vale da primavera
"Eu chamei de bravo curto, ou cauda de raposa.
"Assim, como eu disse:" O tempo é lamento da vida ...
“Eu me cubro com esta longa cauda:

"E eu espero: Além disso, as nuvens devem passar
Como ratos correndo por mim na grama! "

**Paulo Cezar Tórtora**
**Rio de Janeiro/RJ**

# Filme B

Ao sair
não me acorde, não se despeça.

Pise macio no tapete luzidio
da manhã que mal começa.

O silêncio sorrateiro dispensa olhar derradeiro,
vá sem perda de tempo e sem pressa.

Ao despertar e não mais vê-la
eu dou meu jeito.

Vou eternizar no peito o sonho – agora desfeito –
que foi no passado tê-la inteira só para mim.

Caso de amor *démodé*, nossa história acaba assim,
mocinho de um filme B, sozinho, morro no fim.

Não é um final perfeito
mas é o que nos cabe, enfim.

e-mail — pctortora@gmail.com

**Paulo Dourian Pereira de Carvalho**

**Natal/RN**

# Belezas do Sertão

No Sertão eu vi belezas
A mais linda imensidão
Sublimes singelezas
Que encantam a visão

As palavras não revelam
As maravilhas deste chão
Suas magias se desvelam
Pra quem abre o coração

O Sertão tem muitas riquezas
Desde lantas a lindos bichinhos
Foi aqui que a natureza
Cultivou tanto carinho

Nos pés de palma botou água
Para a sede do sertanejo
Na seca plantou a mágoa
Que fulmina num lampejo

Nos dias secos a vida geme
Vai embora a alegria
Mas a esperança nunca teme
Esses tempos de agonia

Quando a chuva cai do alto
Nasce o brilho no olhar
Tal milagre é o arauto
Que as coisas vão mudar

A água desperta as vidas
Adormecidas neste lugar
Ela cura suas feridas
Faz tudo regenerar

Neste solo não vingam palmeiras
Aqui não se vê um sabiá
Mas há belas catingueiras
E o valente carcará

O jericó e o juazeiro
Embelezam as paisagens
O angico e o umbuzeiro
Dão exemplo de bravura
A jurema e o xique-xique
Também enfeitam tais paragens
São resistentes anciãs
Que sobrevivem na secura

A barriguda e a aroeira
Não perecem no calor
O coroá e o cumaru
São usados pra curar
O facheiro e a faveleira
Têm a beleza de uma flor
Maravilhas do Sertão
De valor que não tem par

A ararinha e o azulão
São pássaros tão bonitos
Há os bichos singulares
O gambar e a cutia
São muitos exemplares
E nomes infinitos
Se neles todos pensares
Já é outra poesia

https://instagram.com/dourian.carvalho?igshid=1gx2zdc9kq87h
https://www.facebook.com/paulodourian.pereiradecarvalho

Imagem: Google Free

**Paulo Luís Ferreira**

**São Bernardo do Campo/SP**

# Alienígenas Somos Nós

*"A química que produz a vida é reproduzida facilmente por todo o Cosmo. Se não existe vidafora da Terra, então o Universo é um grande desperdício de espaço."*
*(Carl Sagan)*

Este manuscrito foi encontrado em uma caverna no deserto egípcio. Redigida por cerca dos anos 80 d.C. Onde se encontrava em esmerada caligrafia, a transcrição em aramaico o dito pergaminho.

Foi-me dada à prazerosa tarefa de traduzir as tais anotações. Por tratar-se de uma língua morta, o tempo fez com que muitos vocábulos caíssem em desuso, dando-me a liberdade de recriar o texto, aproximando-o mais que pude dos nossos dias, mas não creio tê-lo distorcido em demasia, no mínimo sua essência se manteve intacta. Ao que segue:

Meu nome é Jeremias. Sou um homem muito velho. Tenho 80 anos e estou quase cego e com os ossos calcinados. Eu estava por demais intranquilo, desesperado, por haver perdido as esperanças de ser ao menos escutado. Na época me acusaram de insano. Mas isto importa

menos do que o que tenho para dizer. Para tanto, peço encarecido, não levem em considerações essas levianas inverdades. Pois decidi transcrever nestas anotações só o estritamente visto, ouvido e sentido, com toda a veemência dos meus sentidos.

Aconteceu nas dunas do deserto ao fim do dia de uma viagem que fazia do Egito à Galileia, onde visitaria meus familiares, em Nazareth. Quando uma tempestade de areia precipitou-se sobre nós, eu e meu camelo. E uma coisa estranha caiu a nossa frente. No momento não soube de onde viera aquilo, mas supus ter vindo dos céus. Tinha a forma de homem, mas não era. Era uma coisa feita de luz. Uma intensa luz azul muito brilhante.

De repente surgiram umas imagens diretamente no céu estelar do deserto. Pasmado, assisti uma infinidade de imagens horrendas e terrificantes. A tela muito grande abrangia quase todo o céu. Quando me foi mostrado uma terrível carnificina de grandiosos animais, de enormes pescoços, cabeça pequena e uma imensa cauda. Poderia seu tamanho se assemelhar às pirâmides de Gizé. Esses monstros eram fulminados por um forte facho de luz, os quais se transformavam em grandes línguas de fogo que, ao serem atingidos, iam se decompondo numa massa espessa, transformando-as numa enorme torrente de larvas que mais parecia areia movediça escorrendo para grandes crateras em direção as gretas da terra.

Outras imagens explicavam o porquê de não se apresentarem tal como eram, em virtude de não poder se exporem sob o ar que respiramos, o oxigênio. Por isso eles se apresentavam em forma de luz. E não em seu estado natural, mas que são semelhantes a nós, por ser a origem, o mesmo DNA da nossa espécie. Pois foram eles que implantaram a vida humana, animal e vegetal, neste planeta dito Terra. E explicaram: deixaram seu gene aqui, em nosso planeta, quando de sua estada anterior para experimentar sua resistência frente ao oxigênio. O resultado, entretanto, foi a adequação ao sistema terrestre e sua surpreendente transformação nisto que somos hoje, o ser humano. Resultado que não era exatamente o que eles esperavam. Visto que os humanos tomaram forma totalmente ao oposto de sua espécie, adquirindo a terrível fragilidade da morte, da religiosidade, das doenças, da memória, e da procriação carnal — segundo eles, forma rudimentar de reprodução, a qual o humano adquiriu.

Somos, pois, genuínos descendentes deles. Portanto, proveniente dos mesmos genes que eles.

A Terra era o único planeta com a capacidade de captar e utilizar a luz do Sol e transformar em clorofila. Substância abundante em nossa superfície, cuja energia seria capaz de nutrir sua espécie. Por esta causa estavam eles aqui mais uma vez, após cruzarem o universo, rumo ao nosso longínquo planeta, pois só este sistema é possível para que sua espécie possa recomeçar. E de certa forma, perpetuar para sempre sua raça no universo.

Em seguida informaram tratar-se de uma substância chamada magma.

A qual os animais foram transformados. E confirmando ter sido eles, quem dizimou aqueles animais da terra quando aqui estiveram na passagem anterior.

Aqui farei um entremeio para esclarecer uns termos um tanto obscuros dos quais eles me explicaram melhor mostrando seus estudos através de imagens em tela.

Sobre o Tempo: Para eles o tempo não existe. O tempo só existe a partir do homem, isto porque o homem inventou a memória. E este foi o maior dos males que os humanos criaram para si: o "Tempo" e a "Memória", pois já que criaram o tempo, por conseguinte, passaram a coexistir com a morte; e simultaneamente, por medo da morte, vive em desesperada busca de um Deus, em detrimento da essência da vida. A existência eterna.

O porquê da visita: Eles estiveram aqui em busca de um novo espaço para sua subsistência, pois assim como os humanos estão com medo de sua extinção diante a vastidão dos infortúnios iminentes. Disseram, então, que o próximo extermínio na terra da raça humana, será pela falta do ar que respiramos. Pois eles irão extinguir o oxigênio do planeta.

A explicação: Assim como na Galáxia de Copta — o sistema solar deles — e especialmente seu planeta, pois este se extinguirá pela invasão deste mesmo oxigênio em sua atmosfera. Pois, assim como nós não sobrevivemos sem o oxigênio, eles, ao contrário serão aniquilados com a sucção do mesmo.

A intenção deles ao exterminarem os monstros aqui existentes, era a de ocupar seu espaço neste planeta, pois foi aqui onde encontraram a substância em abundância para sua existência: a Clorofila. No entanto eles não previram que tal massa dos animais transformada em magma daria o gene molecular para o gás carbono. — outro gás nocivo ao seu gene. — Visto tais gazes não se dissiparem não pôde ocupar a terra, para tanto eles estão voltando, pois criaram uma forma de subtrair o oxigênio e o carbono da terra ao criar o CFC, pois este irá corromper a camada de ozônio, abrindo a calota terrestre, e assim, eliminar o oxigênio. Isto feito seria destruído todo o ozônio na alta camada atmosférica, permitindo a entrada de imensa quantidade de radiação solar ultravioleta. O suficiente para tornar o ser humano extinto. E assim eles poderão se apossar da terra. Pois, como nós, eles também estão na iminência de sua extinção.

Eles já tentaram criar aqui a chama de sua essência, o fogo: como experimento para proliferação da sua espécie na terra, mas o fogo, imediatamente se adaptou ao sistema terráqueo. Pois sua sobrevivência também passou a depender do oxigênio. Sem ele, portanto, também se extinguiria, assim como a água, a qual sem o oxigênio apodrece, vira magma, que por sua vez, após algumas reações químicas, numa simbiose, produziria o gás Clorofluorcarboneto. E este, em luz e calor, e clorofila. O processo, porém, poderia trazer outros transtornos a sua raça. Portanto, o mais prático será a supressão do oxigênio.

Já fizeram outros experimentos em outros planetas e satélites desse nosso mesmo sistema, como a lua,

que ao ser eliminado o oxigênio, a lua ficou dependente da gravidade da terra, e assim tornando-se satélite. À consequência foi a morte das árvores, matéria essencial para a produção da clorofila; a principal fonte de existência deles. Assim como na lua, o mesmo aconteceu com o planeta vermelho.

Disseram-me, entretanto que não são sem alma, nem compaixão, como querem imaginar que eles sejam. Não, eles não vão nos exterminar instantaneamente, mas conforme a hora da morte de cada um chegue. A princípio, quando a decisão se tornar consolidada, vão apenas bloquear a procriação. Irão, pois, aguardar a extinção gradual. Cuja condição será estendida a todos os seres criados por eles. Toda a gênese da existência humana. Cada ser vivente sobre este planeta, desde um fungo até o maior dos seres. E que, se nós não formos dizimados por eles, dessa forma gradativa, seremos impiedosamente eliminados pelas feras horrendas, os monstros, ainda em sono profundo em tenebrosos lagos, e nas imensas florestas negras marinhas das profundezas oceânicas, pois quando estes despertarem toda a humanidade não será suficiente para matar sua fome.

Entretanto, vou deixar essa missão para você humano do futuro que venha tomar conhecimento destes escritos. E por ventura, a incumbência de solucionar e, talvez, dar fim a tais consequências que ameaçam a manutenção da vida humana na terra. Foi perante minhas dificuldades para compreendê-las, que decidi então, deixar este testemunho ocular como aviso à humanidade sobre o apocalíptico fim dos tempos que está por vir.

Ao término desta explanação, aqui resumida, me passaram através de uma lâmina de luz, um pergaminho escrito em Copta. Que estranhamente é também o nome da galáxia deles, e Kyoftza o nome do planeta.

À vista de tantos e enormes vaticínios gostaria de deixar para a humanidade não uma palavra de conforto, como esperança, mas uma palavra de alerta. Cuidem-se!

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.10

Email: pluis.177@globomail.com

**Paulo Vasconcellos**
**Capanema-Pará-Amazônia**

# Semelhantes combinações

Toda árvore semeada, brota, cresce, reproduz e sucumbe.
O ser humano também pode ser considerado como uma árvore, por tudo o que representa para a natureza.
Os galhos das árvores, são transformados em gravetos, e as folhas secam e se decompõem.
Buscam-se parâmetros inerentes ao ser vivo, tanto animal, quanto vegetal, pois as coisas acontecem de acordo com o passar do tempo e muitas delas moldadas através de movimentos, que se tornam malabarismos.
Deve ser evitada a prática do exagero, para que não haja complicações.
Encontram-se as múltiplas fontes que se assemelham com o óbvio e a concordância, fazendo ebulições, que refletem nas convergências.
Impõe-se firmeza ao ser pisado o solo concreto, para que ninguém caia em abismos.
Valorizam-se as forças advindas do natural, cujos raios se espalham diante das circunstâncias em que permaneçam os meandros da congruência, que capacitam e destinam as regras.
Recomenda-se cautela para o uso dos itens, constantes em inúmeros mecanismos.
Na formação de convergências que se igualam e permeiam a coadjuvância, mesclando-se os destacados protagonismos.

Blog: https://paulovasconcellospv.blogspot.com/

**Pedro Guerra Demingos**
**Porto Alegre/RS**

# Imersão

Neste dia de outono,
dou adeus ao calor.
Quero dormir sem sono,
quero chorar sem dor.

Neste dia que vai,
fito o tempo que fica.
Vejo a noite que cai
sobre a folha que explica.

Procuro no fogo,
no vento, nas rochas.
Nas cinzas que sobem,
que caem, refletem.

Procuro, no tempo,
o tempo de ser.
Procuro, no escuro,
a cura sofrer.

@pgdemingos

**Rafael Luiz dos Santos**
**Tupã/SP**

# Insônia

É no silêncio da madrugada que meus pensamentos me destroem, não resta mais vida neste coração, apenas uma vastidão de agonias passadas... Um martírio psicológico recheado de realidade, não sangro, mas sinto a dor da ferida que não cicatriza. Abruptamente minha mente me tortura com paranoias e padeço em lembranças incertas acompanhadas de dor e tristeza, um suspiro cansado carrega todo o peso de minha solidão, o silêncio é a melodia que enaltece meu desalento e expõe minhas lágrimas a luz do luar.

https://instagram.com/soturnidade13?igshid=1tda3jdfuehw0

**Raimundo Nogueira Soares**

**Curitiba/PR**

# Lua

A lua loira lambe, linda
Leva luz à treva,
Lança o olhar e lava a alma
Seus olhos, seu cheiro: sedução

A lua loira linda, beija
Leva o amor ao pico
Lança o corpo sobre o homem
Seu beijo, seu corpo: perdição

A lua loira linda, pega
Leva seu macho às nuvens
Lança fogo e sexo no sexo
Seu fogo, seu sexo: tesão.

**Rian Lucas da Silva**

**Poço Dantas/PB**

# O melhor amigo do homem

Há quem diga que o melhor amigo do homem é o cão. São seres inofensivos, fofinhos, babões e sempre correm para o colo do dono depois de passar algumas horinhas sem vê-lo.

Eu não tive um cão quando era criança, meus pais eram rígidos quanto à criação de animais em nossa residência e, por isso, meu único contato com os bichinhos acontecia, quase sempre, na casa dos meus amigos, que possuíam muitos animais, os quais variavam desde gatos e cachorros, até os mais estranhos como grandes aranhas e cobras sem veneno, assim diziam os donos, já que, para mim, não existia um tipo de cobra que não fosse venenosa.

Acho que por ter sido criado longe dos cachorros, cresci com a ideia de que me faltava algo, como um melhor amigo, talvez. Isso até o dia que encontrei uma amiga eterna e, acima de tudo, uma eterna aliada em minha vida; sempre me ouvia quando eu mais precisava; não me julgava mesmo quando eu contasse minha pior versão de mim mesmo; estava sempre lá, disponível para me ouvir desabafar por horas... dias seguidos.

Era a caneta. Sim, a caneta.

Eu nunca confiei tanto nas pessoas, mas na caneta sim, porque eu posso, sempre que precisar, buscá-la e rabiscar em qualquer pedaço de papel. Com ela, eu consigo transformar a minha dor, a minha tristeza, os meus sentimentos avassaladores em arte. Com a caneta eu consigo transformar o feio em belo, por meio da arte.

A caneta, juntamente com o papel branco, serve como um recurso consolador para as almas dos escritores, mesmo aqueles mais cansados.

Não é o cão o meu melhor amigo, é a caneta e o papel que me fazem melhor. Sempre está disponível quando preciso e, quando ousa falhar, consigo encontrar outra facilmente sem remorso nenhum, e isso não aconteceria com um cão, por exemplo.

Se eu houvesse descoberto o papel e a caneta mais cedo, certamente, jamais teria insistido por tanto tempo aos meus pais para ter um cachorro.

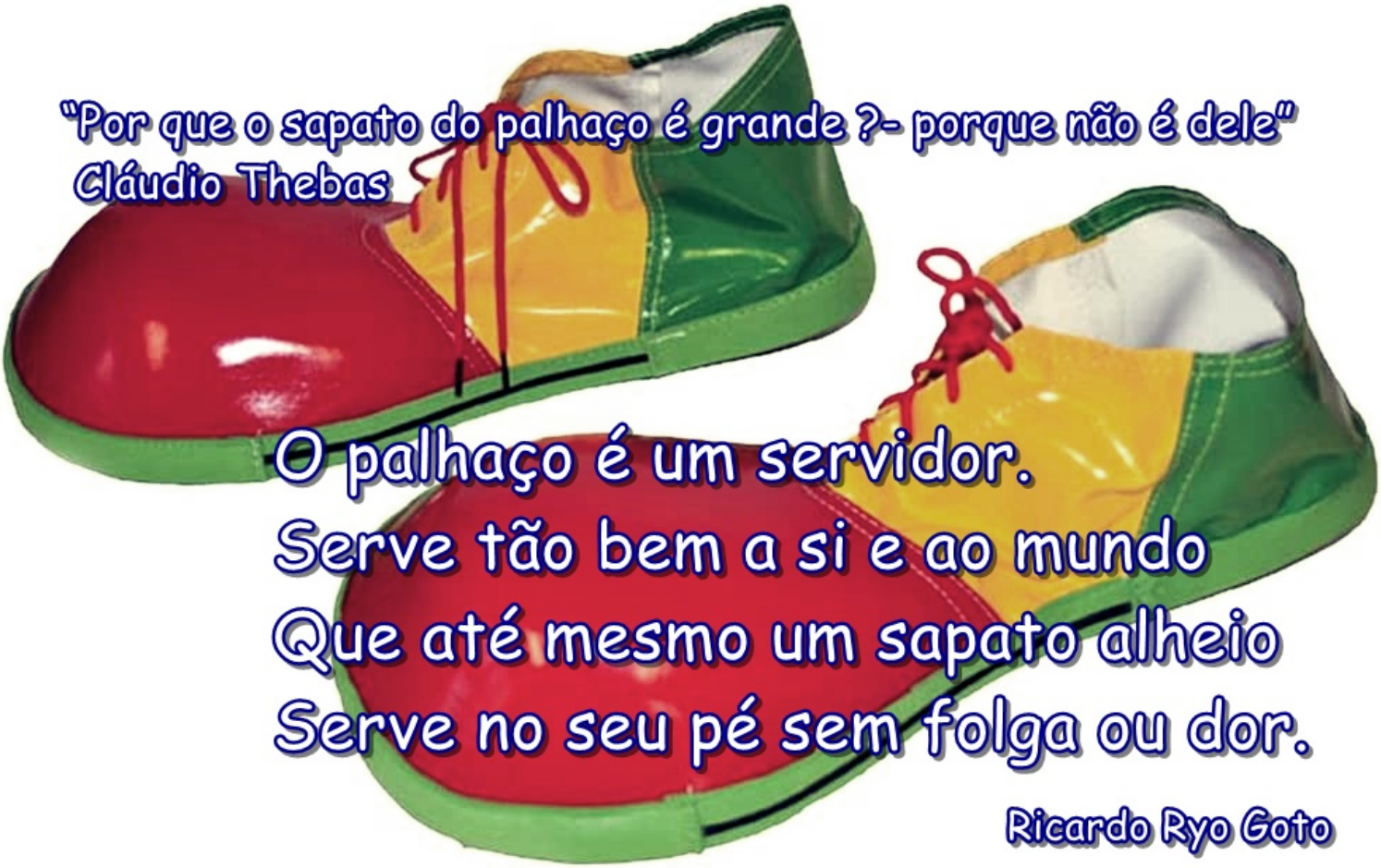
https://www.tumblr.com/blog/me-conte

https://www.instagram.com/tumblr_meconte/?hl=pt-br

https://www.instagram.com/ryan_lwcas/?hl=pt-br

**Ricardo Ryo Goto**
**São Paulo/SP**

*Para os alunos da escola "Construindo seu clown"*



**Roberto Schima**

**Salto/SP**

# Como Surgiu a Noite

*A noite despejava-se preguiçosa na linha do horizonte e, vagarosamente, avançava.*

*Pai e filho, exaustos após um dia de trabalho na fazenda, descansavam suados - mas felizes - sobre a relva, olhar perdido no firmamento.*

*O menino sentia-se todo dolorido. Era, contudo, uma dor gostosa que ele não sabia explicar, pois nunca em toda a sua curta vida fizera semelhante associação entre uma coisa e outra. Pela primeira vez, auxiliara o pai e, apesar de mais ter atrapalhado do que ajudado, este mostrara-se paciente e atencioso em sua rude simplicidade do campo O filho chegara a idade em que o mundo era um canteiro enorme de dúvidas e, felizmente, contava com o pai para elucidá-las.*

*E naquele finzinho de tarde, o horizonte tingido de vermelho de um lado e a escuridão avançando do outro, ao observar as primeiras estrelas aparecerem no zênite, o menino perguntou:*

*— Pai, quem fez o céu? O dia? A noite?*

*O homem deitado sobre um dos braços parou de mastigar o talo de grama, inspirou o aroma da brisa, do feno e da terra que tanto amava. Sentiu-se plenamente integrado àquele vazio de espaço, tanto das planícies quanto do céu.*

*Era um mundo cheio de mistérios.*

*Ele não possuía todas as respostas, longe disso, mas poderia repassar àquilo que ouvira um dia, quando garoto, em circunstâncias semelhantes naquele mesmo lugar.*

*Assim, inspirando fundo, ele contou...*

***

Era uma vez... o princípio de Tudo.

E que ninguém estranhe que, antes desse Tudo, houvesse o Nada absoluto. Os opostos sempre coexistiram lado a lado.

Nesse abismo de extremos, o Criador contemplou a escuridão, o frio e o vazio de Sua obra.

E ela exalava uma quietude infinita. A paz absoluta.

A ela deu o nome de Noite.

Todavia, Seus sentidos apurados perceberam uma inquietude na tecitura infinita do espaço.

— Diga-me, Noite, o que há?

A voz surgiu tímida:

— Não vejo nada.

— Pelo contrário, o que vê é o Nada.

— Ainda assim...

O tecido soluçou.

Diante da infelicidade da Noite, o Criador perguntou:

— Por que essa tristeza? O que posso fazer para terminá-la? O que mais deseja?

A Noite, que mal acabara de existir, em sua inocência pueril - como inocentes são todos os recém-nascidos - respondeu numa voz insegura feita de trevas:

— Luz!

— O quê?

— Eu quero luz.

— Luz, minha criança - murmurou o Criador, intrigado. Depois, enternecido, insistiu: - Tem certeza?

— Sim. - A voz era aguda e singela. - Está muito escuro aqui...

Como poderia saber a Noite que a escuridão era justamente a sua própria essência, sua vida, sua alma e que, sem ela, simplesmente deixaria de existir?

O Criador pensou e pensou. Finalmente, disse:

— Está bem, Eu o farei.

— Sim! Sim! Sim! - Se a Noite tivesse palmas, teria batido de tão animada.

Então, o Criador atendeu ao pedido dela. Entretanto, em Sua enorme misericórdia, em vez de destruir a Noite, polvilhou sua inocência de estrelas.

Fez-se Luz, pequeninas luzes, milhares, milhões... Infinitas!

Assim, em vez de usurpar-lhe a vida, o Criador tornou-a mais bela.

E foi assim que a Noite, perpétua em sua essência, ocupou todos os rincões de tempo e espaço em contínua expansão.

Luminosa.

Singela.

Serena.

Feliz.

Pois o Dia nada mais é do que uma ínfima partícula de luz em um oceano perene de trevas. Não passa de uma lantejoula a ondular no Mar da Eternidade.

***

*O pai terminou.*

*Pensou ter contado direitinho, do jeito que seu próprio pai um dia narrara-lhe.*

*Voltou a mastigar seu talo de grama e a pensar nos mistérios.*

*O silêncio tornou a cair sobre os campos.*

*A brisa fresca agitava os gramados.*

*Os animais recolhiam-se.*

*No céu, uma estrela cadente riscou a lousa da noite.*

*O menino soltou a respiração. Estava abismado. Então, criança que era, indagou:*

*— A noite foi feita para os namorados?*

*O pai sorriu.*

*— Não, filho, por mais que todos os namorados do mundo desejassem. A Noite existe para que entendamos aquilo que é belo e grandioso. Há um motivo para ela estar lá, acima de nós. Os namorados somente aproveitam-se dela, como as conchas aproveitam-se das marés, inconscientes de apenas fazerem parte dela.*

*— Puuuxa! - exclamou a criança.*

*Continuaram deitados na relva por mais algum tempo, até que a mãe, impaciente gritou para que retornassem e fossem se banhar.*

*E as estrelas emergiram no rastro do poente, acima da fazenda. Logo, eram milhares e milhares, todas delicadamente, bordadas no tecido da Noite.*

*Juntas, cintilaram agradecidas.*

*E, para quem quisesse ou soubesse ouvir, perceberia um sorriso trazido pela brisa, vindo de lá do alto, do céu.*

https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima
@robertoschima
rschima@bol.com.br

**Rogério Costa**
**Cornélio Procópio/PR**

# Meu silêncio

No silêncio, meu universo
O corpo inerte, estagnado
Imerso em mim mesmo
[meu berço]
Olhar externamente disperso
Apenas em meu pensamento
[inúmeras viagens em segundos]
Meu mundo, minhas leis, meu sacramento
Aquela purificação sem dor
Sem lamento nem sofrimento
Lá fora, só dos pássaros o gorjeio
Passam-se décadas até chamarem meu nome
Então, num estalo, vai-se o sagrado esteio
Triste retorno ao universo alheio

**Rosa Maria Soares Bugarin**
**Brasília/DF**

# Associações

Sou pedra que vira flor
e pássaro que usa garras.
Espelho que não reflete.
Figura-caleidoscópio.
Tapete cheio de pregos
e seda que faz carícia.
Imagens de poesia,
verdades em vida útil.

Sou estrada, onde caminham,
os dias de meu viver.
Árvore prenhe de frutos
que falam, abraçam, amam,
dão sentido de saber,
dimensões do próprio ser.

Sou sonho, que se quer real.
Sou sombra, que vê a luz.
Sou receio do amanhã,
no turbilhão do agora.

Sou brisa que beija faces.
Sou canto, que leva cor.
O que penso ser o Bem,
no limite do poder,
almejando o "muito mais".

Sou os irmãos que se olham,
na ciranda dos espaços.
Cadeia de humanidade.
Mistério de unidade,
sem diferenças banais.

Sou a Luz que me criou
e guia os passos soltos.
Esperança de perene,
vibrando no Deus que é meu.

Sou o poema incompleto
no estertor do total.
O dançar de mil palavras
que fazem sons de momentos,

no infinito da escrita,
saindo, quente e preciosa
da mente alvoroçada
e se une ao coração,
expurgando as emoções,
vestidas de sentimentos,
nas rodas da fantasia,
sem limites, sem assombro.

União que se pretende
em simbiose universal.

**Rosalina Lopes Pires Fialho**
**Rio Claro/SP**

# A vida é um sorvete colorido

Quero um sorvete para saciar minha sede,
Quero um livro para ler em minha rede.
Quero um sorvete para adoçar o meu dia,
Quero um papel para escrever uma poesia.

Um sorvete que tenha sabor de infância,
Um sabor que alegra o adulto e a criança.
Sorvete tem aroma e gostinho de felicidade,
A sobremesa que agrada a todas as idades.

Sorvete é delicioso como a nossa vida,
Nossa existência pode ser doce e colorida.
A vida é feita para se plenamente viver,
Sorvete é para ser degustado antes de derreter.

A vida é preciosa tem que ser tratada com zelo,
Não deve ser insípida e incolor como o gelo.
A vida é deliciosa assim como um sorvete colorido,
Onde é você quem escolhe os seus sabores preferidos.

@fialhorosalina

**Rosangela Maluf**

**Belo Horizonte/MG**

# Mea culpa, mea culpa, mea culpa!!!

Às vezes fico me perguntando o que anda acontecendo comigo, e com o mundo.

Os noticiários da TV, as redes sociais, as postagens em grupos de amigos, todas as notícias absurdas com as quais nos deparamos, constantemente em nosso dia a dia, me enchem de raiva e de nojo! Muita raiva. Muito nojo.

Não vale abordar aqui os conceitos filosóficos, psicológicos e religiosos da maldade extrema, da crueldade; da dualidade entre o bem e o mal comum a todo ser humano. Não é este o meu ponto. Tenho me sentido mal, muito mal, com a minha reação diante dos casos. Isto sim, me entristece porque me mostra, lá no fundo, que estou sendo irracional e cruel como eles, os assassinos.

Senão vejamos:

- Um casal mantém prisioneira, a filha de dez anos, vivendo num casebre, sem alimentação, sem as mínimas condições de higiene. Só água e um colchão, jogado ao chão, próxima a poças de xixi, vômito e cocô. Não existe um motivo claro. Eles se embriagam dia e noite e resolveram deixar a menina, sozinha e totalmente abandonada.

- Um assaltante, não satisfeito por encontrar resistência por parte da vítima, um cadeirante, o leva, na própria cadeira de rodas, até um viaduto. Tem o sangue frio para jogá-lo lá embaixo. Não basta assaltar. É preciso ainda, agredir um indefeso e incapaz. A vítima, um jovem sem a menor condição de defesa, à mercê de um assaltante capaz de uma crueldade sem tamanho.

- Um cidadão, encapuzado, é flagrado ateando gasolina e, em seguida incendiando um miserável morador de rua. As câmeras de segurança mostraram a frieza do assassino. O que pode motivar absurdos assim? Que motivos podem deflagrar atitudes tão incompreensíveis?

- Este outro caso, foi o que mais me impressionou: por suspeita de pequenos furtos, um morador de rua foi amarrado a um carro, e ainda vivo, gritando de dor, foi arrastado por três quilômetros. Aqui também a câmera de

> segurança mostrou outro absurdo: num posto de gasolina, o assassino parou a camionete, pediu água. O funcionário trouxe o copo, entrega ao motorista da camionete. Olhou aquele corpo amarrado a uma corda, sabendo que seria arrastado ainda com vida e nada fez. Nada.

Minha primeira vontade foi amarrar o motorista da camionete, no mesmo lugar do morador de rua e arrastá-lo também por, pelo menos três quilômetros. Ele vivo também, gritando de dor, exatamente como ele fez com o jovem delinquente.

Depois pensei em pegar o sujeito que assaltou o cidadão na cadeira de rodas. Amarrá-lo à mesma cadeira tendo o cuidado de imobilizar suas pernas e seus braços. Em seguida, jogá-lo do mesmo viaduto. Com a mesma frieza que ele demonstrou ao praticar um crime tão incompreensível.

O casal ignorante, e provavelmente doente, eu deixaria mofando por umas boas semanas, preso naquele mesmo casebre, nas mesmíssimas condições e sem nenhuma gota de cachaça. Sem o que comer e sem o que beber, exatamente como eles fizeram com a criança, filha deles!

O incendiário teria em minhas mãos, o mesmo destino do morador de rua que ele matou, simplesmente por matar. Jogaria gasolina ou álcool enquanto ele dormisse e atearia fogo logo depois.

Fui e voltei, em pouco segundos, nestes pensamento absurdos.

Estaria eu me igualando ao assassino? Estaria eu repetindo e refazendo o mesmo comportamento daqueles animais? Estaria eu sugerindo o olho por olho, dente por dente? Mas, afinal o que estaria se passando comigo?

Ando cansada de tanta podridão, intensa e generalizada. Falta-nos tudo: ética, moral, honestidade, compaixão, responsabilidade. Para onde quer que se olhe é uma única e contagiante podridão. Na política, nos meios acadêmicos, nas grandes construtoras, nos ambientes hospitalares, nos centros educacionais, tudo irremediavelmente corrompido!

Fiquei por uns instantes refletindo sobre os meus pensamentos tão distantes dos preceitos de humanidade e compaixão que o Budismo me inspira já há algum tempo. Não sou eu? Ou esta sou eu? Que pensamentos são estes totalmente em desacordo com o que sou e com o que penso? Rousseau já dizia que o homem é o lobo do homem e disse também que somos igualmente bons e maus. Eu achava que minha metade má era atenuada por descontos complacentes. Não é o que fazemos e o que cada um de nós se dá? Fico decepcionada comigo. Eu não sou assim, ou sou?

Procuro meu altar de orações.

Acendo um incenso, preencho as tigelinhas com água, perfume, flor, vela; respiro fundo. Inspiro e expiro. Recito mantras. Com calma, sem pensar em nada a não ser na respiração consciente.

Pego o meu japamala, com 108 contas e começo a agradecer por tudo. Encontro 108 motivos para estar em gratidão com a vida e com o mundo que me cerca. Arrependo-me sinceramente por ter pensado atrocidades, porém não consigo (não neste momento) pensar com equanimidade e compaixão. Tenho certa dificuldade para dormir; demora um pouco, mas o sono vem! Devagarinho, mas vem !

Mea culpa!!!

**Rosangela Mariano**
**São Leopoldo/RS**

# Dias de silêncio

Os dias são contados,
em números miseráveis,
de um a um...
entre quatro paredes
e um quadro asmático
de girassóis desbotados.

As horas, cruas e piedosas,
derramam
dores e clemências
no ladrilho laranja da sala de estar.

As folhas, outrora risonhas e verdes,
do calendário anual,
dormem tranquilas...
... no marasmo líquido
do imorredouro tempo.

Lá fora, só o silêncio
e os beija-flores a bailar...

Não há mais folguedos!
A pipa colorida
não rasgou o céu da meia-tarde...

Agora,
apenas o silêncio...
e a fragrância da esperança
no ar....

**Blog:** http://lunaraescritora.blogspot.com

**Rosimeire Leal da Motta Piredda**

**Vila Velha/ES**

# Porta-joias

*(Obs.: Poesia escrita logo após a morte do meu pai, Pedro Sabino da Mota – 1912/2007)*

*(Meu pai, pessoa de grande valor, guardei-o num porta-joias para que sua imagem fosse protegida do esquecimento; longe dos riscos que a ausência proporciona.)*

Caixa pequena.
A emoção levantou a tampa.
Automaticamente,
começou a soar um murmurinho de palavras.
Uma voz masculina dizia tantas coisas.
Eram diálogos perdidos no tempo,
melodia de saudade!
Meu coração, receptáculo de imagens!
Eu, bailarina dos sentimentos
dançando no palco da tristeza,
Interpretando o papel principal do vazio.
Porta-joias tradicional, forrado de veludo,
guardando o conteúdo com carinho.
Transportando momentos familiares,
alguns sofridos, outros alegres,
épocas de paz, ocasiões de tempestade.
Ele não era perfeito,
mas, era o meu pai.
As lágrimas teimavam em deslizar.
A sensibilidade envolveu o estojo,
formando um laço de fita vermelho
e o ocultou atrás da cortina da alma.

*Esta poesia faz parte do livro:*
*• Livro "O Cair da Tarde" Editora CBJE - Rio de Janeiro - Brasil - Julho/ 2012 - Autora – Rosimeire Leal da Motta Piredda.*

**Sandra Modesto**
**Ituiutaba/MG**

# Quem é que carrega?

O peso e o preço
A barriga e o aperto
O sangue no meio
O salário estreito
Os primeiros desenhos
O livro que chora
No beco de sempre

Estilhaço dos sonhos

O espaço em ruínas.

A boneca esquecida
Jogada na cama.

Quem é que carrega?

O abafo do grito
A bíblia esquisita.
O cerne e o choro
Na pele da preta
Quem é que carrega?
Em tempos de lutos
Estrofe invadida
Perdida na história
Mulher destroçada
Cansada de guerra

https://www.facebook.com/sandraluciamodesto.modesto

**Sigridi Borges**
**São Paulo/SP**

# ELA

viajante em mares azulados
cabelos ao vento
não tão encaracolados
amava a poesia
escrevia com maestria
guardava tudo a sete chaves
escondia em cofres lacrados
enterrados sob a luz do dia...

Despertou!
Despontou no horizonte!

desabrochou em versos
e hoje brilha
exala perfume em símbolos
correm letras em suas veias
de sua mente brotam poemas
isso já não é mais um dilema
mostra ao mundo
todo seu amor
sentimento multicolor
sente vir o perfume
ao abrir sua janela.
Daniela.

**Tauã Lima Verdan Rangel**
**Mimoso do Sul/ES**

# Espírito Solidário

Com os olhos cintilantes, a coragem é vivaz
O ímpeto do coração, um espírito tão audaz
As mãos humanas abundam uma força irreal
A vontade de proteger e de salvar é imemorial

Em socorro daqueles que são tão vitimados
Daqueles em risco e que estão atormentados
Combatentes dos ardilosos lumes tremulantes
Dos perigos desmedidas e muito inebriantes

Espírito solidário, combativo e tão aguerrido
Percorre em socorro daquele que é desvalido
Salvaguarda das intempéries da natureza

Heróis de carne, osso e de ímpar humanidade
Em seus olhos, jaz a esperança e tenacidade
A proteção desponta em desmedida singeleza

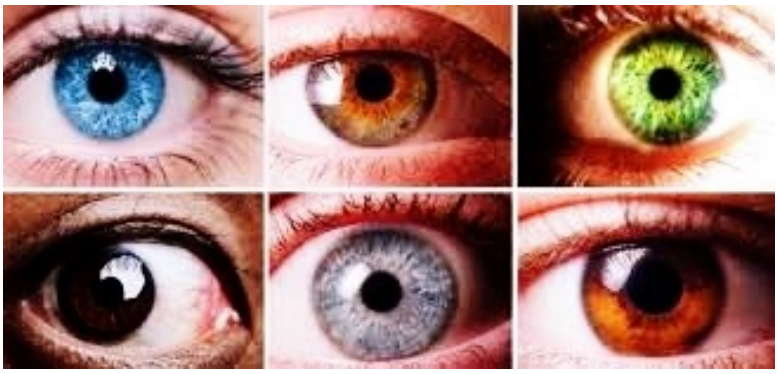
**Teresa Azevedo**
**Campinas/SP**

# Olhar com os olhos de outros

Enquanto o elevador descia, meus horizontes se abriram em trezentos e sessenta graus e passei a ver não somente sob minha ótica, mas com os olhos dos outros. Primeiro olhei para o alto e senti o prazer de viajar ao lado da mulher amada ao ver que um avião cortava o céu. Mal olhei para frente e senti o desespero de um pássaro ao perceber que colidiria com o prédio e vi passar outro avião. Sim, era um elevador panorâmico, mas não era isto que me fez ver tudo de modo diferente, algo dentro de mim mudou repentinamente como que chamando minha atenção para o sofrimento alheio. Olhei para baixo e fui arrebatado para diversas situações. Primeiro vi aquele garoto maltrapilho a mendigar no semáforo e gelei ao sentir o desprezo com que olhavam para ele, sua fome, frio, medo de não conseguir arrecadar a "féria" do dia, seu olhar de desejo de ser o garoto rico que passava dentro do belo carro com um celular em punho, olhar altivo de quem se sentia acima de qualquer coisa… Espere, não era assim que aquele garoto rico pensava, eu soube que não era, ele olhava o garoto maltrapilho e pensava em como aquele menino era livre, não tinha que viver engomado, ter que cumprir aquela agenda apertada em aulas de inglês, francês, espanhol, esgrima, natação, artes marciais, ir a jantares chatos ao lado dos pais que nem sequer o conheciam, apenas o queriam como parte da fachada da família rica e feliz. Então meu olhar foi para o semáforo fechado e, por um instante, eu era o motorista do garoto rico, que abriu a janela e deu umas moedas para o garoto pobre que agradeceu e acelerou o carro, pois o sinal abrira. Pensou em sua mulher que havia brigado com ele naquela manhã por um motivo tão fútil que ele nem se lembrava, maquinando sobre o motivo dela estar brigando tanto com ele nos últimos tempos, pois era tão amorosa antes. Foi tomado de um ciúme repentino ao lembrar do novo vizinho atlético, ansiando por terminar seu dia e tirar tudo a limpo. Envolto em seus pensamentos, o motorista não percebeu que um carro entrara na contra-mão e não teve tempo para parar antes da colisão. Senti todo o desespero do motorista naqueles milissegundos em que vira o carro, que tentara parar e que não conseguira, meus braços doeram ao sentir a força que ele fez para segurar o

carro, virar para trás e ver como estava o garoto rico, que estava desmaiado e tinha um corte no rosto causado pelo impacto do celular que fora arremeçado na hora da batida. No outro carro estava uma mulher com a perna direita presa na lataria, imediatamente as dores que eu sentia nos braços passaram a ser dores horríveis na perna e minha ótica agora era a da mulher que havia saído atrasada de casa porque teve que refazer a comida que queimara, após a rotina de acordar, cuidar dos filhos, arrumar a casa, lavar, passar, cozinhar e perceber que estava em cima da hora para levar as crianças para a escola. Senti seu desespero, não por sua perna estar presa, mas para saber como estavam seus filhinhos quando os viu apenas chorando pelo susto. Soube que não tinham se ferido, quis apenas abraçá-los, porém, foi angustiante, pois estava presa às ferragens e teve que aguardar que a tirassem dali. Senti o desespero dela quando viu duas senhoras retirando seus filhos do carro para tentar acalmá-los, e não sossegou até que ambos fossem colocados próximos a ela. Muitas pessoas paravam para saber o que estava acontecendo e meus olhos passavam a ver como sendo cada um deles. Quase enlouqueci ao perceber como a ótica dos outros é diferente da minha. Voltei a mim com o impacto da parada do elevador no andar térreo e meu celular tocando, avisando que minha mulher e filhos tinham sofrido um acidente.

Concluí que olhar com os olhos dos outros nos surpreende não apenas por saber que o outro nem sempre é como pensamos, mas porque o que ele pensa representa muito mais o que nós sentimos e pensamos do que imaginamos.



**Valéria Vanda Xavier**
**Campina Grande/PB**

# Helena

Quarenta e sete anos se passaram desde a última vez em que Helena pusera os olhos naquela casa. A casa onde passara toda a sua infância. A casa, cuja calçada em suas lembranças, sempre tão alta, nem era tão alta assim.

A visão fora rápida, pois estava apenas passando ali por acaso. Seu olhos ávidos procuravam abarcar tudo o que conseguisse levar no fundo de suas retinas. E foi assim que ela conseguiu gravar em sua memória os lugares por onde andou quando criança. Lágrimas quentes desceram por suas faces assim que o antigo "enchimento", lugar onde armazenavam-se barris de cachaça, apareceu a sua frente. Helena chegava a sentir— entrando-lhe pelas narinas —, o cheiro de cana apodrecida que a cachaça deixava no ar. Aquele cheiro adocicado por muitos anos a perseguira fazendo-a relembrar momentos tristes de sua infância, quando seu pai chegava em casa "alto, corado, de mau-humor e trocando os pés.

Enxugou a lágrima teimosa e continuou pelos caminhos que a levavam à sua infância. Não olhava em direção à casa. Sua pele se arrepiava ao pensar nela. Levantando um pouco mais o olhar se viu brincando naquele largo que fazia às vezes de *playground* para a criançada da rua. Ali jogavam bola, soltavam pipa, jogavam finca nos dias de chão molhado; pegavam tanajura no ar, tomavam banho de chuva, brincavam de barra-bandeira.

Viu o pai ao longe e lembrou-se de como ela e os irmãos costumavam correr ao encontro dele para que os trouxessem, pendurados em cada um de seus braços, até a entrada de casa. Tantas lembranças. Lembranças boas.

Lá está o mercado de farinha. Lembra-se das vezes que desciam de patinete pelas suas calçadas. Ouve de repente, a voz gritante da mãe ao longe:

- *Cuidado vocês ainda vão se arrebentar e esfolar os joelhos por essas calçadas*.

Avistou o antigo prédio da difusora por onde se anunciavam as propagandas das lojas, as músicas do momento, as fofocas da cidade, os recados da população: — *Senhorita Mariana, receba com muito carinho essa canção que lhe é ofertada por seu amor proibido.*

Avista também o "beco" onde o sapateiro consertava os calçados da família quando já se achavam rotos.

Continuou caminhando. Inconscientemente, seus pés a levavam. Não sabia se estava

preparada para chegar mais perto daquela casa. A casa da calçada alta. A casa de tantas lembranças. Teria que enfrentá-la a qualquer momento. Ali, com certeza, passara por muitas coisas ruins que não gostaria de lembrar. Mas, uma força maior a conduzia. De repente ela estava lá. Bem em frente à casa de seus pesadelos.

O sofrimento, as alegrias e as tristezas que ali passou, devem estar ainda hoje, impregnados naquelas paredes e chão tão úmidos da velha casa. Olhar para ela é reviver os dias de penúria, dias de fome, de brigas, de discussões; mas também de reviver dias alegres quando comemorava-se mesmo na simplicidade, os nascimentos dos bebês, os aniversários, as conclusões de curso, os carnavais e os natais.

Uma avalanche de imagens desmorona de sua mente. Quase a leva ao chão. Se vê junto aos irmãos armando e decorando a árvore de natal, confeccionando seus próprios brinquedos: os ioiôs de latinha, as bolas de cabeças-de-boneca ou de meias furadas, as petecas de palha-de-milho, os carrinhos de lata, os telefones sem fio. As imagens continuam desmoronando e caem no capim — capim que era a matéria prima que enchia os colchões, que o pai confeccionava, e que era armazenado embaixo da calçada para secar. As crianças da família se divertiam marcando carreira desde o quintal da casa até a ponta da calçada de onde pulavam, uma a uma, afundando neste capim numa algazarra sem igual. Saíam de lá se coçando. Era a brincadeira de que mais gostavam.

As imagens agora, correm e entram na casa, passeando pelos quartos e se deparando com crianças chorando por causa das cataporas, dos sarampos e da febre que tomavam seus corpinhos franzinos. Helena suspira. Triste.

As imagens se aquietam um pouco. Sentem pena deles.

"*A casa da calçada alta deve, guardar ainda em suas entranhas a marca de nossas pisadas, e de nossas lágrimas; o som de nosso choro e de nossas risadas*". É o que pensa helena naquele transe em que suas lembranças a levaram.

As imagens voltam à sua memória novamente com muito mais garra, fazendo com que lágrimas de saudade escorram livremente por seu rosto.

Ela vê a mãe.

Tão magra, tão "esbelta". Lembra que sua magreza se devia não à vaidade. Seu corpo magro mostrava sim, a força das circunstâncias. Lembra-se da pouca comida. Do pouco tudo. E sua mãe incansável, trabalhando sem descanso. Aguentando tudo com altivez e estoicismo.

O pensamento vai mais longe. Até o vasto quintal e encontra o pai incansável na luta diária pelo pão de cada dia. O suor escorrendo pelo rosto. Vaidoso. Tentava de todas as maneiras passar uma imagem que não condizia com a realidade em que

vivia. Queria ter o que não podia. Sofria por isso. Se esforçava. Não conseguia e as frustrações faziam-no tomar atitudes reprovadoras. Fazia coisas inaceitáveis.

Tristeza e vulnerabilidade apossavam-se de todos.

A imagem dos irmãos toma de assalto os pensamentos de Helena de uma maneiram tão repentina que ela fica até um pouco tonta. Ela os vê. Magrinhos, irrequietos. Cada um tentando sobreviver do seu jeito. Cada um cuidando de sua própria vidinha. Muitas vezes provando a aspereza do cinto do pai em seus corpos pelos mal feitos que houvessem aprontadoo. Ouve-lhe os gritos de lamento:

-— *Não papai... não. Juro que não faço mais isso. Tá doendo.*

E o som das "lapadas" continuando em suas costas. *Lept...lept....lept*... Poucos escaparam da força de sua mão.. Lágrimas descem pelas faces de Helena como águas de um rio, represadas por muito tempo, em dias de tempestade.

A velha casa viu tudo isso. Viu muito mais

Todas essas imagens passavam pela sua cabeça como num flash. E como num flash, a visão da casa da calçada alta ali, imprensada entre outras duas tão deterioradas como ela, a fez voltar ao pior dia de sua vida

Uma lembrança vem correndo em sua direção. Helena se afasta e tenta esconder-se dentro de si mesma. Recusa-se a rever a cena. Aqueles caminhos. Aquelas árvores que sombreavam tudo. Não quer sentir de novo aquele nojo. Não quer ouvir aqueles sons nem sentir aquele odor em suas narinas novamente. Mas sente. Não quer, mas sente o peso daquele homem se esfregando em seu corpo.

Ela treme.

Tenta se soltar daqueles braços que a seguram e daquele bafo asqueroso.

Grita.

A garganta arde.

O pescoço está cansado de se mover de um lado para o outro na tentativa vã de evitar aquela boca grudenta em seu rosto e sua boca.

Grita alto até não aguentar mais.

Até que abre os olhos e cansada, vê o teto acima de sua cabeça.

O pesadelo se fora.

**Vanderlei Kroin**
**Cascavel/PR**

# Marinheiro

Marinheiro que caiu no mar
e amar foi o motivo
o esquisito coração batia
tatuado no corpo
uma sombra melancólica
outra esperança aconchegante
amar o mar e o amor
foi uma empreitada difícil.

Encontraram o corpo
com o coração apagado
com o coração comido
esvaiu-se o marinheiro
que amava os motivos do mar
e os motivos do amor
seu coração de sangue e de água
diluiu-se como descrição de um amor
no corpo tatuado.

Escorreu o amor todo no mar
o marinheiro morreu pelo motivo de amar
e o mar companheiro
guardou o segredo do coração
e mostrou a tatuagem
de um coração palpitante
que fez sem saber, sua última viagem.

**Vitor Sergio de Almeida**

**Uberlândia/MG**

# Lição para a vida: Eis o que não se deve ser/fazer

O apego desproporcional ao pequeno poder é tão mesquinho quanto o falso moralismo. Mas, é menos vil que o uso torpe da religiosidade, aquele em que se guia a fé alheia em prol do enriquecimento próprio.

Em ambos os casos, os protagonistas são incompreensíveis
acerca da nocividade dos próprios atos e discursos.
Volupiosos!

Sem mencionar as típicas inconsistências e incoerências praticadas e faladas,
as quais são dispostas ao outrem. Passíveis, muitos desses compartilham, tantos acatam e uns toleram.

E para piorar, eles têm a plena convicção que promovem o bem e que são
exemplos de retidão. Se colocam com mártires...
Coitado daquele que tem a petulância de questioná-los...

Todavia, na realidade, são míopes hipócritas.
Promovem uma efervescente ilusão, um pseudojuízo, uma egocêntrica centralização em torno de si e dos seus valores.

É um grande calvário tê-los em convívio, ainda mais para quem zela/alavanca pela harmonia, perspicácia e sensatez. De verdade, eles são uma...
Lição para a vida: Eis o que não se deve ser/fazer.

https://www.facebook.com/vitor.s.almeida.33

**Vitória Ferreira**
**Porto, Portugal**

# Histórias de “Era uma vez…”

Crescemos com história de "Era uma vez..."
Mas talvez,
tudo não passasse de uma ilusão.
Na vida não há cavaleiro
para te salvar do dragão.
Não há príncipe herdeiro
Nem sapato vermelho pelo dourado passeio.
Na vida não há contos de fadas.
Nem varinhas, nem espadas.
Na vida histórias de amor,
não têm tanto esplendor.
Não começam por:
"Era uma vez..."
Não terminam por:
"E viveram felizes para sempre…

**Willian Fontana**

**Rio de Janeiro/RJ**

# Ardil Venusiado

O planeta Terra não mais tolerava a criminalidade que outrora a infestava como uma praga, após sobreviver a um quase hecatombe em decorrência do autoritarismo, corrupções e crimes, os novos habitantes passaram despachar para fora da Terra seus presos por crimes mais perigosos como os crimes sexuais e hediondos do tipo homicídios e estupros. Logo, isso se tornou um filão rentável para a iniciativa privada que terceirizada do governo trabalhava fora da legislação dos países pelo fato de estar fora de sua jurisdição, no espaço sideral. No espaço não há lei.

Os presos eram resíduos sociais da civilização, pouco mais que mercadorias a mercê das arbitrariedades dos gestores de penitenciárias siderais não somente em orbita terrestre, mas na lua. Sendo assim numa ideia de promover maior rentabilidade a Pan-Optical Inc, empresa carcerária, promoveu então um reality show em órbita de Vênus, na sua parte elevada da atmosfera. Sendo um horror de sobrevivência os selecionados eram escolhidos por traços físicos e habilidades violentas, o show era transmitido para a Terra em tempo real, 24 horas por dia o qual o último a sobreviver no complexo orbitante obteria perdão governamental e seria liberto para habitar como cidadão lunar em nosso satélite natrual. Apesar dos protestos sobre o show enaltecer a violência e a psicopatia, sadismo e afins a audiência era elevada até o momento que o sinal fora perdido junto com qualquer comunicação da equipe de produção com a Terra.

Com o programa fora do ar os ganhos caíram além dos problemas legais decorrentes com a equipe da empresa que trabalhava por lá. Mesmo que a jurisdição terráquea não abrangesse o espaço, os contratos de trabalho destes tinha cláusulas que repercutiam legalmente em sua sede na Terra como modo de manter sua concessão de funcionamento. Aquilo empurrou a necessidade crescente do envio de uma missão na estação de Tevê orbital de Vênus afim de descobrir o que acarretou aquilo e se todos da equipe estavam bem.

A equipe precisava ser formada com urgência numa missão de abordagem e possível resgate. Logo, membros potenciais para formar o grupo em questão foram chamados para a missão incógnita. O primeiro membro da equipe era Markus Silveria, um ex-membro da tropa de elite das FAI (Forças Armadas Internacional). Ele era um condecorado afrodescendente que tinha experiência em operações especiais, de reconhecimento e resgate vindo a trabalha para a iniciativa privada após se retirar para o para-militarismo, uma força mercenária que era terceirizada da

empresa de detenção espacial em questão. O homem era alto e frio, com olhar tenebroso e parecia tornar inútil mesmo detectores de mentira.

Jones Reynalds era hábil expert em táticas e estratégias de infiltração e reconhecimento de campo, formado pela própria turma paramilitar participou de várias missões que neutralizavam rebeliões na Lua. Estes eram os líderes do grupo formado por mais quatro pessoas, dentre eles a mercenária Janice Oliveira e Rebecca GoldSmith. O grupo era conhecido por ser de durões acostumados ao calor do combate ainda que tivessem instruções para procederem primeiros socorros, especialmente Janice que era paramédica. O grupo partiu sem maiores percalços da órbita terrestre numa jornada que levaria vários meses.

Quando os meses findaram ao culminar na aproximação da nave a órbita venusiana o ciclo de hibernação era findado ao os despertarem. Tudo parecia silencioso na estação orbital quando a nave atracou. Uma leitura prelimitar de sensores pareciam indicar vazamento de energia e ar nos decks 57 visivelmente avariados, assim como uma explosão no deck 56 o que expeliu uma camada de detritos no espaço junto a dois corpos.

— Pode ter sido mais uma rebelião dos participantes do show a fim de tomarem poder da estação. — Repercutiu Jones Reynalds sobre aquilo.

Todos abordos não poderiam descartar tal hipótese ainda que fosse apenas uma hipótese até ali, porém, aquilo bastava para que a equipe de resgate e neutralização de rebeliões adentrassem seguindo o procedimento padrão ao definirem uma estratégia após acessar os sistemas da estação com seus mapas.

Maior parte dos sensores de movimento e vida foram desativados provavelmente em decorrência de uma queda do sistema provocada por falta de luz. O objetivo então seria restaurar a energia e o suporte básico de vida inerente a maior parte dos alojamentos da equipe da estação, formada por 27 profissionais. Acionando seus equipamentos de leituras e varreduras residuais de alterações atômicas que identificassem movimentos e vida o lugar pareciam ermo e sem movimento por meses. Apenas as luzes trêmulas de emergência irrompiam o breu que acometia o lugar em seus vastos corredores. Após longos minutos de expectação Markus Silveira aproximou-se da entrada do centro de controle constatando o portão de entrada totalmente destroçado. Logo, a perplexidade tomou a equipe que fitava sob os vitrais da central as nuvens vermelhas daquele planeta. Logo Reynalds tentou realizar uma leitura preliminar de eventos precursores identificando que aquilo ocorreu uma semana antes do lançamento da missão em questão, de modo a não deixar residuais de quaisquer movimentos legíveis ao decodificador de eventos. Mas a desolação no interior era angustiante ao encontrar os corpos de 21 dos tripulantes da equipe, todos estraçalhados num avançado estado de decomposição.

Buscando agir friamente os membros da equipe de resgate logo constaram que fosse qual fosse a força que lá operou não poderia ser algo humano. Aquilo aumentou a

perplexidade do grupo enquanto buscavam ativar os sistemas operacionais da estação e ativar a energia.

— Controle de missão, registre todos nossos movimentos. Estamos lidando com um evento desconhecido aqui. — Repercutiu Markus ao se comunicar ante sua nave atracada na estação. — O sistema e energia da estação foram restaurados com sucesso, estamos acessando os arquivos de bordo afim de sondar os relatórios de acontecimento.

O chefe do grupo da estação estava sentando na cadeira com a cabeça esmagada. Com cuidado, Markus o afastou para mexer eu seus controles a fim de acessar os relatórios. Ao abrir a pasta observou que estes foram feitos até o momento detectado pelo decifrador de eventos, cerca de uma semana antes da missão de resgate ser lançada a Vênus. Olhou rapidamente constando algumas observações discrepantes tanto nos vídeos como textos de relatório que eram feitos diariamente após o término do expediente. Dias antes sons estranhos eram ouvidos no casco da nave em orbita quando ela desceu um pouco a até a alta atmosfera. Apesar dos sensores não terem detectado nada fora constatado misteriosos arranhões na ala 19 onde os prisioneiros participantes do show estavam alojados. O mesmo incidente ocorreu no dia seguinte deixando um registro de movimento de algo fora da nave, na atmosfera venusiana. Seria uma nave pirata afim de efetuar algum resgate de um dos presos participantes do show? Os dados eram insuficientes até avançarem ao dia em que a estrutura da nave fora rompida num dos decks, fora então quando tudo ocorreu. Ao acessar arquivos de áudio minutos antes da perda de sinal se constatou a enigmática mensagem do líder que agora estava jazido ao lado do líder da missão de resgate.

"Algo aparentemente rompeu o casco no deck 47, perdemos séria descompressão e sinais da região. O deck que leva diretamente ao show onde os presos estão fora tomado por gritos instantes antes da perda de sinal. Os sensores da nave detectam o avanço de uma massa disforme em movimento adentrado os corredores em nossa direção. Aparentemente seja o que for está cortando todos cabos de energia por onde passa, eu não sei o que possa ser, mas a comunicação fora cortada com a Terra por esse mesmo motivo."

Naquele momento ruídos tomaram o recinto onde o homem sem saber fazia seu derradeiro epitáfio ao ouvir os murmúrios dos demais tripulantes solicitarem alerta vermelho. Algo estava na porta e parecia de algum modo fazer a energia oscilar na estação como se sugasse-a. Logo o que se ouviu foram sons de ferro se retorcendo e gritos que deram lugar a tiros quando finalmente ouviu-se as últimas palavras do capitão.

"Meu Deus que monstro é esse? Ele parece se alimentar de energia elétrica, esse planeta era habitado o tempo todo e não sabíamos!"

Um chiado se ouviu em seguida, a mensagem fora abruptamente interrompida e o silêncio tomou a sala com todos os membros da equipe ouvindo aquelas palavras estupefatos. Eles estavam lidando com uma forma de vida desconhecida de tudo que se sabia até então, o incógnito da busca de vida extraterrestre fora respondido do modo

mais cruel possível. Nossa companhia no universo era o medo!

O mais incrível é que aquele ser parecia ser uma forma de vida complexa pois demonstrava inteligência. Até mesmo os arquivos no momento da morte do capitão pareciam ter sido acessados evasivamente por aquela criatura provocando danos a vários componentes do computador central. O ser se alimentava de energia a qual usava para eletrocutar suas vítimas além de outros ataques físicos de acordo com o que se constatou numa análise apurada da cena de tragédia na estação. Naquele momento ouvimos um ruído na tubulação de ar interrompendo a concentração dos membros da equipe. Sem saber exatamente as dimensões da criatura ou mesmo sua aparência, pois ela criava oscilações magnéticas por onde passava (o que desativava câmeras e sensores) nos armamos sem saber se armas convencionais eram capazes de combater o desconhecido quando vimos um rosto humano na entrada de ar. O homem correu em seguida assustado como um rato indo esconder-se de seus atos sorrateiros de infiltração, mas o líder do grupo fez sinal com a mão e vociferou que não eram eles o perigo.

Assustando e totalmente maltrapilho o homem tornou a pôr seu rosto a luz, estava magro, sujo e abatido, mas logo as câmeras da equipe o identificou como um dos sobreviventes da equipe que operava a estação.

— Vo-vo-vocês são o resgate? — Indagou o homem assustado.

— Sim, precisamos saber se há outros sobreviventes. — Respondeu Markus Silveira.

— Sim, há, mais 6, 4 detentos do show e outros membros da equipe. Me sigam.

Todos seguiram a tubulação até um deck que havia sido vedado. Os homens estavam lá dentro trancados há meses com escassas reservar de alimentações e condições de higiene precários, mas dada as circunstâncias de alguma forma mesmo os detentos colaboraram com os carcerários do reality show. A sobrevivência do grupo transcendeu os televisores a toda equipe quando o horror se tornou incontrolavelmente real.

Apenas pela tubulação conseguiram entrar e uma vez lá dentro o que narraram era estarrecedor.

— Essa criatura, disseram que habita a alta atmosfera venusiana. Ao que parece de acordo com o biólogo ou ela viera de outro mundo ou de alguma forma evoluí a esse estado desde um tempo em que Vênus era habitável. — Comentou um dos detentos muito famoso na Terra por ter matado dois participantes do show ao mesmo tempo.

— Como vocês sabem disto? — Indagou Reynalds.

— Acredito que a criatura se alimenta das tempestades magnéticas da alta atmosfera, de alguma forma converte a energia elétrica como modo de codificar nutrientes através de outros elementos encontrados em gases venusianos, elas usam uma espécie de bolsão de gases leves para flutuar a elevadas altitudes longe do calor mais intenso da superfície. Ela plaina, mas no meu contato visual aparenta repleta de espinhos pelo corpo que como forma de defesa e ataque elétrico. — Comentou

um membro da equipe que era biólogo. — Esse ser manipula a eletricidade, nunca vi nada parecido e de alguma forma consegue usar alguns equipamentos para acessar as informações, ele é inteligente e está aprendendo com nosso banco de dados a ponto de decifrar nossa linguagem e se comunicar. Fora assim que obtivemos essas informações.

— O que esse ser disse a vocês além disso?

— Essas formas de vida são altamente inteligentes e possuem séculos de vida na atmosfera venusiana, mas aparentemente ao nos encontrar aparenta que elas querem expandir seu território.

— Como assim?

— Meses antes do incidente ocorreram instabilidades na rede da estação, como se algo estivesse tentando invadi-lo. Falhas nos equipamentos se tornaram frequentes. A criatura estava nos estudando por meses antes de atacar, coletando dados. E percebeu que a estação não poderia engendrar longas jornadas ao espaço, pois as naves de suprimentos enviadas periodicamente não são capazes de suportá-las.

— Por isso ela atacou? Ela quer nos usar para ir a outro planeta?

— Sim. E os que ela não mata parecem inocular com uma espécie de vírus transmitido por eletricidade.

— Partículas de elétrons não podem ser vírus!

— Não sabemos como isso ocorrem, mas ocorre.

Os homens assentiram com a cabeça, a missão de resgate havia caído num ardil, pois o ser deliberadamente desativou as comunicações afim de que alguma nave terrestre fosse enviada até eles para que ela pudesse sair de seu planeta natal. Fora então que subitamente sua aproximação fora sentida nos sensores de vida, mas por meios de sérios problemas de instabilidade por causa de seu campo magnético.

Pela primeira vez em muitos anos Reynalds e Markus sentiram medo, um frio na espinha que os tomaram de sobressalto levando todos a um silêncio até que fora irrompido por um novo barulho na lataria. Um alarme de chamado soou da nave de resgate, era o piloto pedindo socorro pois estava sendo invadido por uma dúzia dessas criaturas, mas era tarde, a órbita da estação fora subitamente modificada, o ardil estava completo com a separação da nave de resgate os deixando na estação enquanto esta agora gradualmente parecia mergulhar nas brumas delirantemente quentes de Vênus para nunca mais serem encontradas.

http://filoversismo.blogspot.com/

**Yuki Eiri**
**Maringá/PR**

# Hoje eu diria OBRIGADO

Por muito tempo eu sonhei ...
Sonhei com uma chance, uma brecha na qual pudesse te falar.
Sonhei e esperei por um momento específico
Por um determinado momento onde poderia dizer tudo o que eu sinto
Tudo o que senti ou deixei de sentir.
Queria falar do sofrimento do abandono, da depressão, da solidão, do medo do escuro.
Queria falar de como é se sentir sozinho
De como é não ter um alguém com quem contar
Queria falar...
E mais do que falar, queria tentar entender
Entender a pequenez humana de julgar pela aparência, raça, cor, orientação sexual ... Queria falar das noites mal dormidas
Dos terrores noturnos e também diurnos que me assolavam
Das longas noites de insônia tentando entender onde e qual foi o meu erro
De todas as vezes que acordado eu sonhava com esse momento
De todas as vezes em que o medo me assolava e de olhos abertos eu sonhava
Sonhei em obter respostas
Sonhei com soluções.
Sonhei por muito tempo até que tudo isso já não fez mais sentido.
A resposta que eu tanto procurava
Que eu tanto sonhava
O tempo me respondeu
Eu não errei.
Fui eu mesmo, verdadeiro, sem mascaras.
E isso incomoda.
Mas, queria falar das vezes em que acordei assustado, chorando
Queria falar dos pesadelos
Da insegurança.
Dos planos não concretizados
Do abismo causado por essa ausência
Queria falar das vezes que sonhei

Dos sonhos que criei
Do futuro que imaginei
Queria sonhar contigo de olhos abertos vendo as estrelas se formando como um oceano no céu.
Queria falar das lutas, dos leões que tive que matar
De quantas vezes fui ferido, de quantas vezes sangrei
Das tantas vezes que no chão, rastejando sem forças, esvaindo em sangue, não encontrei uma mão estendida para ajudar a me levantar
Das vezes que cambaleando, não encontrei apoio, um ombro amigo pra me sustentar Queria mostrar minhas cicatrizes
Das feridas que se curaram sozinha
E outras ainda por cicatrizar
Queria compartilhar sonhos
Falar dos sonhos não sonhados
Dos muitos não realizados
E de tantos por realizar
Mas, olha eu.
Eu sobrevivi, eu lutei, eu venci
Cheguei onde cheguei por méritos meus
Mas, eu queria falar dessas vitórias
Poderia ter sido mais fácil, mas não foi
Arrependimentos do meu passado?
Não tenho nenhum Me libertei dele
Sou quem eu sou, e não o que querem que eu seja
Não sou uma máscara
uma aparência
Eu sou essência de tudo o que passei,
De tudo que sonhei,
De tudo que chorei,
De tudo que sofri
De tudo o que lutei
De tudo o que conquistei
Sei que essa minha essência vai contra sua cartilha de regras, e por isso fui julgado, condenado, ameaçado, desprezado, humilhado
Mas olha, eu ainda estou aqui
Entre cair e levantar
Entre errar e acertar
Entre sonhar e acordar

Vou seguindo meu caminho,
vou traçando meu destino
Mas, queria falar de toda a dor causada, física, psíquica, emocional
Mas então, descobri que essas dores moldaram meu caráter
Esperei pelo tempo certo pra falar, pois todos me diziam que para tudo tem um tempo Mas de esperar, descobri que nem sempre existe esse tempo certo
Existe apenas o tempo e o que fazemos com ele
E esse tempo de espera me fez entender
Entender quem eu sou, e o que importa para mim
E embora esse tal momento certo não exista, isso não me importa mais
Pois eu, que tinha tantas coisas para falar
Esperei, esperei e esperei
Sonhei, e sonhando vi as coisas mudaram
Sonhando me vi mudando
E mudando eu aprendi
Aprendi que os tempos, os tempos mudam.
Já as pessoas, ah, as pessoas, essas apenas fingem
E então, de tudo que pensei em dizer, hoje eu diria OBRIGADO
Obrigado, pois, por tudo que me fez passar,
Por tudo que me fez sofrer
Hoje, sou uma pessoa diferente, uma pessoa bem melhor do que jamais vai ser

https://www.facebook.com/yuki.eiri.7739

# Artista do Mês

**Desenho: Márcio Apoca**
**Campo Mourão/PR**

Andy Warhol
pintor e cineasta americano

06/08/1928 - 22/02/1987 (58 anos)

https://www.ebiografia.com/andy_warhol/
https://www.wikiart.org/pt/andy-warhol

**Artigo**

**Marcos Andrade Alves dos Santos**

# Sobre costurar a Mística dos Encantados, com Maria Toinha.

Duas situações muito importantes começaram minha imaginação para o *Mistério* anunciado por minha avó, Maria Toinha. Eu me lembro destas coisas como se tivessem acontecido há poucos instantes.

A primeira delas foi uma *doutrina* cantada pela minha avó enquanto emendava suas memórias. Era final de uma tarde de agosto e ela estava sentada numa espreguiçadeira no alpendre de nossa casa. A pata de vaca ficava de frente para os seus olhos. Ela cantava e fazia flores desabrocharem em nossa pequena árvore rosada. Eu estava sentado bem pertinho dela, debruçado sobre seus tesouros. Eu a via, ouvia, sentia, pedia que ela não parasse jamais. Foi quando ela teve a ideia maravilhosa de cantar a *doutrina* do *Mestre* Lorentino e me ensinar a sobre a doçura do Mar. A *doutrina* diz assim:

*"Eu venho lanceando do fundo do Mar*
*Que o vento zoa em meu laranjal*
*Já deu cinco horas que saí do alto Mar*
*Encontrei gente boa em meu laranjal*
*Eu venho lanceando do fundo do Mar*
*Dai força Lorentino em meu laranjal".*

A imagem daquele laranjal tocou profundamente minha alma. Ela cantava e um *Mundo Encantado* se abria diante de minha visão. O *laranjal* de onde o *Mestre Lorentino* me chamava revelava um *passado* onde *Oxalá* perfumava a terra com as flores das *laranjeiras*. Era o *Mestre Lorentino* quem trazia esse perfume todas as vezes que *baixava* na *coroa* de uma *Mãe de Santo*, como Maria Toinha. Eu via aquele *mistério* florescer novamente através da cantiga de minha avó. Senti um toque para continuar aquela promessa em nosso tempo, pois o tempo de minha avó estava para acabar. Então pensei em escrever com ela sobre aqueles *mistérios* e ensiná-los através das imagens criadas pela poesia para as gerações que estão aqui e que ainda não conhecem os *Laranjais* de *Oxalá* nem a ilha onde mora o *Mestre Lorentino*.

A outra situação que me despertou para a *Magia* dos *Encantados* e que novamente transformou minha imaginação foi uma imagem que encontrei durante uma viagem. Na beirada de uma pista havia uma casa de barro que era habitada por um flamboyant. Aquela imagem me transportou para as memórias de Maria Toinha e me mostrou presente e passado reconciliados. Vi que

a árvore *encantada* mediava o contato entre o antigo e o novo. Ela se balançava sobre a casa, fazendo uma sombra sagrada. Suas raízes saiam do pé da parede de barro e se estendiam até o meio do terreiro. O vento levava as flores dos galhos do flamboyant até a pista. O preto do asfalto novinho ficava avermelhado e alaranjado. Eu estava ali. Senti que aquela imagem me dizia algo e procurei lhe ouvir. Fiz um retrato para continuar conversando com ela mesmo que eu me afastasse. Para mim, algum mistério conduzia as flores desde a casa de barro até a pista. Meditei sobre isso.

Pedi que alguém pintasse aquela imagem que fotografei. Acredito que a pista representa o *presente*, a casa de barro é o *passado* da nossa gente e a árvore pode ser vista como uma *Encantada* que continua a trazer ensinamentos do *Antigamente* para o hoje. As raízes se alimentam do antigo e ainda assim entregam sua sustância para que flores desabrochem no flamboyant. Depois essas flores se deitam no asfalto novinho... há comunicação, conciliação, continuidades entre o descontínuo tempo.

Ao entrar naquela imagem percebi que as coisas recomeçam igual as nossas memórias, as nossas estórias. Os fios do passado são costurados com as linhas do presente. Os encontros se refazem, vivemos novas despedidas enquanto contamos as estórias. Eu aprendi que essa forma maravilhosa de reconciliar o antigo e o presente é vivido muito fortemente pelas árvores. E pelos *Encantados*, é claro.

Eu acredito que nós não escrevemos, nós costuramos. Foi assim que nasceu A Mística dos Encantados. É isso que alimenta a nossa necessidade de contar para não esquecer...

Capa do livro A Mística dos Encantados,
costurado por Maria Toinha e Marcos Andrade.
https://clubedeautores.com.br/livro/a-mistica-dos-encantados-4

# Inscrições Abertas: Edital Antologia Devires Poéticos - 2 Edição

Convidamos você a participar da Segunda Edição da Antologia Devires Poéticos, que será publicada ainda no primeiro semestre de 2021.

**Prazo Para Inscrições:** até 15 de Fevereiro de 2021.

**Nome do concurso:** Devires poéticos: Antologia de poesias e contos, 2ª Edição.

**Inscrições:** para pessoas a partir de 16 anos, não há restrições sobre nacionalidade ou localização geográfica, desde que os textos sejam escritos em Língua Portuguesa.

**Custos:** Não haverá cobranças de valores para os autores e autoras selecionadas. Todos receberão um exemplar impresso da antologia. O investimento está sendo feito pela Lei Aldir Blanc da cidade de Itapipoca (CE).

**Publicação:** Editora Edições e Publicações.

**Dúvidas:** devirespoeticos@gmail.com

Link do site, para conhecimento do edital e posteriormente dos selecionados.

https://devirespoeticos.wixsite.com/antologia/edital

Para mais informações, também acompanhe o Instagram: @devirespoeticos

# Participem da "Folhinha Poética"

Criada pelo Jorge Carlos Amaral de Oliveira (Mané do Café), a *Folhinha Poética,* vem dando espaço aos autores e artistas desde 2012. Cada autor selecionado recebe o "seu dia na folhinha". Todos os dias, 365(6) dias por ano, um texto é publicado.

As inscrições estão abertas para 2022. Não fiquem de fora!!

Para participar e conhecer mais sobre o projeto acesse os links:

https://www.facebook.com/manedocafe

http://folhinhapoetica.blogspot.com/

Edição 2021:

https://drive.google.com/file/d/12ePGGeymps7A0-sBLC0PAvmtapl610og/view

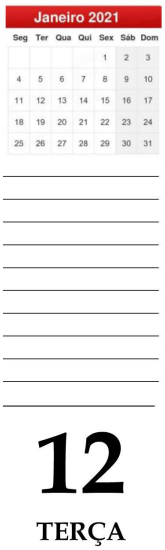
**Delírio nas nuvens**

Observo o céu,
nuvens cobrem o sol com seu branco véu,
meu olhar se perde nessa união,
as nuvens e o sol em comunhão…

Nesse momento, me sinto um fragmento,
parte mínima do imenso mundo,
quase nada, perante o céu profundo,
poeira cósmica sobre o chão fecundo…

Ergo os braços no ar,
tentando o sol abraçar,
quero em combustão entrar,
aquecer, ferver, evaporar,
em nuvem me transformar,
subir, voar, trovejar,
em chuva me fragmentar,
e sobre os campos secos me derramar.

*Ana Rosenrot*



# Inscrições abertas para o Suplemento Especial da Revista Seresta

A sexta edição da Revista SerEsta,
publicada em novembro de 2020,
homenageou o escritor Manuel Bandeira.
Anunciamos agora a abertura de um concurso literário sobre o poeta.
O objetivo do concurso é estimular a produção,
do público em geral, de textos e ilustrações sobre
"A vida e a obra de Manuel Bandeira",
a serem publicados no Suplemento da sexta edição da revista,
prevista para abril do presente ano.
Acesse EDITAL DE CONCURSO
na aba verde do MENU
e, para se inscrever, em INSCRIÇÃO.

https://revistaseresta.blogspot.com/

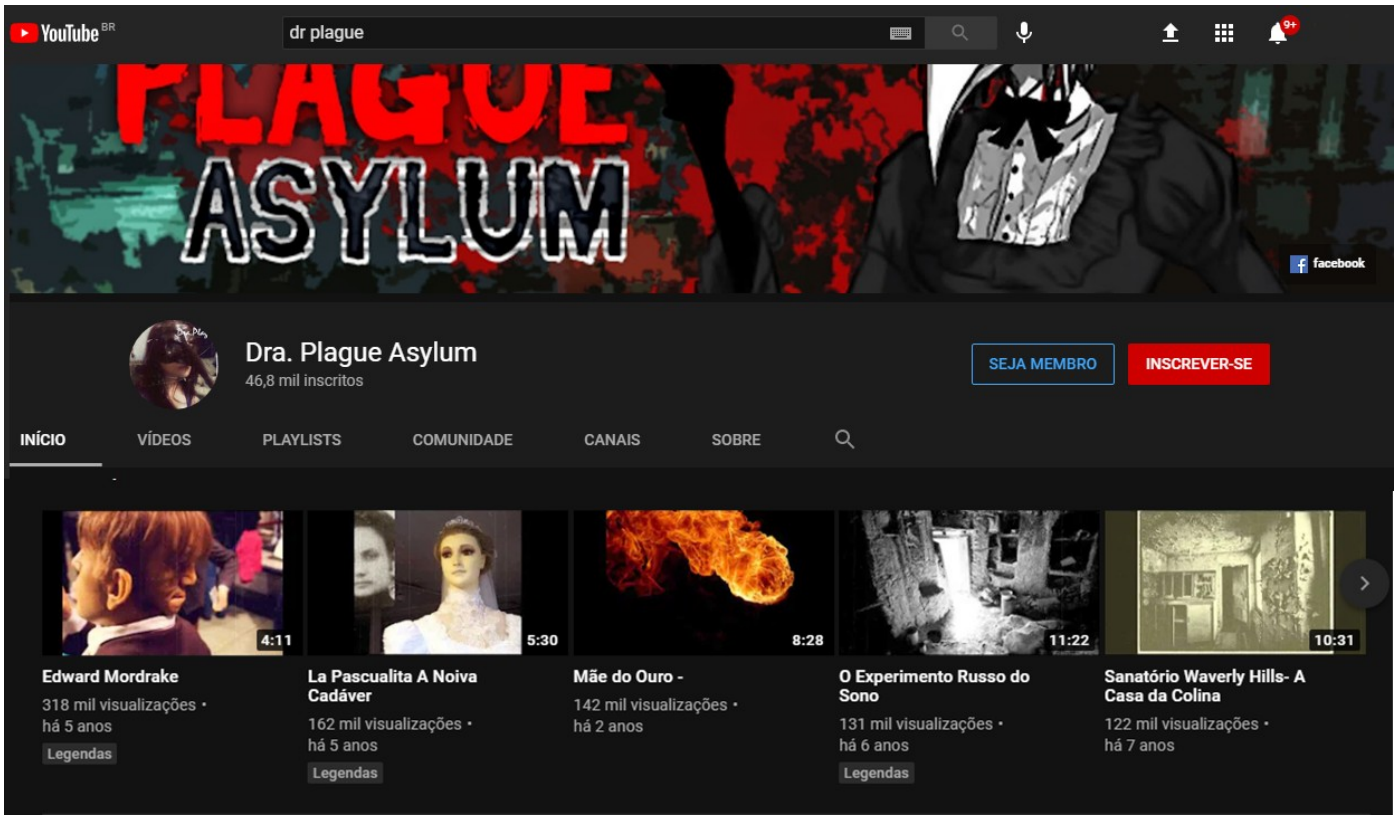
# Conheçam o Canal da Dr. Plague

Gosta de histórias assustadoras, contos e lendas de terror? E de gatinhos?

Se a resposta é sim, o canal do youtube "Dra.Plague Asylum", traz as melhores histórias, com narração perfeita e pesquisa apurada, além de reverter toda a monetização para o abrigo de gatinhos mantido (com muito esforço) pela criadora do canal.

Divirtam-se com os vídeos e ajudem os gatinhos!

https://www.youtube.com/c/DraPlagueAsylum/featured



## Oportunidade: todos os concursos da Elemental Editoração com participação gratuita

Agora os editais da Elemental Editoração são gratuitos assim como os livros serão para os leitores.

Isso mesmo, os livros serão gratuitos no formato digital.

Confira em nosso site os editais e veja as novas regras para os contos e anote todos os prazos.

Não esqueça, envie seu conto devidamente revisado para que não seja eliminado devido a revisão, temos alguns parceiros e podemos indicar via DM ou Whatsapp e e-mail.

Confira os editais no site:

https://seloee.weebly.com/

# Participem do Projeto "Cartas para a Vida"

Texto: Ananda Lima

O Projeto *"Cartas para a Vida",* nasceu de uma parceria da Academia Barreirense de Letras - ABL e a Polícia Militar da Bahia.

A proposta do projeto é levar palavras de esperança, de acalento a quem está vivendo problemas emocionais, especialmente os que têm pensamentos de morte e depressão.

Qualquer pessoa pode escrever, qualquer idade, formação...

Temos recebido cartas de cunho religioso, cartas simples, cartas mais elaboradas, cartas com relatos de superação... uma diversidade. Inclusive temos recebido poemas com mensagens lindas.

Quem escreve, tem ciência que as cartas serão publicizadas. Então, a pessoa decide se identifica ou deixa anônima. Temos as duas situações. Há quem usa pseudônimo.

Em qualquer ponto do planeta a pessoa pode escrever ou pode ter acesso à carta. Quem escreve, envia para o e-mail: *cartasparaavida2018@gmail.com*

As cartas serão publicadas nas redes sociais que poderão ser amplamente compartilhadas até chegarem aos seus destinatários, que pode ser eu, você, qualquer pessoa a depender do dia que estamos vivendo.

O projeto nasceu em setembro de 2018, com a força do Setembro Amarelo, mas não se restringe apenas a este mês. Ocorre permanentemente.

Agora, estamos organizando para ter um livro com as cartas já recebidas.

facebook - https://www.facebook.com/cartasparaavida/

Intagran - @cartasparaavida1

WhatsApp: (77) 9-9998-3406

# LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

## Corvo Literário

O Corvo literário é um espaço para propagação da arte, em especial da literatura. Mas também para discussões e debates, por isso sempre traremos opiniões, entrevistas, notícias, e contamos com a participação de todos.

Acessem o site e enviem seus textos com tema livre:

https://corvoliterario.com/

https://corvoliterario.com/contact/

## Sarau na Favela

O Sarau na Favela nasce por conta do isolamento social e da necessidade de movimentar as diversas linguagens artísticas.
A princípio foi pensando nos amigos da favela e hoje é um espaço para todos, do país ao mundo. Estamos na 42ª Edição com diversas e com atividades, as terças, sextas, e aos domingos semanalmente e as quintas-feiras quinzenalmente, basta acessar a página do Sarau no Youtube e no Facebook.
Envie o seu vídeo para Whatsapp 55 (21) 988918862.
Aproveita se inscreva no Canal e compartilhe e venha fazer parte do Sarau que seguirá com a celebração da vida.

Página do Facebook:

https://www.facebook.com/saraunafavela/

Canal do Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UCKgHHTfDJgKOsiD0XW3DhTQ

Sarau na Favela
Valéria Barbosa

## *"Blog Concursos Literários"*

Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de

editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

**Blog:** **https://concursos-literarios.blogspot.com.br/**

**Facebook:** **https://www.facebook.com/concursosliterarios/**

CONCURSOS

LITERÁRIOS

## Projeto Literário Coletâneas

O Projeto Literário Coletâneas dedica-se ao trabalho de antologias, incentivando os autores iniciantes a produzirem contos a partir das temáticas propostas e a participarem de cada desafio literário lançado. Apoiamos, especialmente, os escritores de plataformas digitais que desejam se desenvolver na área literária e ajudamos na visibilidade do seu trabalho dentro do PLC. Além disso, oferecemos um suporte básico de revisão, resenha crítica, capas, banner de divulgação e materiais literários para aprendizado através das nossas parcerias; além de incentivos como brindes e sorteios.

**A participação dos autores nas antologias é totalmente gratuita.**

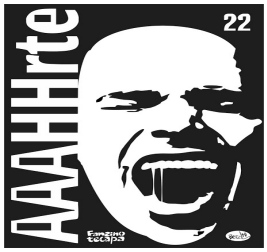
www.projeto-literario-coletaneas.webnode.com/
https://www.wattpad.com/user/PLColetaneas
https://www.facebook.com/PLColetaneas2016/
https://www.instagram.com/plcoletaneas/

AAAHHrte é um zine-colagem de coisas interessantes encontradas por aí. O objetivo é apenas divulgar e valorizar a cultura, em suas variadas vertentes, para que seja apreciada, fomentada e preservada.

Quem quiser receber por mail o AAAHHrte, é só pedir no wnyhyw@gmail.com.

**Acesse para ler:**

**https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VOSRYuN_id71RG9ks00clzH9nSTGxyGE**




## Academia Independente De Letras (AIL)

A ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL), situada na cidade de São João/PE é uma associação civil de direito privado, com finalidades culturais, sem fins lucrativos.

http://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/

## Blog Alan Rubens

No blog do autor Alan Rubens, o leitor terá a oportunidade de ler textos incríveis escritos pelo próprio Alan e também de autores convidados de todos os lugares, numa reunião de talentos eclética e divertida.

https://alanrubens.wordpress.com/

## O Sabor do Medo

Contos semanais de terror, escritos pelo autor Allan Fear, para ler gratuitamente!

Link do site:

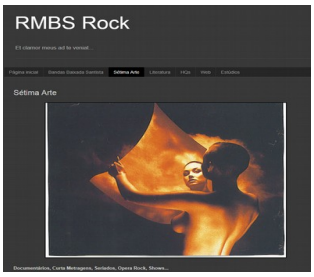
https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear

**Blog RMBS Rock** - Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

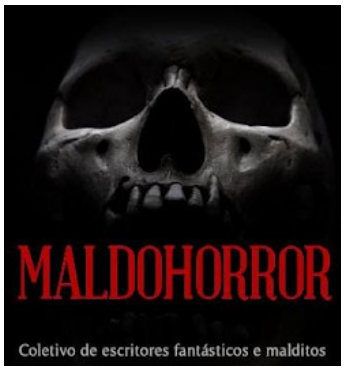
Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

**https://rmbsrock.blogspot.com/**




**"Mulheres Audiovisual"** - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe: **http://mulheresaudiovisual.com.br/**

MULHERES AUDIOVISUAL




## Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
**www.maldohorror.com.br**

Página do facebook:
**https://www.facebook.com/maldohorror/**

**Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden** - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

**https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/**

## Canal Sussurros Poéticos

O canal Sussurros Poéticos, criado pelo escritor Renan Caíque, traz poemas recitados dos mais variados autores. Experimente ouvir poemas para relaxar ou estudar os clássicos.

No canal, é possível encontrar poemas de Cora Coralina, Lord Byron, Tim Burton, Fernando Pessoa e muitos mais!

**https://www.youtube.com/c/RenanTempest/featured**

## Revue Cultive

A Revue Cultive - Revue Suisse de Culture et d'Art, é uma revista digital, editada em Genebra, pela Cultive-ArtPlus – Art-littérature e Solidarité (Cultive Arte Literatura e Solidariedade), voltada para a divulgação de autores lusófonos.

Criada em 2016 pela Valquíria Imperiano e com participação gratuita, a Cultive traz textos e trabalhos artísticos de todo o mundo. Conheçam a revista, acessem o regulamento e participem!

https://www.cultive-org.com/jornal-cultive

**Literatura já** - No canal e podcast "Literatura já", criado pela escritora Joyce Nascimento, você encontrará muita leitura e narração de textos: poesias, contos e crônicas autorais e de outros escritores. Entrevistas, bate-papo com convidados, dicas e informações sobre o que está acontecendo no mundo literário. Tudo em formato de áudio publicado toda sexta-feira, a partir das 19h. Fui convidada para conceder uma entrevista ao Literatura já e fiquei muito contente com o resultado, confiram!
Se inscrevam e não percam nenhum conteúdo!

https://open.spotify.com/show/7iQe21M7qH75CcERx5Qsf8

**Canal "Conto um Conto"** - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.
Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

**Podcast Toma aí um poema**

O Podcast Toma Aí um Poema tem com objetivo declamar o máximo de poemas brasileiros possíveis e disponibilizá-los em áudio para torna-los mais acessíveis, nos diferentes canais e formatos. Acesse o site e envie seu poema!!
https://www.jessicaiancoski.com/toma-ai-um-poema

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

**Modelo de envio de textos para publicação na revista**

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

**(no máximo 3 textos com até 3 páginas)**

**(texto – utilize fonte arial ou times new roman)**

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

**(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)**

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

# Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

LiteraLivre Publicações